



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

SIMONE MARIA MARTINS

**VOZES DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL:
DA FUNÇÃO SOCIAL AO PODER HUMANIZADOR DA POESIA**

**CASCAVEL – PR
2019**

SIMONE MARIA MARTINS

VOZES DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL:
DA FUNÇÃO SOCIAL AO PODER HUMANIZADOR DA POESIA

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Doutorado - área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados

Orientador: Prof. Dr Antonio Donizeti da Cruz

CASCADEL – PR
2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Martins, Simone Maria

Vozes da escrita feminina no Brasil : da função social ao poder humanizador da poesia / Simone Maria Martins; orientador(a), Antonio Donizeti Cruz, 2019.

150 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Poesia. 2. Escrita feminina. 3. Função social. 4. Poder humanizador. I. Cruz, Antonio Donizeti. II. Título.

SIMONE MARIA MARTINS

VOZES DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL: DA FUNÇÃO SOCIAL AO PODER HUMANIZADOR DA POESIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:


Orientador(a) - Antonio Donizeti da Cruz

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)


Alexandra Santos Pinheiro

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)


Maria de Fátima Gonçalves Lima

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)


Rita Das Graças Felix Fortes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)


Acir Dias da Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 28 de fevereiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela minha existência neste universo, no qual posso sentir que meus passos e pensamentos são guiados por essa força infinita que jamais se esgota. Tenho plena ciência que sem Deus em meus dias jamais seria quem sou e chegaria até aqui;

A meu pai Antonio Cristóvão Martins (*in memoriam*) e a minha mãe Maria Monteiro Martins, os quais sempre tiveram consciência da importância dos estudos em minha vida, incentivando e investindo incansavelmente em todo o meu percurso. Ao meu pai agradeço pela simplicidade e a minha mãe pela vitalidade, maiores heranças que levarei comigo;

A minha luz e filha, Luna Victoria Martins Coneglian, que há vinte anos estava em meu ventre e já me acompanhava pelas estradas que percorria em minha primeira especialização na busca incessante pelo conhecimento nas universidades públicas. Até no dia da prova escrita para seleção desse doutorado, enquanto eu dirigia ela me ajudava a revisar os principais tópicos dos conteúdos estudados;

Aos meus familiares que me acompanham e me apoiam diariamente nessa batalha. A minha irmã Maria Martins Vignoto, que nunca mediu esforços, estendendo sua mão para o que fosse preciso. A meu irmão Carlos Alberto Martins, que sempre esteve me amparando e socorrendo nos momentos difíceis. Aos meus sobrinhos Gabriel Martins Vignoto e Mateus Martins Vignoto, por toda leveza que trazem em meus dias, além do orgulho de ter um sobrinho escritor e outro cantor. E a meus cunhados Carlos Dalberto Vignoto e Débora Cristina da Mata, que acompanham e vibram junto com a família Martins em nossas vitórias;

Em especial a minha afilhada Doutora Taline Lazzarin Silva (formanda do curso de medicina da turma 2018 na Unioeste de Cascavel), que me conduziu e acolheu até este caminho, e ao meu amigo de estudos e poeta Sílvio Cesar Masquietto, que colaborou de forma direta e indireta nessa reta final;

Ao meu professor e poeta, Dr. Antonio Donizeti da Cruz, por toda sua sabedoria, sensibilidade e humanidade. Sabedoria que encanta e transborda por onde passa. Sensibilidade por ser uma grande referência nos estudos e pesquisas no gênero lírico. Humanidade por me aceitar como sua orientanda, me ofertando o privilégio de convivência, além de imensa paciência e tolerância;

Estendo meus agradecimentos a todo o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPL) da Unioeste, em especial a contribuição dos membros da Banca, professores doutores: Acir Dias da Silva; Lourdes Kaminski Alves; Rita das Graças Felix Fortes e às convidadas especiais, professoras doutoras Alexandra Santos Pinheiro da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Maria de Fátima Gonçalves Lima, da Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), e Diana Araujo Pereira, da Universidade da Integração Latino Americana (UNILA);

Sou grata à importante colaboração dos revisores textuais; durante a Qualificação, o professor e poeta Augusto Silva, e para a Defesa, a professora Dra. Annie Rose dos Santos, da Universidade Estadual de Maringá (UEM);

E ainda agradeço à Coordenação e Secretaria de curso do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, por toda a cordialidade prestada nesses cinco anos, em que, por muitas vezes, prevaleceu o senso de humanidade em detrimento das dificuldades encontradas nesse percurso.

O amor nos deixa em um estado de entrega, somos possuídos por ele, e isso é universal. A poesia em seus melhores momentos também faz isso. Assim como não podemos explicar a força do amor, também não entendemos o poder da poesia (WALCOTT, 2015).

MARTINS, Simone Maria. **Vozes da escrita feminina no Brasil**: da função social ao poder humanizador da poesia. 2019. 150 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR.

RESUMO

Esta tese apresenta uma pesquisa bibliográfica por meio dos estudos comparados que traçam e entrelaçam quatro vozes da literatura brasileira no campo da escrita feminina pela análise de três categorias: poesia, mulher e educação. Busca-se apontar evidências do quanto a mulher alcançou maior espaço na sociedade mediante a escrita, principiando por Nísia Floresta, que descreve uma realidade bem diferente dos dias atuais, quando lutou pelos direitos civis, políticos e sociais das mulheres. Ao traçar como ponto de partida os estudos em Nísia Floresta, pretende-se realçar sua importância na luta pela emancipação da mulher, cuja escrita foi a fonte principal para manifestar seu protesto contra uma sociedade machista, preconceituosa e segregadora, que não permitia à mulher participar da vida pública. Este estudo empreende uma análise comparada das vozes de Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado, mulheres que marcam a escrita poética feminina em prol da emancipação e liberdade social da mulher. A proposta tece o percurso de cada poeta, indicando o que as unem diante das categorias de análise referidas. A base metodológica propõe um estudo bibliográfico comparativo e de análise histórico-literária; nos estudos comparados, o suporte teórico-metodológico tem por base Clements (1978), Eduardo Coutinho e Tania Franco Carvalhal (1994) e na análise crítica e função humanizadora da literatura o respaldo é em Antonio Candido (2006). Almeja-se propiciar uma reflexão por intermédio de conceitos e definições de autores que destacaram o poder da poesia, elencados neste estudo, como principais referências: Aristóteles (1992), Camões (1984), Hegel (1980), Nietzsche (1995) e Kant (1996). Nas considerações finais, discorrem-se acerca das contribuições de cada uma dessas vozes tão marcantes na literatura brasileira, delineando a extrema relevância da escrita poética e sua função humanizadora, algo tão essencial para o desenvolvimento de uma sociedade menos preconceituosa e intolerante que emerge nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita feminina. Função social. Poder humanizador. Poesia.

MARTINS, Simone Maria. **Voices of feminine writing in Brazil**: from the social function to the humanizing power of poetry. 2019. 150 f. Thesis (Doctorate in Letters) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR.

ABSTRACT

This thesis presents a bibliographical research through comparative studies, which draws and interlates four voices of Brazilian literature in the field of female writing, through the analysis of three categories: poetry - woman - education. In the thesis, we sought to highlight the fact that women reached a larger space in society through writing, starting from the Nisia Floresta, which describes a very different reality today, where it fought against women's civil, political and social rights. Tracing the studies of Nisia Floresta as a starting point, we intend to emphasize their importance in the struggle for the emancipation of women, who used writing as the main source of protest against a segregated and chauvinistic society that did not allow women to take part in public life. In continuity with the thinking and poetic expressions of Nisia Floresta, this study seeks a comparative analysis in the voices of Cecília Meireles, Helena Kolody and Adélia Prado, women who mark feminine poetic writing for the emancipation and social freedom of women. For this reason, the proposal weaves the course of each poet, pointing out what unites them in the three categories of analysis. The methodological basis of this work proposes a comparative bibliographical study and historical-literary analysis. For the compared study it is sought as theoretical and methodological support Clements (1978), Eduardo Coutinho and Tania Franco Carvalhal (1994); jointly in the critical analysis and the humanizing function of literature in Antonio Candido (2006). In addition, a reflection is provided through concepts and definitions of authors who sought to highlight the power of poetry, listed in this study as main references: Aristotle (1992), Camões (1984), Hegel (1980), Nietzsche (1995) and Kant (1996). In the final considerations, the contributions of each of these voices that are so striking in Brazilian literature are outlined, outlining the extreme importance of poetic writing and its humanizing function, something so essential for the development of a less prejudiced and intolerant society, current days.

KEY-WORDS: Feminine writing. Social function. Humanizing power. Poetry.

MARTINS, Simone Maria. MARTINS, Simone Maria. **Voci di scrittura femminile in Brasile: dalla funzione sociale al potere umanizzante della poesia.** 2019. 150 f. Tesi (Dottorato in lettere) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR.

RIASSUNTO

Questa tesi presenta una ricerca bibliografica attraverso studi comparativi, che disegna e intreccia quattro voci della letteratura brasiliana nel campo della scrittura femminile, attraverso l'analisi di tre categorie: poesia - donna - educazione. Nella tesi si cerca di evidenziare quanto la donna abbia raggiunto uno spazio maggiore nella società attraverso la scrittura, partendo da Nísia Floresta che descrive una realtà molto diversa dai giorni nostri, dove combatteva i diritti civili, politici e sociali delle donne. Tracciando gli studi di Nísia Floresta come punto di partenza, si intende sottolineare la sua importanza nella lotta per l'emancipazione delle donne, che usava la scrittura come fonte principale per protestare contro una società machista, prevenuta e segregante, che non permetteva donna per prendere parte alla vita pubblica. In continuità con il pensiero e le espressioni poetiche di Nísia Floresta, questo studio cerca un'analisi comparativa tra le voci di Cecília Meireles, Helena Kolody e Adelia Prado, donne che segnano la scrittura poetica femminile per l'emancipazione e la libertà sociale delle donne. Per questo motivo, la proposta intreccia il corso di ciascun poeta, sottolineando ciò che li unisce nelle tre categorie di analisi. La base metodologica di questo lavoro propone una ricerca bibliografica comparativa e un'analisi storica e letteraria. Per lo studio comparativo, il supporto teorico e metodologico è stato richiesto Clements (1978), da Eduardo Coutinho e Tania Franco Carvalhal (1994); analisi e critica congiunte della letteratura e della sua funzione umanizzante da Antonio Candido (2006). Inoltre, una riflessione è fornita attraverso concetti e definizioni di autori che hanno cercato di evidenziare la forza della poesia, elencati in questo studio come i riferimenti principali: Aristotele (1992), Camões (1984), Hegel (1980), Nietzsche (1995) e Kant (1996). Nelle considerazioni finali, spiccano i contributi di ciascuna di queste voci, così sorprendenti nella letteratura brasiliana, che evidenziano l'estrema importanza della scrittura poetica e della sua funzione umanizzante, qualcosa di così essenziale per lo sviluppo di una società meno prevenuta e intollerante com'è oggi.

PAROLE-CHIAVE: Escrittura femminile. Funzione sociale. Potere umanizzante. Poesia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 NA TRILHA DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO – UMA VIAGEM NO TEMPO.....	30
1.1 A FORMAÇÃO DO BRASIL E O MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	30
1.2 UMA VIAGEM BIOGRÁFICA ENTRELACANDO AS HISTÓRIAS.....	35
1.3 UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL.....	37
1.4 A ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA.....	46
2 QUATRO VOZES DE AUTORIA FEMININA QUE RESSOAM NA LITERATURA BRASILEIRA.....	59
2.1 O PIONEIRISMO DE NÍSIA FLORESTA NA ESCRITA.....	59
2.2 A SUTILEZA DE CECÍLIA MEIRELES PELA LIBERDADE.....	67
2.3 A INQUIETUDE DE HELENA KOLODY EM BUSCA DO ESSENCIAL.....	74
2.4 A SERENIDADE DE ADÉLIA PRADO PELA HUMANIZAÇÃO.....	78
3 DA FUNÇÃO SOCIAL DA POESIA AO PODER DE HUMANIZAR.....	84
3.1 A FUNÇÃO SOCIAL E O PODER DA POESIA.....	86
3.2 O CLAMOR DE NÍSIA FLORESTA E OS DIREITOS DA MULHER.....	95
3.3 O ENTOAR DE LIBERDADE EM CECÍLIA MEIRELES.....	110
3.4 O SOM DE CONTEMPLAÇÃO EM HELENA KOLODY.....	115
3.5 O TOM HUMANIZADOR EM ADÉLIA PRADO.....	119
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
5 REFERÊNCIAS.....	134
5.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO – BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES, LIVROS E ARTIGOS.....	139
5.2 LEVANTAMENTO DOCUMENTAL – VÍDEOS.....	144
6 ANEXOS.....	145
6.1 CAPA DO LIVRO DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS (1833).....	145
6.1.1 DEDICATÓRIA DE NÍSIA NO LIVRO DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS (1833).....	146

6.2	CAPA DO LIVRO OPÚSCULO HUMANITÁRIO (1853).....	147
6.3	RASCUNHOS ORIGINAIS - CAPA DO LIVRO CÂNTICOS.....	148
6.3.1	RASCUNHOS ORIGINAIS – PENÚLTIMA POESIA DO LIVRO CÂNTICOS.....	149
6.3.2	VERSÃO DIGITADA – PENÚLTIMA POESIA DO LIVRO CÂNTICOS.....	150

INTRODUÇÃO

O *corpus* desta pesquisa consiste no estudo comparado de obras narradas por mulheres no Brasil e como suas interfaces vêm consolidando seu espaço na escrita, por meio de pesquisas em livros que versam sobre o percurso das vozes de Nísia Floresta¹, Cecília Meireles², Helena Kolody³ e Adélia Prado⁴, conjuntamente à análise da escrita poética dessas escritoras. O estudo começa abordando a escrita de Nísia Floresta, e em continuidade propondo uma linha do tempo, também foram elencadas três obras de cada escritora.

O processo histórico da escrita feminina contemporânea brasileira, tema deste estudo, serve-se da literatura comparada enquanto instrumento para analisar inicialmente as obras de Nísia Floresta. Pontua-se que esse fato merece notável atenção devido seu caráter pioneiro na literatura brasileira, resultante da coragem dessa escritora diante da condição da mulher desde o início do Brasil pós-colonial no século XIX.

Ao se partir da tese que discute a escrita feminina e as suas relações com o processo de humanização da sociedade, busca-se analisar o início da literatura feminina no Brasil, pautando-se em poemas e textos que denunciavam e criticavam a condição da mulher e a educação a estas dispensada no período imperial brasileiro.

Para o estudo das vozes poéticas, verifica-se o contraste na simbologia das quatro escritoras, as quais retratam em seus poemas a condição da mulher, as explicações do ser e do fazer poético, além do enfoque do poder da escrita para a emancipação feminina e da poesia para a humanização da sociedade. Encontram-se nas quatro poetisas significativas referências à literatura brasileira e é possível aferir, por meio de seus registros, o percurso e o pensamento da mulher desde o

¹ Dionísia Gonçalves Pinto – poeta, professora, pioneira na imprensa brasileira, escritora de inúmeros livros de poesia (nascida em 1810, em Papari – RN).

² Cecília Benevides de Carvalho Meirelles – poeta, professora, musicista, escritora de inúmeros livros de poesia (nascida em 1901, no Rio de Janeiro – RJ).

³ Helena Kolody – poeta, professora, haicaísta, escritora de inúmeros livros de poesia (nascida em 1912, em Cruz Machado – PR).

⁴ Adélia Luzia Prado de Freitas – poeta, professora, filósofa, contista, escritora de inúmeros livros de poesia (nascida em 1935, em Divinópolis – MG).

século XIX até os dias atuais, contribuindo para analisar o surgimento da escrita feminina no Brasil contemporâneo.

Este estudo busca conceitos de escritores que observam a essência do poder da poesia, aplicado aos conceitos de arte, antropologia, sociologia, filosofia e estética. Inicialmente trata-se de Antonio Candido, o qual discorre sobre a função social da literatura e se finaliza com ênfase no pensamento kantiano acerca da relevância da arte no processo de humanização da sociedade. Com essa discussão, espera-se possibilitar, observar e encontrar subsídios que permitam, nessa vertente, analisar sua importância dentro do contexto literário.

Nesse sentido, a tese defendida com esta pesquisa procura destacar, na historiografia literária, as quatro escritoras referidas, as quais ressoam em suas vozes poéticas a conquista do espaço da mulher brasileira bem como o evidente poder da poesia para o processo de humanização da sociedade. Considera-se de grande relevância os estudos comparados na literatura feminina e a propagação da escrita poética.

O tema desta pesquisa delimita dois recortes distintos: analisar como a mulher contemporânea tem conquistado espaço e se emancipado no cenário literário no Brasil contemporâneo e a importância do poder da poesia para o processo de humanização da sociedade. Mediante conceitos e definições de autores que discutem essa temática, creditam-se como principais referências Aristóteles, Camões, Hegel, Candido, Nietzsche e Kant.

Esta tese divide-se em quatro capítulos; o primeiro tem como propósito uma breve contextualização histórica do Brasil contemporâneo, da história das mulheres e da escrita feminina no Brasil, além de uma abordagem biográfica que mostra as implicações sociais e temporais entre as histórias das escritoras em tela. Nesse capítulo, convida-se a uma viagem no tempo, com o olhar na escrita feminina, destacando as diversas mulheres que marcaram seu tempo desde o início de colonização no Brasil.

Após o trajeto histórico, o segundo capítulo segue os estudos biográficos das obras dessas escritoras brasileiras tendo como percurso inicial a voz de Nísia Floresta, importante feminista que mesmo tendo se firmado no cenário internacional, foi pouco conhecida como poeta e por seus livros e poesias no Brasil. Em seguida,

dá-se continuidade ao trajeto cronológico da viagem biográfica e literária de Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado.

No terceiro capítulo deste trabalho apresenta o estudo sobre as vozes dessas escritoras, partindo da leitura de diversas obras. Como fundamentação teórica para análise, foram selecionados três livros publicados por cada uma dessas escritoras. O critério de seleção dessas obras segue a metodologia dos estudos comparados e da análise histórico-literária. No caso de Nísia Floresta, são analisadas as obras *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), livro traduzido por ela, o livro *Opúsculo humanitário* (1853), nas quais aponta sua defesa na educação de meninas e do ensino de maneira geral, e *Cintilações de uma alma brasileira* (1859), especificamente o ensaio intitulado “Mulher”, uma obra escrita na França que relata a situação da mulher de sua época.

Em continuidade a esse capítulo, explorando o pensamento poético da literatura feminina, esse recorte busca na poética das escritoras Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado analisar o percurso da escrita feminina no Brasil. No caso de Cecília Meireles, são analisadas as obras *Espectros* (1919), *Viagem* (1976) e *Canções* (1956). De Helena Kolody, as obras *Viagem no Espelho* (1988), *Paisagem Interior* (1941) e *Sinfonia da Vida* (1997). E, na análise dos escritos de Adélia Prado, as obras *Bagagem* (1976), *Coração Disparado* (1979) e *Miserere* (2013). A escolha das obras dessas poetisas deve-se à postura relevante, de acordo com os traços apontados por Nísia Floresta, que as unem em três aspectos, objetivados nas categorias: poesia – mulher – educação.

O quarto capítulo expõe as considerações finais do trabalho e propõe-se a abordar o resultado da pesquisa pautado no discurso de Adélia Prado, a poeta contemporânea que tem marcado de forma ainda mais intensa e relevante sua defesa sobre o poder humanizador da poesia, ponto principal da investigação. Em que os ensaios desses pensadores permitiram analisar as contribuições para as reflexões em pauta, interligando a função social da poesia e seu poder de humanizar.

Nesta tese de cunho acadêmico-científico, retoma-se a pesquisa iniciada em 2011⁵, que propunha o resgate da memória de uma das mais ilustres feministas que contribuiu para a discussão ideológica sobre a condição da mulher, em um período delicado, durante o século XIX, em que viveu a primeira poeta brasileira, em uma época marcada pelo “machismo” e a intolerância masculina frente aos direitos da mulher de inserir-se na vida social.

Naquele momento histórico iniciou-se a construção da mulher contemporânea no Brasil que, em princípio, estava extremamente arraigada aos afazeres domésticos. Mesmo quando tinha acesso à educação formal, toda a ideologia propagada pelos meios educativos e a literatura reforçavam esse modelo de mulher submissa.

No cenário em que surgiu Nísia Floresta percebe-se sua luta, por meio da escrita, para posicionar-se contra sua condição social. Ela sustentava a ideia de que a mulher deveria buscar os meios científicos e políticos para sua verdadeira emancipação e defendia que, por meio da educação e da literatura, seria possível construir uma nova identidade, um novo perfil de mulher. Em seus poemas, Nísia clama que a mudança deve ser iniciada pela mulher, afinal pertence a ela a primeira educação dos homens, conforme cita:

Mostrai-vos todas generosas, ó mulheres; em vez de gritar contra os erros, e injustiças, dos quais sois vítimas, procurai com vossa natural doçura, com uma bondade inalterável, e com prudentes observações, extirpá-los de seu transviado espírito, e pô-lo no bom caminho, o caminho da felicidade [...] (FLORESTA, 1997, p. 129).

São abordadas hipóteses com o objetivo de questionar, em primeira instância, qual era a situação da mulher no cenário da literatura brasileira no século XIX? Quais foram as mulheres que marcaram a luta por seus direitos? Seria mesmo Nísia Floresta a primeira escritora e feminista no Brasil? Em que aspectos as expectativas e perspectivas de Nísia Floresta a aproximam da mulher da atualidade?

Ao analisar a literatura brasileira ao longo do século XX, considera-se que a voz da mulher ganhou espaço por meio de escritoras consagradas no cenário

⁵ Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso na licenciatura em Ciências Sociais, no período de 2009 a 2011, na Universidade Metodista de São Paulo – Umesp – Londrina, Paraná.

literário. Por isso, optou-se por continuar na trilha da escrita feminina brasileira, estudando os poemas de outras três escritoras que se destacaram e se consagraram como ícones da literatura feminina. Por intermédio das obras e da seleção de poemas que conversam ou divergem entre si, são analisadas as obras de Nísia Floresta, Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado, ressaltando principalmente o eu-lírico contido em suas metapoesias, observando sob a ótica das categorias de análise, averiguando-se de que forma a mulher expressa seu pensamento, sua autoimagem e suas ideologias.

Nesse pressuposto, diante escolha metodológica nos estudos comparados, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica, trazendo como fonte de consulta o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

No tocante ao que se pesquisou no levantamento bibliográfico (item 5.1) no banco de teses e dissertações, encontraram-se diversas pesquisas no campo metodológico dos estudos comparados e da escrita feminina. Em relação aos estudos comparados, não se encontrou um título específico com essa temática que reúna a escrita feminina, as quatro vozes e a fundamentação teórica entre a função social e o poder de humanizar da poesia. De forma individual, encontraram-se diversos estudos na escrita feminina com foco nas quatro escritoras. Algumas teses e dissertações foram utilizadas neste trabalho como fonte de leitura e citações, selecionando-se no mínimo uma ou duas de cada escritora.

Assinala-se que foi encontrada uma significativa parcela de trabalhos para leitura, porém não foi possível detectar alguma tese que suprimisse as categorias de análise. Somente em Adélia Prado existe uma entrevista na qual profere um discurso em defesa desse viés ideológico. Por isso, houve algumas tentativas de contato com a escritora, para que pudesse responder uma entrevista em forma escrita. Mas por motivos de saúde, isso não foi possível de se concretizar. No entanto, diante de suas obras, principalmente o livro *Miserere*, sua voz e escrita poética foram capazes de responder ao principal propósito deste trabalho.

Como norte da pesquisa bibliográfica, foram realizadas pesquisas e leituras em diversas obras das escritoras selecionadas, buscando catalogar quais seriam os principais *corpus* que contribuíssem para os estudos comparados diante da definição das categorias de análise deste trabalho. Em conjunto com o levantamento bibliográfico, foram também definidos os pressupostos metodológicos adequados para análise das categorias desta tese. Pela literatura comparada, o referencial é a abordagem de Clements (1978), que delimita e define o método comparativo em literatura, além da contribuição de Antonio Candido (2006) para a análise histórico-literária das obras selecionadas das poetisas em estudo que estão em evidência no *corpus* desta pesquisa.

O objetivo central deste estudo tem como foco abordar teoricamente e propor reflexões sobre o poder da poesia na sociedade. Para tanto, levantaram-se leituras, coletaram-se textos de autores que trazem em seu discurso um cuidado especial ao descrever conceitualmente o poder da poesia, como Nietzsche em seu livro *Ecce Homo*⁶, no qual se encontraram as definições que contribuem para refletir porque alguns têm em si um eu-poético aguçado e facilmente o expõem por meio de palavras escritas. Não se encontram respostas diretas nas palavras de Nietzsche, além dos demais pensadores abordados na sequência, mas em todos eles atenua-se uma preocupação em compreender a si mesmo, e a intencionalidade da arte no contexto voltado para a escrita poética.

Nesse ponto de reflexão do segundo momento da tese, traz-se para discussão a questão da função social de humanização da poesia. Analisa-se o discurso de Kant relativo ao poder da arte em humanizar o indivíduo. Diante da proposta deste estudo de investigação bibliográfica, o que se apresenta propõe a continuidade da voz de Adélia Prado, a qual se faz necessário um amplo debate, para que se discuta sobre o poder humanizador da poesia.

A proposta principal desta tese debruça-se nos estudos comparados em obras bibliográficas face à necessidade de investigar de que forma a mulher vem construindo seu espaço por meio da escrita feminina, entrelaçando ao processo histórico o poder da poesia em humanizar a sociedade. Mesmo diante do processo

⁶ Última obra de Nietzsche escrita em 1888, considerada um balanço geral de sua vida e pensamento (Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza, 1995).

de emancipação feminina, que inseriu a mulher no mercado de trabalho de forma mais abrangente, principalmente devido à segunda guerra mundial e à revolução industrial, a questão é compreender se as críticas apontadas por Nísia Floresta ainda estão presentes na formação da mulher contemporânea. Por isso, é extremamente válido o diálogo com outras escritoras que marcaram a lírica do Brasil.

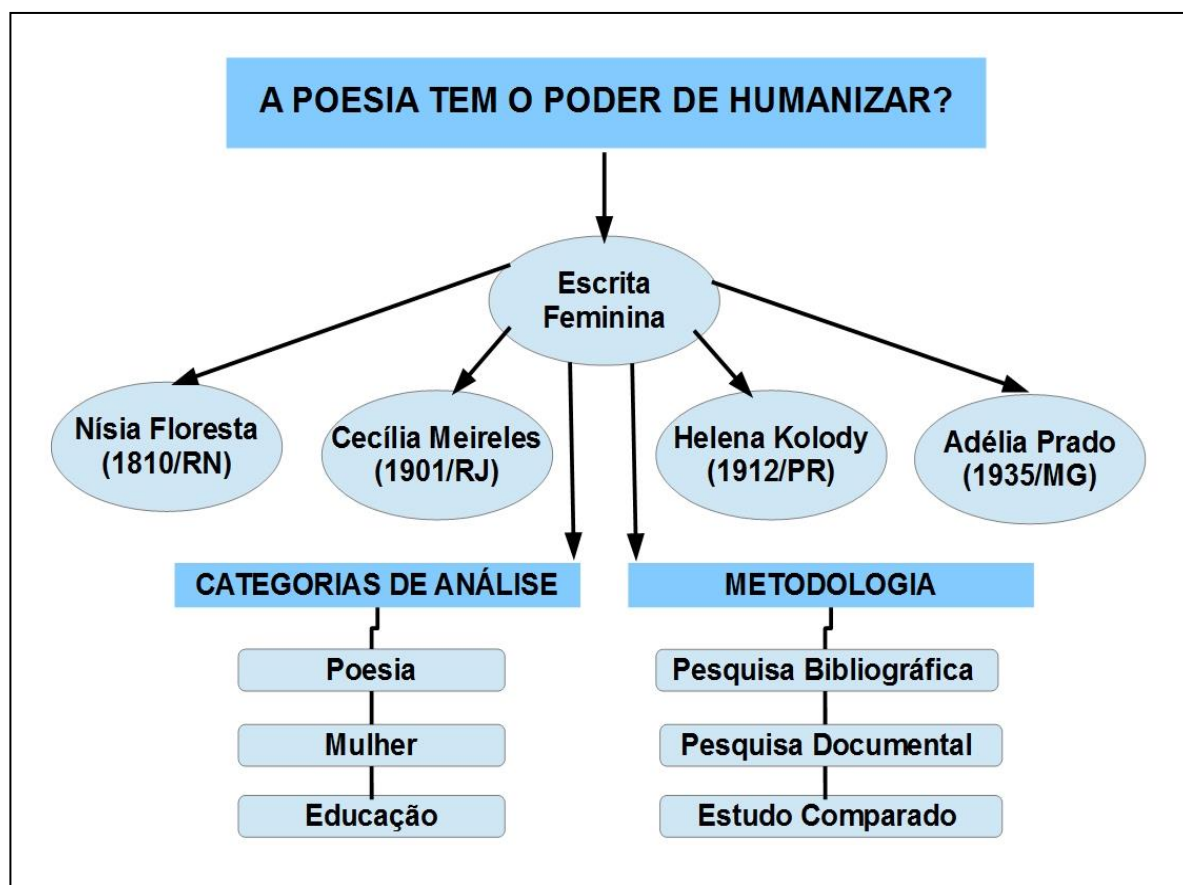
A base metodológica deste trabalho propõe um estudo bibliográfico comparativo e de análise histórico-literária, focado em dois eixos centrais. O primeiro eixo na investigação literária, discorre acerca da identidade feminina no Brasil, analisando o percurso da escrita feminina por meio das quatro escritoras. O segundo eixo volta-se à análise conceitual sobre o poder da poesia sob o viés artístico, antropológico, sociológico e filosófico, por meio do discurso e ensaios de autores em destaque que sustentam a tese do poder da poesia interligada ao processo da humanização da sociedade por intermédio da educação.

Ao se considerar a necessidade de contextualização e posicionamento crítico, elencam-se alguns passos metodológicos específicos que se fizeram necessários:

- a) Levantamento de leituras bibliográficas e documental: específicas do *corpus* da pesquisa; e teóricas, com vistas a uma melhor explicitação do referencial epistemológico;
- b) Revisão de literatura que tematiza a condição da mulher brasileira pelas referências dos textos tomados para análise e estudo comparado nas poesias em estudo;
- c) Análise conceitual da função e do poder da poesia traçado no referencial teórico para apontar sua relevância no processo de humanização da sociedade.

Ao se considerar o tipo de estudo delimitado nesta pesquisa e diante dos pressupostos deste estudo, a proposta metodológica para obtenção dos dados foi aplicada da seguinte forma, conforme exposta no Esquema 1 e Tabela 1.

Esquema 1: Proposta Metodológica



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Tabela 1: *Corpus da Pesquisa*

OBRAS PRINCIPAIS	PERGUNTAS NORTEADORAS
Nísia Floresta - <i>Direito das mulheres e injustiça dos homens</i> - <i>Opúsculo humanitário</i> - <i>Cintilações de uma alma brasileira</i>	• É possível alguma identificação, aproximação ou distanciamento diante das obras em análise? • Em que a literatura pode colaborar para a construção da identidade da mulher? • Qual identidade de mulher é revelada nos poemas das poetisas em destaque? • A literatura feminina tem colaborado para a construção da identidade e emancipação da mulher? • Qual a função social da escrita feminina? • É possível estimular o processo de humanização por meio da poesia?
Cecília Meireles - <i>Espectros</i> - <i>Canções</i> - <i>Viagem</i>	
Helena Kolody - <i>Paisagem interior</i> - <i>Viagem no espelho</i> - <i>Sinfonia da vida</i>	
Adélia Prado - <i>Bagagem</i> - <i>O coração disparado</i> - <i>Miserere</i>	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ao se partir dos pressupostos metodológicos descritos, busca-se a construção de cada capítulo conforme explicita-se nas próximas linhas.

No primeiro momento, foi realizada uma narrativa na trilha da escrita feminina nas quatro vozes por meio de uma viagem na história, entrelaçando cada escritora, inicialmente, mediante Nísia Floresta consagrada pioneira na literatura brasileira, que deixou suas marcas na escrita feminina, e na sequência Cecília Meireles, que se consagra em seu momento histórico literário. Em seguida, perpassando paralelamente a história de Helena Kolody, que atua por algum tempo durante o mesmo período que Cecília Meireles e que até mesmo defere uma carta de menção ao brilhantismo de Kolody e seu pioneirismo nos haicais. Ao final com Adélia Prado, que nascia na época em que Meireles e Kolody consolidaram suas vozes por meio da poesia. Nesse sentido, Adélia Prado torna-se o elo entre essas poetisas sendo a resposta aos dias atuais, reunindo em seu lirismo a poesia, a mulher e a educação.

Em um segundo momento, foram trazidas as principais obras que aproximam o objeto de estudo e a tríade das categorias de análise unindo o discurso e o lirismo marcados por essas quatro vozes. A reflexão introdutória abarca uma discussão sobre as escritoras ante suas obras considerando artigos, monografias, dissertações

e teses que estudam e discutem sua produção literária. Na sequência, são levantadas as principais características das obras selecionadas, de forma linear, abrangendo as produções já elencadas como *corpus* principal.

No terceiro momento, seguem propostas, discussões e reflexões conceituais relativas ao poder humanizador da poesia diante de teóricos que nesta tese são considerados essenciais e ensaios relativos ao pensamento da arte poética em Aristóteles (1992), o poder antropológico da poesia em Camões (1984), o poder sociológico da poesia em Antonio Candido (2006), o poder filosófico da poesia em Friedrich Nietzsche (1995), o poder estético da poesia em Friedrich Hegel (2004) e a defesa de Immanuel Kant (1999) sobre o poder da arte no processo de humanização.

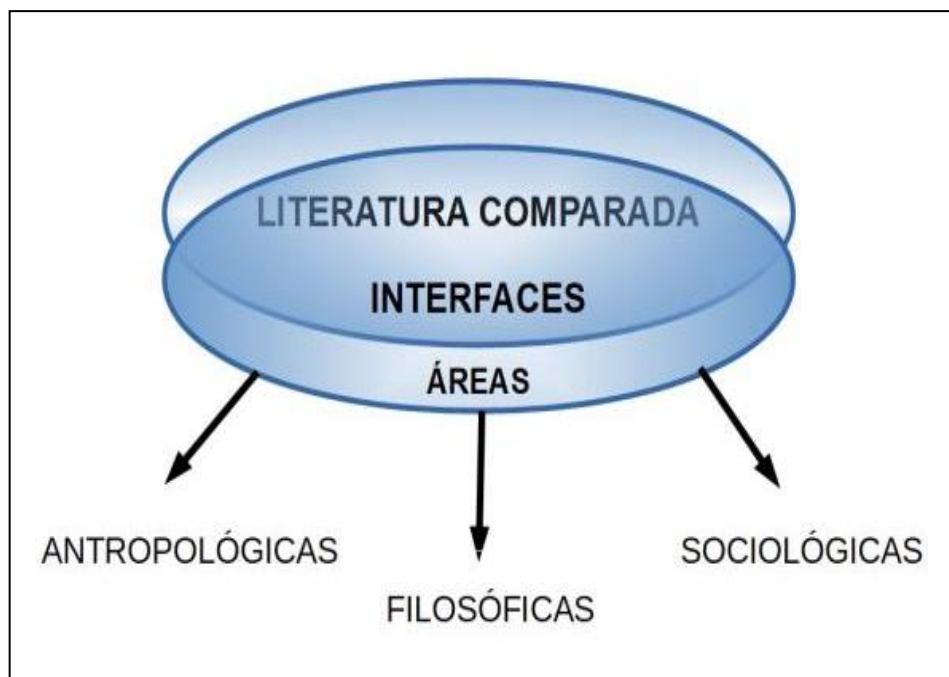
No quarto momento, analisa-se reflexivamente a tríade que une as vozes dessas grandes poetisas brasileiras e retrata: a poesia, a mulher e a educação. Por intermédio da poesia, a mulher é o grande tema que aquece o poder de inspiração das escritoras e a educação é marcada pela dedicação pedagógica que as escritoras mantiveram durante o percurso de suas vidas, afora o cunho educativo que seus discursos promoviam. Na aproximação e tentativa de aprofundar esta pesquisa, busca-se, por meio da análise de entrevistas (vídeos/escrito), destacar o pensamento de Adélia Prado e sua defesa do poder humanizador da poesia.

Como suporte metodológico, a abordagem concentra-se na fundamentação do livro *Literatura Comparada na América Latina*, assim como em Tania Carvalhal e Eduardo Coutinho no livro *Literatura Comparada: Introdução* (1994), e em Coutinho (2003), no livro *Literatura comparada na América Latina: ensaios*, e em Robert Clements (1978), no livro *Comparative literature as academic discipline*, referências dos estudos em literatura comparada, junto a Antonio Candido (2006), em suas concepções e interpretações sociológicas na obra *Literatura e Sociedade*.

A teoria de Clements (1979), quando apresenta o livro *Comparative Literature as Academic Discipline*, aponta que, a partir de 1976, o *Committee American Comparative Literature Association (ACLA)* foi avançando em sua definição quanto à literatura comparada não somente como forma de comparar ou diferenciar obras literárias. Atualmente define-se como metodologia para os estudos da literatura comparada como são as *interfaces*, ou seja, qual sua junção com outras áreas. Nesse âmbito é possível analisar as quatro vozes e seus *corpus*, e suas correlações

com as funções da literatura, em junção ao seu poder antropológico, filosófico e sociológico.

Esquema 2 – Dimensões da Literatura Comparada



Fonte: *Comparative Literature as Academic Discipline* (CLEMENTS, 1978, p. 21).

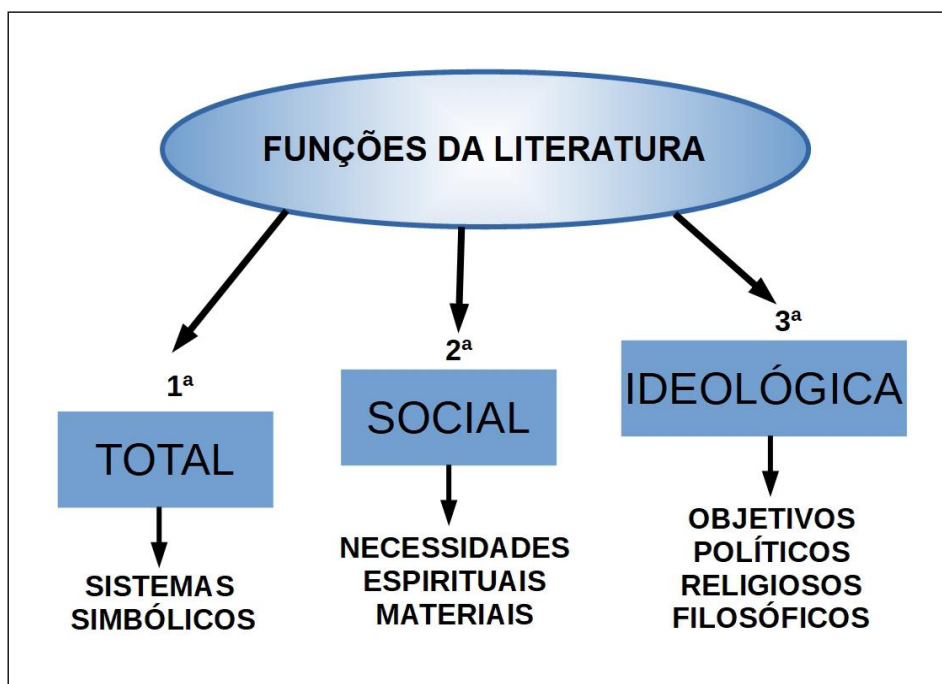
A metodologia nos estudos comparados permite compreender a linguagem histórico-literária de cada poeta, assim como a análise crítica-literária do percurso da escrita feminina no Brasil contemporâneo.

A literatura, como 'uma atividade sem sossego', confirma e nega, propõe e denuncia; 'não *corrompe* nem *edifica*', mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 2006, p. 74. Grifos do autor).

Ao corroborar a citação de Antonio Candido (2006), neste estudo se propõe a destacar o quanto a literatura pode interferir na construção da identidade para a humanização sociedade. Esta tese tem a função de articular a questão entre escrita feminina e o poder da poesia. Consideram-se os estudos de Candido (2006)

fundamentais para basilar o alicerce teórico-metodológico e subsidia-se de suas leituras para compreender e discutir a função social da literatura, pois este autor proporciona uma lente para a análise crítica literária.

Esquema 3 – Funções da Literatura



Fonte: Literatura e Sociedade (CANDIDO, 2006, p. 53).

Com a finalidade de contribuir com o percurso metodológico proposto, é válido ressaltar as considerações de Cohen (1987, p. 114), que trata a escrita poética como uma “impossibilidade de tradução”, e ao mesmo tempo, classifica a linguagem poética em “a) natural; b) cultural; e; c) pessoal” (p. 143). Essas definições atendem a análise interpretativa na poética das quatro vozes que se propõe neste estudo comparado.

Na análise qualitativa, Cohen (1987) define como uma transformação qualitativa, em seu livro *A plenitude da linguagem (teoria da poeticidade)* (1987), e evidencia a forma como é exposto cada poema, abrangendo as dimensões de identidade e qualidade, traços marcantes na escrita de cada poeta. Abrange também a análise quanto a transposição ideológica da poesia, da mesma maneira que se identificou em Antonio Candido (2006), ao definir as funções da literatura, tendo

como pressupostos os objetivos políticos, religiosos e filosóficos, qual também revelam muito a identidade e qualidade de cada escritora.

Com o intuito de abordar brevemente o surgimento da escrita feminina no Brasil, o referencial teórico tem como base duas obras para analisar o histórico da mulher e alguma relação com Nísia Floresta. Nesse sentido, encontra-se nos livros *Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios*, de Maria Amélia de Almeida Teles⁷ e *Viajeras entre mundos*, dos organizadores Losandro Antonio Tedeschi e Sara Beatriz Guardis, que traz o artigo “*Nísia Floresta: Una viajera brasileña en el viejo mundo*”, escrito por Cláudia Luna.

Nesse contexto histórico encontra-se Nísia Floresta, considerada uma positivista e idealista da literatura e uma fonte de valores e mudanças de comportamento: um escândalo para a sociedade de um país imperialista. Assim fazia intencionalmente ao difundir suas obras literárias, sendo fundadora de colégio para mulheres no Rio de Janeiro. Nísia escrevia poesias voltadas para suas alunas, demonstrando preocupação com a construção de valores e de identidades. Acreditava em um modelo ideal de mulher, particularmente por discordar do modelo existente naquele momento histórico.

Em contraposição ao pensamento de Nísia Floresta, propõe-se apontar a visão de Antonio Candido (2006, p. 75) quando afirma: “a verdade da literatura não está na intenção do autor”, acreditando que a intenção pode ser um estímulo à criação literária, “mas a verdade própria da literatura é o texto, não o contexto de intenções e estímulos que estão na sua origem”.

Salienta-se que nas obras de Nísia Floresta revelam uma ideologia feminista, que descrevia, denunciava e clamava pela emancipação da mulher. Nísia buscou a difusão dos ideais que defendia e esta pesquisa propõe-se a compreender de que forma essa autora introduziu a literatura poética na construção da identidade feminina.

A maior obra de referência para analisar o discurso ideológico de Nísia Floresta frente à emancipação feminina está presente em seu primeiro livro

⁷ Maria Amélia de Almeida Teles, ou simplesmente Amelinha, é ativista, foi presa política durante a ditadura militar no Brasil, integra a União de Mulheres de São Paulo, faz parte da coordenação de projetos Promotoras Legais Populares, atua também na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e foi assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” (2017, Nota de orelha).

publicado, intitulado *O direito das mulheres e a injustiça dos homens*⁸. Editado pela primeira vez em 1932, o texto foi uma tradução e interpretação de uma escritora inglesa. Nísia, apropriando-se dessas palavras, defendia a inclusão da mulher na educação voltada para a ciência e frisa a importância de um elevado avanço intelectual, expressa em sua proposta de educação, não só a formação da conduta moral, mas também na ocupação dos espaços públicos e literários.

Essa obra foi uma tradução de Nísia Floresta, da tradução de Wollstonecraft escrita por Montagu, obra que repassava os ideais sufragistas dividida em três capítulos, trata das questões levantadas pela autora em relação ao conceito que os homens tinham das mulheres; aborda a inferioridade feminina diante dos homens, e defende a capacidade das mulheres em ensinar ciências. Essas questões talvez pareçam distantes da realidade, mas são pertinentes para a análise comparativa em debate, buscando perceber o que realmente mudou no tocante ao que escritoras como Nísia denunciavam.

Vale realçar o contexto histórico no qual Nísia Floresta descreve no que tange ao pensamento do homem. Denunciava que eles defendiam a ideia de que as únicas funções da mulher seriam a procriação, a nutrição dos filhos, a regência do lar, a servidão, a obediência e para dar prazer aos seus esposos. Nísia Floresta critica os homens por manifestarem em sua postura social, a crença que acreditavam: as mulheres foram criadas para eles; ao contrário, a escritora afirmava que ainda provaria que os homens foram criados para o uso das mulheres. Os fatos que destacavam sua defesa pautavam-se na função que a mulher tinha ao nutrir as crianças, assim como a de gerá-las.

A segunda obra de Nísia Floresta reporta-se às duras críticas que emitiu corajosamente ao sistema de ensino daquele momento histórico no Brasil. O *Opúsculo Humanitário* pode também ser considerado um discurso altamente elaborado, na qual também ressoa a devoção religiosa da autora.

Ao analisar essa obra, entende-se que foi preciso uma pesquisadora de outro país para salientar o trabalho de uma das mais influentes feministas no Brasil. Dessa

⁸ Tradução de Mary Wollstonecraft – 1759/1797 e escrita por Mary Wortley Montagu – 1689/1762.

forma, a professora Sharpe-Valadares⁹ aponta que o pensamento e a ação de Nísia Floresta são um exemplo de contribuição literária dos mais raros e, sob dois aspectos, pelo menos, servem para desvelar o passado histórico das mulheres: 1) como uma fonte pela autora mesma personificada; e 2) pelo contraste do quadro histórico em que se situa, por ela vividamente retratado, contra o qual edifica a sua obra multifária.

Ainda na introdução da obra, Sharpe-Valadares assinala que os esboços biográficos de Socorro Trindad e Zélia Maria de Bezerra Mariz mostram que, através de Nísia Floresta, o feminismo brasileiro, não obstante a escassez de documentos e a dificuldade de encontrá-los, tem feito para reescrever o passado histórico da mulher no Brasil.

Nesse viés histórico da mulher, Nísia Floresta declara que somente na Grécia antiga, graças a influência socrática aponta-se o surgimento da exaltação feminina. A mulher começa a não ser mais vista somente como fonte que sacia os homens. Na sabedoria grega, é apreciada por sua inteligência e sua força voltada para os trabalhos espirituais.

O texto *Opúsculo Humanitário* faz parte de uma compilação de artigos publicados na imprensa durante o período da monarquia brasileira. Cabe refletir sobre o que essa obra significou para a sociedade daquele momento, inclusive com diversos conteúdos de difícil acesso. Discute e aborda diversas obras e autores, tais como Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Descartes, e cita como defensores do direito do sexo Wollstonecraft, Condorcet, Sièyès e Legouvê. Nesse percurso de estudos relativo ao perfil das mulheres, Nísia encontra aspectos relevantes e os destaca na cultura da mulher norte-americana, contextualizando-a enquanto fonte mais apropriada e emancipadora.

Neste estudo Nísia Floresta será parâmetro inicial das vozes femininas. Em continuidade às vozes e poesias, considerando as categorias de análise, apresentam-se Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado, entrelaçando com

⁹ Sharpe-Valadares residiu no Brasil (1979 a 1982) como professora visitante-adjunto da Universidade Federal do Maranhão e, quando retornou à Universidade de Illinois (EUA), lecionou Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, continuou pesquisando e escrevendo ensaios sobre escritoras brasileiras.

os poemas de vozes dessas poetisas. Mas para isso, debruçam-se nos estudos e concepções referentes ao poder da poesia.

Aquilo que se traz de interno, que muitas vezes é sufocado pelas influências externas devido à condição que a sociedade impõe em determinado momento histórico, encurrala ao dever de responder à altura de padrões e exigências, até mesmo na poesia. Mesmo que se esgotassem todas as formas de fundamentações teóricas quanto a estudos e explicações diante do poder da poesia, não se prevê uma forma de alcançar a resposta. Talvez porque a poesia não se explica, a poesia se sente; porque a poesia não encarcera, a poesia liberta. Ou ainda porque a poesia seja a maior expressão universal do sentimento de entrega; enfim, é o estado humano da arte, bem como é a arte de esculpir palavras, imagens, cenas, ritmos, movimentos que entoam emoções.

Diante desses pressupostos teóricos, apresenta-se nesta pesquisa a mesma inquietação anunciada por Bosi (2000, p.9): "[...] pergunto-me de novo - e com a mesma inquietação de vinte e cinco anos atrás - o que faz de um poema *poesia*, e como esta resiste à usura do tempo, roedor silencioso de tantas coisas".

Ao se considerar a poesia uma expressão universal, complementa-se com as reflexões de Bosi (2000, p. 9) quanto ao *corpus* catalogado: "O alvo a atingir era e ainda é compreender a linguagem que combina arranjos verbais próprios com processos de significação pelos quais sentimento e imagem se fundem em um tempo denso, subjetivo e histórico". Isso se realiza por meio da subjetividade de cada voz, alçando da crítica literária e histórica que percorre dois séculos para analisar as interfaces mediante as categorias de análise, face a vida e obra de cada poeta, resultados dos estudos comparados.

Morin (2006, p.45) esclarece que "a poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana". Essa dimensão é o fio condutor que reúne as quatro vozes em tempos distintos.

Valem-se também das orientações de Humberto Eco (2001, p.12): "a leitura da obra literária nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação". Assim, serão respaldadas todas as obras literárias utilizadas,

partindo do princípio do respeito e da liberdade de interpretação aos poemas selecionados e expostos nos próximos capítulos.

Ao se pautar nos apontamentos de Humberto Eco, debruça-se nesse conceito o aprofundamento na análise da poética de Nísia Floresta, Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado, propondo-se a discorrer sobre essas vozes em busca de contextualizar o poder de humanização da poesia. Por isso nesta tese se debruçam nas obras dessas poetisas por meio de livros selecionados que se aproximam das categorias dessa tríade: poesia – mulher – educação, conforme o fio condutor desta pesquisa ante o pioneirismo da escrita poética de Nísia Floresta.

1 NA TRILHA DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO – UMA VIAGEM NO TEMPO

Ao propor um caminho na trilha da escrita feminina, convida-se para uma viagem no tempo, em um percurso que abarca duzentos anos de história, tendo como ponto de partida o nascimento da primeira escritora brasileira, Nísia Floresta, no Estado do Rio Grande do Norte.

Para trilhar essa viagem, faz-se necessário discorrer sobre o percurso histórico-literário da mulher no Brasil, por intermédio da história do feminismo. Acredita-se que ao trazer a memória de algumas mulheres nesse contexto histórico, torna-se mais consistente a compreensão de alguns altos e baixos sobre a conquista do espaço da mulher na sociedade brasileira.

1.1 A FORMAÇÃO DO BRASIL E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Antes de iniciar essa viagem ao tempo, percorrendo a história das quatro poetisas que permeiam esta tese, propõe-se um resgate histórico e sociológico, por meio dos estudos de Caio Prado Júnior, eleito nesta pesquisa como grande referência crítica ao se analisar o livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, originalmente publicado em 1942.

Prado Júnior apresenta em sua obra de cunho marxista o período de transição do Brasil colônia para a formação de uma nação. Nesse processo histórico, pontua-se o Brasil contemporâneo descrito nesta tese. Para adentrar no período em que no Brasil vivia Nísia Floresta, deve-se compreender qual perfil desse país movido por uma sociedade imperial e diante desse cenário propõe-se a iniciar desse ponto de partida até chegar à escrita feminina dos dias atuais na trilha histórica de Adélia Prado.

Ao pensar em nossa atualidade, vale lembrar a forma que Sevcenko (2001) descreveu a corrida do século XX como a imagem de uma montanha-russa, com todas as vertigens e adrenalinas. De acordo com o autor, essa fase vigorou entre os séculos XVI ao XIX, em uma corrida desenfreada da burguesia, motivada pela

revolução industrial que culminou também no movimento sufragista, do qual se aborda ao tratar das obras de Nísia Floresta (SEVCENKO, 2001, p. 14).

Bauman (2004) também retrata esse cenário por ele denominado modernidade líquida e aponta as fragilidades nos laços humanos. Em sua obra, utiliza como ponto de referência a Robert Musil, especificamente *Der Mann ohne Eigenschaften*: o homem sem qualidades, e compara esse modelo como resultado dessa sociedade líquida e sem vínculos. Fruto de uma modernidade que tinha pressa em chegar, mas quando alcançou a contemporaneidade, após essa corrida, desligou-se dos laços que hoje precisa voltar a se conectar. Mas estes laços não são capazes de preencher nenhuma lacuna deixada pelos vínculos obsoletos (BAUMAN, 2004, p. 07).

Prado Júnior (1972) denomina esse Brasil como um período de transição, “um ponto morto”, “uma etapa decisiva” devido à sua análise dos três séculos de colonização como peças fundamentais para interpretar o processo histórico no Brasil atual (PRADO JÚNIOR, 1972, p. 09). Por isso, enquanto o mundo contemporâneo estava nessa montanha-russa desenfreada e a todo vapor, o Brasil contemporâneo iniciava seus primeiros traços, apagava a cultura existente e colonizava as terras férteis. Vale destacar esse processo para maior compreensão desse cenário até se alcançar a participação da mulher na construção da sociedade brasileira.

Esse período sinalizava o “início de um longo processo histórico que se prolonga até os nossos dias e que ainda não está terminado” (PRADO JÚNIOR, 1972, p. 10-11). Esses apontamentos são indispensáveis para se compreender o surgimento do Brasil contemporâneo, pois o autor se preocupa em delimitar seu objeto de análise sob a presença marcante do passado colonial em todas as dimensões, sejam geográficas, econômicas, sociais ou políticas.

Vale lembrar a ressalva de Bonnici (1998, p. 09):

Na teoria pós-colonial autores tradicionais definem pós-colonialismo utilizando-se o termo colonial para descrever o período de pré-independência e os termos moderno ou recente para assinalar o período após a emancipação política.

Para refletir acerca desse excerto de Bonnici, Bauman (2001, p.16), em sua teoria sobre a modernidade líquida, afirma que: "A modernidade começa quando o

espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim poder ser teorizados em categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação".

Bauman (2001) classifica a liberdade como um abrir a caixa de Pandora, aumentando as inquietações e as incertezas da vida. Assevera que quase ninguém se arrisca a optar pela liberdade, mesmo que desde o século XIX existe um clamor pela tal libertação. Nessa transição, chamada por Prado Júnior de contemporaneidade para explicar os efeitos da pós-modernidade, a nação brasileira estava iniciando sua formação.

Segundo Prado Júnior (1972, p. 29-31), a formação brasileira contava com a composição "de outras raças, indígenas do continente, ou negros africanos importados", os quais eram condicionados aos mandos do colono branco. Essa situação foi bem descrita e denunciada por Nísia Floresta em suas publicações nos jornais e livros, consagrando a poeta que abriria as portas para a escrita feminina no Brasil. Diante dessa organização se originou a estrutura social do país, disposta por classes e categorias populacionais, do estatuto particular de cada uma delas e dos indivíduos que as integravam, compondo o conjunto dessas relações sociais.

Na última parte dessa obra, em que faz uma análise da "Vida Social" da Colônia, Prado Júnior (1972, p. 346) aborda a "organização social", a "administração" e a "vida social e política". Frisa que a abertura do século XIX teve como principal consequência o impacto da escravidão, cuja influência foi decisiva na formação do Brasil, apontando suas consequências como o traço mais marcante na caracterização da sociedade brasileira. Cita a formação do povo brasileiro como sendo: "uma certa uniformidade de atitudes, [...] de sentimentos, de usos, de crenças, de línguas. De cultura, numa palavra".

Fica evidente para o autor que a sociedade brasileira foi constituída por meio da cultura trazida pelo escravo africano e pelo indígena. Em seus estudos, aponta o quanto a imagem desses povos foi deturpada e abafada pelo estatuto social, material e moral da colonização. Sobre a escravidão, Prado Júnior (1972, p. 271) denuncia alguns problemas relativos à formação da sociedade:

[...] nada mais se queria [deles] e nada mais se pediu e obteve que a sua força bruta, material. Da mulher, mais a passividade da fêmea

na cópula. Num e noutro caso, o ato físico apenas, com exclusão de qualquer outro elemento ou concurso moral. A animalidade do Homem, não a sua humanidade.

A obra de Prado Júnior (1972) nesse excerto traz menção à mulher, um fragmento que retrata um contexto existente entre a passividade da fêmea e a animalidade do homem. Isso é apontado no discurso de Nísia Floresta, ao denunciar a forma em que os homens tratam as mulheres, mediante ao reflexo das desigualdades entre índios, negros e mulheres, resquícios de um período extenso do período colonial no Brasil.

Bonnici (1998, p.13) assevera que: "Há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo / feminismo e metrópole / colônia ou colonizador / colonizado". Nesse sentido, evidencia-se a intrínseca relação do retrato que se configura ao levantar os aspectos históricos e sociológicos que convergem nesta pesquisa.

Prado Júnior (1972) descreve também os profundos traços da psicologia e do caráter dos brasileiros, e os define como de atitude relativa ao trabalho marcada pela indolência e pelo ócio; desregramento e promiscuidade no plano das relações sexuais; exacerbação sentimental e afetiva no tocante às relações entre homem – mulher e pais – filhos; superficialidade e mecanização do culto religioso; infinita tolerância no campo da moral e dos costumes. Assim como Bonnici (1998, p. 14) pontua:

Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática de classe e raça, da repetição de contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e da experimentação linguística.

Prado Júnior (1972, p. 356) sintetiza um panorama do país ao pesquisar o resultado de três séculos de colonização. Descreve o autor: "[...] incoerência e instabilidade no povoamento, pobreza e miséria na economia, dissolução nos costumes, inércia e corrupção nos dirigentes leigos e eclesiásticos".

Bauman ressalta que "A colonização permitiu que as premonições de Kant ficassem engavetadas. Mas também fizeram com que parecessem, quando

finalmente abriu a gaveta, uma profecia do apocalipse". Essas premonições, consideradas utopias, também fazem com que Bauman (2004, p.162-163) interprete que "A visão de Kant agora parece assim, porque devido à enganadora abundância de 'terras de ninguém', no curso desses dois séculos nada tinha de ser feito, e portanto não foi, para preparar a humanidade", principalmente no sentido da compreensão da plenitude do mundo, pois não se trata a humanidade como um todo, existem fronteiras que esbarram em quaisquer dos clamores para que se seja mais humano, mas, ao contrário, a escrita percorre vãos fronteiros, ultrapassa e hibridiza tais separações espaciais, configurando-se como forma de resistência.

Diante desse cenário, se intenta promover um encontro entre Nísia Floresta e Adélia Prado, Adélia Prado e Nísia Floresta, considerando que esta última surge como uma das principais escritoras que abriram as portas do Brasil contemporâneo. Assim como Adélia Prado faz esse elo, por estar presente na literatura feminina da atualidade, com traços semelhantes a Nísia que permanece presente como uma das principais protagonistas da escrita feminina contemporânea brasileira, que inspirou poetas do século XX. Nessa transição de séculos, é possível traçar diversos aspectos que unem as vozes da literatura feminina em pauta.

Neste trabalho, se abarcam épocas distintas, por meio dos estudos comparados, e se propõe a aproximar e identificar nos objetos de estudo a presença da poesia, do feminino e da educação, características significativamente marcantes entre as poetas. Ao propor neste capítulo uma viagem no tempo perante a escrita feminina contemporânea, o principal motivo se deve ao encontro entre Nísia Floresta e Adélia Prado. Por isso, considera-se importante o aprofundamento no sentido histórico, propondo essa viagem na trilha da história da mulher, no intuito em que Said (2011, p. 35) aponta como:

O sentido histórico, que é um sentido tanto do intemporal quanto do temporal, e do intemporal e do temporal juntos, é o que se torna um escritor tradicional. E é, ao mesmo tempo, o que torna um escritor consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade. Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, em seu pleno significado sozinho.

Dessa forma, seja no sentido intemporal ou temporal, busca-se demonstrar, nesse entrelaçar de histórias, que essas vozes não estiveram sozinhas. Ainda em

Bauman (2004), pode-se encontrar uma advertência ao que Arendt (2004, p. 180) aponta como necessidade de "abertura aos outros é a precondição da humanidade em qualquer sentido da palavra". Encontra-se no que Bauman atribui a Arendt o seu apreço pelo diálogo e infinidade de opiniões como forma de beneficiar o convívio humano, assim como nessas vozes que se entrelaçaram na história da escrita feminina para destacar o sentido humanitarista que as conduz.

1.2 UMA VIAGEM BIOGRÁFICA ENTRELAÇANDO AS HISTÓRIAS

Nessa viagem biográfica, busca-se entrelaçar breves passagens do percurso de algumas mulheres que marcaram a história no Brasil, haja vista que desde o período colonial as terras brasileiras iniciaram seu processo de ocupação pelos povos europeus. Justamente no período do império brasileiro evidencia-se a participação da mulher na escrita. Dessa forma, a proposta dessa viagem biográfica na trilha da escrita feminina no Brasil contemporâneo deve-se ao fato de encontrar como ponto de partida esse cenário histórico ora traçado.

Ao levantar pesquisas bibliográficas relativas à história da mulher no Brasil, mais especificamente um fio condutor que traçasse uma linha do tempo e reunisse escritoras afins nesse percurso, encontraram-se duas obras que apresentam diversas mulheres que marcaram a história do Brasil. Compreende-se, por intermédio dessas obras, que durante esse trajeto, somente no século XIX a mulher iniciou seu espaço na sociedade literária do Brasil.

As obras selecionadas para essa descrição são: *Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios*, de Maria Amélia de Almeida Teles, e *Viajeras entre mundos*, dos organizadores Losandro Antonio Tedeschi e Sara Beatriz Guardis. Algo singular em ambas as obras consiste na presença de Nísia Floresta, citada na primeira obra durante o Brasil império, e na segunda encontra-se o artigo *Nísia Floresta: "Una viajera brasileña en el viejo mundo"*, escrito por Cláudia Luna (LUNA, 2012, p. 505-522).

Na obra *Viajeras entre mundos*, o primeiro capítulo, intitulado: "Viajeras temprana. Un registro para la historia", aborda a primeira viajera espanhola Francisca Pizarro e Anne Bradstreet, uma das primeiras mulheres a viajar no

continente americano. Esse período tem como referência o século XVI, porém indica que somente no século XVIII surgem mulheres que efetivam discursos em registros de cunho autobiográfico. Nesse mesmo sentido, o livro adentra o século XIX versando sobre escritoras que viajavam o mundo em busca de intercâmbio e fortalecimento. Na abordagem do livro sobre o século XIX, encontra-se Nísia Floresta, citada no capítulo IV: “Viajes y discurso testimonial”, que inicia com a escritora Concepción Gimeno do México, Maria Graham do Chile, e finaliza com “Una viajera memorios: horencia y movilidad contemporánea em cartographies”, de Marjorie Agosín de Guilhermina Walas, e “Inmigración internacional: las mujeres em el reflujo inmigratorio”, de Illana Peliciari Rocha.

Na obra *Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios*, escrita por Teles (2017), foi publicada pela primeira vez em 1993. Já a atual edição, publicada em 2017, foi reeditada com o acréscimo de seis ensaios, com temas atuais focados no feminismo de novas vozes que ressoam na defesa pela legalização do aborto, na luta por creches, nas violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura, memória e verdade na perspectiva de gênero, a infância roubada e o feminicídio. Esses temas são de extrema relevância e provocam calorosos debates, porém não estão sob o foco desta descrição, em que se apresentam algumas mulheres na história brasileira engajadas na política e escrita contemporânea.

Ao analisar o livro de Teles (2017), fica evidente que o percurso da evolução do discurso da mulher se abre no início do Brasil contemporâneo, na defesa da libertação e independência étnica e de gênero. Os ensaios acrescentados ao final do livro contêm temas atuais e distintos daqueles que compuseram seu princípio. Naqueles, as vozes femininas denunciavam que seus direitos sociais eram nulos, e também não havia espaço para mulheres na escrita literária.

A escrita literária figura como conquista recente, pois esse direito feminino foi por tanto tempo delegado somente ao sexo masculino; portanto, essa conquista se deu após longas batalhas travadas pela ousadia e coragem de afrontar uma sociedade machista e preconceituosa. O início do Brasil contemporâneo, quando visto pela ótica da história do feminismo no Brasil, libertou as mãos e mentes femininas. Verifica-se ainda a participação e a relevância da imprensa em jornal nesse processo de emancipação da escrita feminina, seus altos e baixos.

1.3 UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL

Ao retratar a condição da mulher no Brasil, faz-se necessário iniciar pelo período colonial, de 1500 a 1822. Com base na obra de Teles (2017), assinala-se que desde a chegada dos jesuítas ao país, no século XVI, havia a presença da mulher índia, da branca e da mulher negra. Nas palavras da autora: “nos povoados pequenos [...] eram encontrados todos os tipos de mulheres, portuguesas, índias, africanas e mestiças, livres ou escravas” (TELES, 2017, p. 28).

Em relação à mulher indígena, viviam em uma sociedade onde havia uma divisão entre mulheres escravas, companheiras ou chefes de suas tribos (TELES, 2017). Com a chegada do homem branco, esses colonizadores começaram a domesticá-las; as índias foram usadas por eles, algumas se tornaram esposas, outras concubinas e outras ainda empregadas domésticas. A escritora afirma que a visão dos homens brancos até os dias atuais é deturpada em relação às questões de sexualidade das mulheres indígenas. Teles (2017, p. 27-28) cita em seu livro um texto de Gilberto Dimenstein intitulado “As meninas índias são terríveis”, que denuncia abusos de soldados do exército brasileiro de fronteiras em territórios indígenas, fatos ocorridos recentemente.

A mulher branca, de acordo com Teles (2017), inicia sua história no Brasil por volta de 1549 conforme cita a carta de padre Manuel da Nóbrega, endereçada à coroa portuguesa, solicitando que mandassem para cá mulheres órfãs e de toda qualidade, até meretrizes, para que pudessem povoar esta terra. Mesmo com essas medidas abusivas, durante o período colonial faltavam mulheres para tantos portugueses que se fixavam em terras brasileiras, o que acarretou ciúmes e encarceramento das mulheres, e quando estas cometiam qualquer tipo de libertinagem, eram castigadas até a morte. Registra-se que naquele período, em média 30 mulheres eram assassinadas por ano (TELES, 2017, p. 28-29).

Teles (2017) declara que a mulher negra, em sua condição de escrava, transferiu diferentes valores, tanto na reprodução de sua força de trabalho quanto nas tarefas domésticas a serviço dos colonizadores e senhores feudais. Consagrou-se como geradora de mais valia nos setores econômicos brasileiros, sofrendo dupla opressão e exploração, seja de sexo ou de classe. Muitas dessas mulheres

resistiam em participar da manutenção do sistema, chegando até mesmo a sacrificarem seus filhos ao nascerem como forma de não gerar mais escravos (TELES, 2017, p. 31).

Nesse período histórico do Brasil colônia, Teles (2017) discorre sobre a participação da mulher na política ao citar que algumas eram contra o sistema, como no caso de Bárbara Heliodora, Dona Beja e Chica da Silva. Assim como algumas assumiram papéis na defesa dos interesses da colônia, como Ana Pimentel, esposa de Martim Afonso de Sousa, que assumiu as rédeas do governo da capitania de São Vicente quando seu marido teve que voltar para Portugal e a deixou como procuradora de seus negócios no Brasil.

Houve também mulheres guerreiras desse período, como Aqualtune, filha do rei do Congo, lutou para defender seu pai, mas foi derrotada e vendida como escrava no Brasil, fugindo para Palmares. Dandara, foi outra guerreira dos Palmares, que após derrota em uma batalha, cometeu suicídio ao ter que voltar a ser escrava. Também Filipa Aranha, líder de um quilombo no Pará, e Tereza de Quariterê, no Mato Grosso, e Zeferina, no quilombo do Urubu, Bahia. No século XVII, ressalta-se a presença da índia Clara Camarão na batalha contra os holandeses, em que lutou junto ao seu marido (TELES, 2017, p. 33).

No século XVIII, merece destaque a história das mulheres nas questões políticas: Maria Dias Ferraz do Amaral, que acompanhou seu marido, o sertanista Manuel Martins Bonilha, lutando contra os índios nas águas fluviais do sertão goiano, morrendo com uma flechada e ficou consagrada como a “Heroína do Capivari”. Logo no final do referido século, durante a Inconfidência Mineira, surge Bárbara Heliodora, uma poeta, que encorajou seu marido a participar do movimento (TELES, 2017, p. 34). Há uma citação da presença marcante dessa poeta nos versos de Cecília Meireles em sua obra *Romanceiro da Inconfidência*, estudada também nesta tese.

Na Conjuração Baiana destacam-se quatro mulheres que chegaram a ser presas por lutarem pela separação do Brasil da coroa portuguesa: Ana Romana, Domingas Maria do Nascimento, Luiza Francisca de Araújo e Lucrécia Maria Gercent e Vicência. E ainda Maria Quitéria, na Bahia, que se vestiu de homem ao se alistar para lutar contra as tropas portuguesas, alcançando o cargo de cadete. E

também madre Joana Angélica, que lutou até morrer, defendendo o convento invadido pelos portugueses (TELES, 2017, p. 34).

Após longas batalhas de movimentos entre o século XVIII e início do século XIX, em que se buscava a independência do Brasil, iniciou-se em 1822 o período imperial brasileiro. Nesse momento, Teles (2017) sublinha a figura de Anita Garibaldi, que lutou junto a José Garibaldi durante a guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, e mais tarde lutou na Itália pela sua unificação (TELES, 2017, p. 36).

Em meados do século XIX, surgiram mulheres que lutavam e reivindicavam direito à educação, dentre as quais a professora Maria da Glória Sacramento, que teve seu salário suspenso por não ensinar prendas domésticas como mandava a primeira lei educacional do ensino primário no império. Naquele período, havia apenas escolas primárias, e metade destas era de acesso às meninas. Somente no ano de 1881 uma mulher graduou-se em medicina, a doutora Rita Lobato Velho Lopes, um evento relatado no periódico chamado *O Eco das Damas* (TELES, 2017, p. 36).

Naquele momento, iniciam-se os primeiros vestígios da presença da escrita feminina em publicações brasileiras. Surge, assim, o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta, pesquisada por Teles (2017) como uma das primeiras feministas do Brasil, defensora da abolição da escravatura, da escolarização e emancipação da mulher e da instauração da República no Brasil. Nísia Floresta foi retratada nessa obra como vítima de críticas da imprensa de sua época por não compreenderem nem aceitarem suas ideias; dessa forma, buscou exílio na França, adepta do positivismo, e viveu ao lado de seu amigo Augusto Comte (TELES, 2017, p. 38).

Luna (2012), no texto “El relato de viaje nisiana”, analisa o livro de Nísia Floresta, *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, o qual trata da participação da autora nos círculos intelectuais europeus ao iniciar contato com Augusto Comte após assistir a uma de suas conferências. Nísia manteria contato com Comte por cartas até este recebê-la em Paris junto a Victor Hugo e Alexandre Dumas, em companhia de outros filósofos, romancistas, poetas, mestres, cientistas. O livro tece o percurso geográfico dos estudos de Nísia Floresta na Europa: “*hace el camino inverso al de los viajeros y viajeras [...] De su punto de referencia parisino, cruza el*

continente europeo, recorriendo Portugal, Francia, Bélgica, Inglaterra, Alemania, Italia, Grecia” (LUNA, 2012, p. 508).

No decorrer da análise, Luna (2012) finaliza com o tema “*El viaje como peregrinación*”, e distingue a essência de suas viagens:

La dimensión de lo sagrado se disemina por el texto, construyendo la figura de la peregrina, donde se asocian los rasgos románticos del culto al pasado, a la muerte y a la tradición. Para ella, hundirse en el pasado es una forma de huida (IVA, p. 41). *Mirar el pasado para reflejar sobre el futuro* (LUNA, 2012, p. 519)¹⁰.

Nísia Floresta torna-se um marco da escrita feminina contemporânea. Ao se retomar a trilha do histórico de Teles (2017), observa-se que surge também nessa época a primeira romancista brasileira, Maria Firmina, negra nascida no Maranhão, professora e fundadora de uma escola para crianças pobres. Esta publicou seu livro *Ursula*, considerado o primeiro romance abolicionista; tamanha importância teve essa escritora que até os dias de hoje em sua região seu nome é atribuído às mulheres providas de muita inteligência (TELES, 2017, p. 38-39).

Teles (2017) elenca outros nomes que merecem atenção no período imperial, como Narcisa Amália, nascida no Rio de Janeiro, professora e admiradora de Nísia Floresta, que participou ativamente de publicações no jornal feminista *A família*, com artigos em defesa da abolição da escravidão, além de denunciar a situação das mulheres escravas no Brasil. Além destas, Luísa Mahim, nascida na África e trazida como escrava, que transformou sua casa em um “quartel general”, participando das principais revoltas negras em Salvador; acabou fugindo para o Rio de Janeiro e em seguida foi presa e deportada para a África (TELES, 2017, p.39).

Naquele mesmo período, surge também um nome bem conhecido, a primeira compositora popular brasileira Chiquinha Gonzaga, consagrada como uma das pioneiras do Choro no Brasil, além de grande compositora e pianista, cuja canção mais conhecida “Oh, abre alas” é presente até os dias atuais em marchinhas de carnaval. Em sua época, algumas vezes suas óperas foram negadas ao público, e

¹⁰ A dimensão do sagrado é difundida através do texto, construindo a figura da peregrina, em que se associam os traços românticos do culto do passado, da morte e da tradição. Para a autora, afundar no passado é uma forma de fuga (IVA, p. 41). Olhar o passado para refletir sobre o futuro (LUNA, 2012, p.519. Grifos do autor).

com sua persistência foi considerada a primeira mulher a reger em público no Brasil. Casou-se com treze anos e teve cinco filhos; não satisfeita com a vida de casada, escolheu a música devido à pressão do marido, tendo também uma participação ativa na vida política, lutando junto ao movimento abolicionista, e fundou a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (TELES, 2017, p. 40).

Nesse segmento artístico, surge no Brasil uma bailarina vinda da Itália chamada Maria Baderna, cujo nome emprestou a correlação ao termo baderna, pois foi ativista de movimentos contra os reis na Europa ao viajar durante uma *tournee* pela América do Sul. Motivou muitas disputas entre os jovens, que brigavam por sua causa, ocasionando assim a expressão baderna. No Rio de Janeiro, dedicou-se aos movimentos rebeldes, colaborando na formação de vários quilombos, onde acabou morrendo pobre e doente (TELES, 2017, p. 41).

Teles (2017, p. 42) assevera “[...] em meados do século XIX, surgiram no Brasil diversos jornais editados por mulheres”. Naquele momento histórico, denota-se o ápice da expansão da escrita feminina, momento também que abriu as portas da escrita feminina contemporânea.

Dessa forma, a importância e a presença da participação das mulheres na publicação dos jornais fomentaram decisivamente a emancipação da mulher na sociedade brasileira. Seguindo os passos históricos abordado por Teles (2017), a autora deste livro apresenta uma linha do tempo (Tabela 2) para ilustrar esse período tido como crucial para a formação da escrita feminina no Brasil.

Tabela 2 – A imprensa das mulheres

ANO	IMPRENSA *JORNAL/**REVISTA	EDITORA	ENFOQUE
1852	*O Jornal das Senhoras	Joana de Paula Manso	Alertava as mulheres para suas necessidades e capacidades, enfatizava que o papel principal das mulheres era amar e agradar os homens, colocando a família em primeiro lugar.
1862	*Belo Sexo	Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar	Reunia diversas mulheres para discutir e publicar seus temas.
1870	*O Domingo	Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco	Abordavam a defesa da maternidade e os direitos e aptidões das mulheres nas áreas da saúde, cuidados domésticos, moda e teatro.
	*O Eco das Damas	Amélia Carolina da Silva Couto	
1873	*O Sexo Feminino	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	Dirigia-se diretamente às mulheres para que tomassem consciência de sua identidade e seus direitos.
1880	*Primavera	Sem destaque	Acolhiam manifestações literárias, contos, poesias e ensaios.
1882	*O Direito das Damas	Idalina D'Alcântara Costa	Defendia a igualdade da mulher e seu direito à educação.
1885	*Voz da Verdade	Sem destaque	Acolhiam manifestações literárias, contos, poesias e ensaios.
1888	*A Família	Josefina Álvares de Azevedo	Defendia o voto das mulheres, não aceitava a chefia do homem na família, favorável ao divórcio.
1897	**A Mensageira	Prisciliana Duarte de Almeida	Apresentava questões universais pioneiras ao feminismo, enfatizava a importância do voto da mulher.

Fonte: Adaptado de Teles (2017, p. 41-44).

Naquele cenário marcado pela forte presença da mulher na escrita brasileira, nascia definitivamente a presença da mulher na literatura feminina. Esse fato justifica em primeira instância o título desta tese, que enfatiza a escrita feminina no Brasil, afirmando que seu nascimento ocorreu juntamente ao nascimento do Brasil contemporâneo. Na transição de um país que trouxe em seu princípio a forte herança da cultura colonial patriarcal e excludente, perpassada no período imperial, traz também a presença marcante da mulher em batalhas políticas e culturais, que culminam na forte presença da escrita e da história do feminismo brasileiro.

Com a chegada do Brasil republicano, o país ainda dava seus primeiros passos ao sair de um período imperial marcado pelo estado absolutista, tão abominado pelos movimentos feministas. Como resultado de tantas lutas, surge o estado republicano brasileiro.

No Brasil contemporâneo, no ano de 1906, tem-se a presença marcante da figura feminina no Estado de São Paulo. Consta nesse ano que o Jornal *Terra Livre* publicou um manifesto assinado por três operárias que denunciavam a opressão patronal, lutavam pela redução da jornada de trabalho e a pela melhoria em seus salários. Em 1910, Ernestina Lésina publicou no jornal *Anima Vita* conclamando as mulheres a lutar pela regulamentação do trabalho feminino (TELES, 2017, p. 50).

Em 1910, conforme Teles (2017), a professora Deolinda D'Alho fundou o Partido Feminino Republicano, e assim como Nísia, defendia que cargos públicos fossem abertos a todos os brasileiros, sem distinção de sexo. Em 1917, Dalho promoveu uma passeata com mais de cem mulheres na luta do direito ao voto. No ano de 1920, a professora Maria Lacerda Moura e a bióloga Bertha Lutz fundaram a *Liga para Emancipação Internacional da Mulher*, no Rio de Janeiro, com o intuito de batalhar pela igualdade política das mulheres. A professora Maria Lacerda Moura também publicou na revista *Renascença* seu discurso em favor do pacifismo, amor livre e à emancipação das mulheres (TELES, 2017, p. 51).

A década de 20 no Brasil, segundo Teles (2017), foi marcada por inúmeros eventos de lutas com propostas de mudanças no cenário feminino. Em 1922, durante a Semana da Arte Moderna, principiou o marcante salto cultural, e os desenhos de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral mereceram destaque. Nesse mesmo ano, surgiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organizada por Berta Lutz (TELES, 2017, p. 51-52).

No período da segunda república, surge em 1934 a Aliança Nacional Libertadora (ANL), dirigida pelos comunistas com a participação de mulheres adeptas do movimento, sendo estas intelectuais e operárias. Surge uma das principais ativistas, a alemã Olga Benário Prestes, membro da *União Feminina*, que lutava contra o nazismo no Brasil, foi deportada e assassinada nos campos de concentração (TELES, 2017, p. 53-54).

No fim da Segunda Guerra Mundial, surge no Rio de Janeiro, em 1945, o *Comitê de Mulheres pela Democracia*, na luta para que as mulheres conquistassem igualdade de direitos profissionais, administrativos, culturais e políticos, além da luta pela anistia, por meio da fundação da *Associação de Donas-de-Casa contra a Carestia* (TELES, 2017, p. 54).

No ano de 1947, foi criado o *Jornal Momento Feminino* por Arcelina Mochel, além da *Federação das Mulheres do Brasil (FMB)*, tendo como sua primeira presidente Alice Tibiriçá, batalhadora do direito ao voto, defesa do petróleo, proteção à infância e paz mundial (TELES, 2017, p. 55).

A partir de então, o país iniciou suas comemorações especiais ao dia 8 de março, data consagrada ao Dia Internacional da Mulher, além do Dia das Mães. Em 1951, a Federação das Mulheres no Brasil organizou seu primeiro congresso, com a participação da representação de 231 delegadas de todos os estados brasileiros. Em 1952, foi realizada a *1ª Assembleia Nacional de Mulheres*, presidida por Nuta Bartof James, defensora do direito das mulheres e das liberdades democráticas (TELES, 2017, p. 57).

No ano de 1953, foi realizada no Rio de Janeiro a *Conferência Nacional de Trabalhadoras*. Em 1960, apesar de o governo de Juscelino Kubitschek ser considerado democrático, suspendeu o funcionamento das organizações femininas. Mesmo assim, foi fundada a *Liga Feminina do Estado da Guanabara* (TELES, 2017, p. 56).

Naquela ocasião, o Brasil estava prestes a entrar no período da ditadura militar, entre os anos de 1964 a 1985. Todavia, nas vésperas de isso acontecer, foi realizado o *Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora*, considerado o último ato dos movimentos feministas, em 1963, que culminou com o golpe de 64, diluindo praticamente todas as associações feministas, as quais tomaram novo impulso a partir de 1975 (TELES, 2017, p. 57).

Esse período é descrito por Teles (2017) como de tensão entre a queda do governo de João Goulart ante a forma de manipulação que movimentos conservadores tiveram para inibir as iniciativas comunistas. Ao se perceber a ameaça de movimentos populares, em 1962, foram criadas entidades para contrapor as mudanças sociais, assim surgiram a *União Cívica Feminina*, o

Movimento da Arregimentação Feminina (MAF), e a *Campanha da Mulher pela Democracia (Camde)* (TELES, 2017, p. 58).

Os grupos, manipulados pelos conservadores, ludibriaram até mesmo as empregadas domésticas, faveladas e trabalhadoras para adentrarem aos movimentos, tais como as entidades feministas reacionárias, lideradas por Amélia Molina de Bastos, fundadora e presidente da Camde na defesa de que a mulher deveria ser obediente ao homem (TELES, 2017, p. 59).

Com a perpetuação do golpe militar, em quaisquer manifestações contrárias ao governo as pessoas eram severamente perseguidas e punidas. Teles (2017) discorre que diante de inúmeras repressões, em 1968, com a morte de um estudante no Rio de Janeiro, foi fundada a *União Brasileira de Mães*, as quais organizaram passeatas na tentativa de impedir a violência contra seus filhos (TELES, 2017, p. 65).

No período do regime militar, segundo Teles (2017), duas mulheres se sobressaíram na escrita. Carmem da Silva, redatora da revista *Cláudia*, dirigia seus artigos ao público feminino. Betty Friedan, feminista americana, veio ao Brasil no final da década de 70 para lançar seu livro *A Mística Feminina*, ato que provocou inúmeras polêmicas por tratar de assuntos que procuravam orientar as mulheres em direção à autonomia (TELES, 2017, p. 67).

Ao relatar esse momento, Teles (2017) finaliza o histórico da mulher contemporânea elencando diversos nomes de mulheres que foram mortas ou que estão desaparecidas, as quais se dedicaram à luta pela libertação do povo brasileiro. Relata brevemente a história de vida de quase cinquenta mulheres que ficaram relegadas ao anonimato diante de um regime militar que impôs de maneira covarde a segregação e a exclusão das mulheres na sociedade.

Somente em 1975, as mulheres brasileiras voltaram a se organizar com o impulso da Organização das Nações Unidas (ONU), que consagrou aquele ano como o *Ano Internacional da Mulher*, tornando-se mais um marco histórico para o avanço das ideias feministas no Brasil (TELES, 2017). Algumas publicações que emergiam do esforço das mulheres se destacaram, as quais conclamaram a volta da participação feminina na sociedade. Em 1969, a escritora Heleieth Saffiouti publicou o livro *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Ainda com muita

dificuldade em assumir assuntos feministas, somente em 1982 Heleieth Saffioti, em uma entrevista ao jornal *Mulherio*, revelou que por muito tempo temeu assumir-se feminista diante de um passado que distorcia o movimento como uma luta contra os homens (TELES, 2017, p. 96-97).

Em 1975, Maria Moraes afirma em seu livro *Mulheres em Movimento* que o *Ano Internacional da Mulher* é um ponto de referência na história do feminismo. Em dezembro desse ano, a editorialista Joana Lopes destacou-se por seu grande apelo para que as mulheres continuassem na luta em prol da emancipação feminina. Entre outubro de 1975 a março de 1979, o jornal *Brasil Mulher* começou a ser editado por Joana Lopes, na cidade de Londrina, no Estado do Paraná, junto com uma equipe de sete mulheres que se ampliaram posteriormente para 25 jornalistas (TELES, 2017, p. 97).

Em junho de 1976, surgiu o jornal *Nós Mulheres*, contendo publicações que contribuíram de forma decisiva para o avanço das ideias feministas e no combate à discriminação. Em 1981, na cidade de São Paulo, surgiu um grupo de mulheres feministas que lançaram o jornal *O Mulherio*, tendo como jornalista responsável Adélia Borges, sediado na *Fundação Carlos Chagas*, com um conselho editorial formado por mulheres pesquisadoras, professoras e jornalista engajadas com o feminismo (TELES, 2017, p. 99-101).

Diante desse cenário de redemocratização do Brasil, a escrita feminina ganha cada vez mais força para adentrar em todos os espaços da literatura feminina contemporânea. Observa-se que a história é feita de altos e baixos, e que embora a mulher lutasse por seu espaço durante séculos, em poucos anos, diante de uma mudança de regimes políticos, foram desarticuladas e infortunadamente silenciadas, conseguindo se reerguer somente em um presente recente do Brasil contemporâneo.

1.4 A ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Antes de apresentar o percurso biográfico das escritoras em pauta, propõe-se refletir sobre as características da escrita contemporânea. Julga-se pertinente a

definição de Mikhail Bakhtin (1997, p. 366) ao citar que: “[...] a contemporaneidade conserva sua importância decisiva: sem ela não existiria a obra em si mesma”.

Cruz (2006, p. 265), em um artigo no qual se posiciona em consonância com o pensamento de Bakhtin, frisa que todo poeta, escritor, criador, por mais criativo que seja, é sempre “fruto” de sua época. Afirma também que uma obra literária se constitui por meio de um processo consecutivo, e que por mais nova e inusitada que seja, se apoia em outras obras que precedem seu tempo.

Nesse contexto, Bakhtin (1997, p. 362-363) explicita que a literatura pode ser considerada um fenômeno de múltiplas “faces”, por isso os “processos literários” de uma determinada época podem promover uma visão superficial das correntes literárias de maneira particular do século XIX. Aponta ser comum os críticos somarem esforços para explicar um escritor e sua obra a partir de sua contemporaneidade e de seu passado próximo, limitando-o e reduzindo-o uma época.

Nesse sentido, Cruz (2006) propõe dado afastamento no tempo, considerando as grandes obras literárias, como, por exemplo, as que se prepararam durante séculos e, na época de sua criação, apenas recolheram os frutos de uma prolongada e complexa gestação. Pelas reflexões deste autor, entende-se que uma obra não pode sobreviver ao futuro se não internalizar os séculos passados. Segundo Cruz (BAKHTIN, 1997, p. 364-365 apud CRUZ, 2006, p. 265), citando Belinski: “cada época sempre descobre algo novo nas grandes obras do passado”.

Nessa linha de pensamento, esta pesquisa encontrou em Aristóteles um grande precursor da análise social que realizou em seu tempo, permitindo-lhe construir o conceito de sua compreensão sobre o fenômeno literário. Em sua obra clássica *Arte Poética*, ele demonstra a origem de sua teoria e a classificação dos gêneros literários, caracterizados e divididos em três: a epopeia, a tragédia e a poesia. Aristóteles comenta e exemplifica de forma definida e minuciosa cada um desses gêneros. Nesta pesquisa, um dos objetos de estudo é a poesia contemplada nos próximos capítulos em uma ampla abrangência e discussão diante das quatro vozes poéticas que perpassaram os séculos da escrita feminina contemporânea.

Diante aos fundamentos para o entendimento dos gêneros literários, como fundamentação teórica na linguagem poética. Ao analisar a escrita contemporânea,

encontrou-se uma observação nas mudanças da estrutura romanesca, considerando que a escrita feminina tem início nos séculos XIX e XX. Momento em que se elege o romance como o gênero cuja discussão era trazer à tona os conflitos e as contradições em que a sociedade vivia.

Goldmann (1975), em *Sociologia do Romance*, traz o resultado de suas pesquisas referentes à teoria do romance e indica o momento em que se abrem as portas para a época contemporânea, uma abordagem da elaboração de Lukács acerca da distinção esquemática do romance ocidental do século XIX: “a) Romance do “idealismo abstrato” [...]; b) Romance psicológico [...]; c) Romance educativo [...]” (GOLDMANN, 1975, p.10).

Pontua-se que a teoria do romance educativo se encaixa nas obras de Nísia Floresta, em tom lírico e discurso embasado por estudos, suas publicações desferem um verdadeiro tratado pedagógico para sociedade, além da própria defesa para implantação da poesia nas práticas educativas. Haja vista que as quatro poetisas exaltam a função social da poesia como pressuposto educativo. Inclusive durante o tempo em que Nísia Floresta dirigiu o Colégio Augusto defendeu metodologicamente a poesia como parte dos conteúdos programáticos de sua escola, inserindo práticas de leitura cotidiana de poemas para suas alunas, que entoassem amor à pátria e suas patrícias.

Antonio Soares Amora (1963), no livro *O romantismo*, relata o surgimento da literatura brasileira, que nascia fruto do estado de espírito dos contemporâneos. O autor assinala que “Podem-se ainda citar os abundantes exemplos de poesias, igualmente patrióticas, inspiradas em fatos, feitos e homens que nos deram a independência” (AMORA, 1969, p. 17).

A escrita contemporânea, assim como na idade antiga retratada por Aristóteles, colabora e permite que se alcancem diversas épocas no estudo das obras literárias. Entretanto, assim Antonio Candido (1965, p. 5-6), pondera, em *Literatura e Sociedade*: “Hoje sabemos que a integridade da obra [...] só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. Por essa ótica, a Sociologia da Literatura não questiona o valor da obra, antes busca de forma crítica seu condicionamento aos fatores externos que a permeiam, percorrendo uma análise sociológica.

Para diversos pensadores críticos da escrita contemporânea, como Goldmann, Lukács e Candido, é unânime a ideia de que a literatura sempre está em diálogo com as estruturas de cada sociedade e de acordo com seu tempo histórico. É possível considerar que cabe à literatura revelar nuances e fatos sociais, estejam ocultos ou não da literatura histórica oficial. A escrita poética, muitas vezes subjetiva e de multiplicidades interpretativas, pode ser rica em expressões que manifestam exaltação, contemplação, denúncia, tristeza, leveza, afeto, contestação, dentre inúmeras formas que trazem uma diversidade de informações que podem ser contextualizadas na história e memória de um tempo.

No século XVIII, a mulher começou a entrar na cena literária, por exemplo, com a participação histórica da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, nascida em 1759, cuja obra *A Vindication of the Rights of Woman* (*Reivindicação dos direitos da mulher*) pode ser conceituada como a literatura precursora do feminismo. Esse livro foi traduzido por Nísia Floresta, considerado sua primeira publicação; e da mesma forma que Wollstonecraft foi revolucionária em sua época, no século seguinte Nísia também seria.

O texto traduzido por Mary Wollstonecraft, em 1792, mostra a desigualdade de gênero no campo político, a discriminação de gênero na educação e a inferiorização das mulheres nas sociedades ocidentais, perpetuadas ainda no século XIX, conforme Nísia Floresta frisou ao abordar a condição das mulheres em posição de submissão e inferioridade se comparada à dos homens. Nísia é apontada como a precursora do feminismo no Brasil ao publicar em 1832 a tradução do livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, traduzida anteriormente por Wollstonecraft.

Mary Wollstonecraft afirmou em 1792 que julgava “a independência a grande benção da vida, a base de toda a virtude” (1993, p. 72). Em seu texto introdutório, reconhece a inferioridade da mulher perante a força física do homem, porém acredita que as mulheres são iguais aos homens no sentido intelectual, mas se fragilizam ao se preocuparem mais com sua beleza exterior do que na busca do desenvolvimento de seu intelecto.

No tocante à escrita feminina, a autora enfatiza a importância da mulher no cenário literário, científico e político, e afirma que as mulheres não deveriam deixar de lado sua ambição, por estar a serviço do homem e dos afazeres domésticos, mas

sim nutrir virtudes que as tornassem independentes. Em seus termos: “Espero que meu próprio sexo me desculpe caso eu trate as mulheres como criaturas racionais, em vez de adular suas graças fascinantes e considerá-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas” (WOLLSTONECRAFT, 1993, p. 73).

No século XVIII, encontra-se um cenário literário que abriria as portas para a escrita feminina contemporânea. Nísia Floresta é a precursora da escrita feminina no Brasil no século XIX, a qual também designou-se abrir as portas para as escritoras no século XX.

Podem-se destacar grandes precursoras da escrita feminina que marcaram a história do século XX, consagradas pela ousadia e coragem ao fazer da escrita uma arma para denunciar o abuso, o preconceito e o machismo. Dentre estas citam-se: Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (escritora, cronista, teatróloga e abolicionista brasileira, uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras); Bertha Maria Julia Lutz (bióloga, escritora, pesquisadora e feminista no Brasil); Patrícia Rehder Galvão – Pagu (jornalista escritora e militante do Partido Comunista no Brasil); Adeline Virgínia Woolf (escritora, ensaísta e editora britânica); Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (pintora e feminista revolucionária mexicana); e Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (filósofa, escritora e ativista feminina francesa).

Simone de Beauvoir é conhecida mundialmente como símbolo do feminismo, e deixou em suas escritas as marcas de sua indignação quanto à condição da mulher:

[...] a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, voltá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

Beauvoir (1980), voz que representa a força da mulher europeia, em especial na literatura de origem francesa, demonstra a preocupação com a condição humana da mulher. Pode-se compreender que estabelece também na escrita um imenso potencial para humanizar, tendo consciência de que ao criticar e publicar seus pensamentos, estaria ao alcance de outras mulheres, as quais, por seu turno, pudessem encontrar forças em suas palavras para dar continuidade a esse processo.

Mistral e Parra foram elencadas para representar a voz da escrita feminina na América Latina; ambas possuem em comum a poesia e a origem chilena. Gabriela Mistral, nascida em 1889, momento em que a mulher ainda não tinha espaço na imprensa. Muitas se utilizavam de pseudônimos para conseguir publicar em alguns espaços, como Gabriela Mistral, que utilizava esse pseudônimo para ocultar seu nome original, Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, uma educadora de referência em seu tempo, ganhadora do Nobel de Literatura em 1945, em pleno fim da Segunda Guerra Mundial. Violeta Parra, nascida no Chile em 1917, foi, para além de escritora, compositora, cantora, artista plástica, e também tem em seu legado o título de fundadora da música popular chilena.

A relação de ambas com seu país é algo intrínseco e visível nas obras em estudo. As escritoras buscaram, por meio das palavras, expressar a construção da figura feminina, apontando suas críticas à sociedade vigente, tão excludente perante a condição do indígena e da mulher. Muito semelhante ao Brasil, que apresentava em meados do século XIX grande destaque da escritora e educadora Nísia Floresta, que também lutava e criticava, por meio da escrita, acerca da condição da mulher, do índio e do negro.

Ao analisar o livro de Gabriela Mistral, observa-se sua preocupação em retratar os aspectos históricos e geográficos em sua escrita, e suas poesias permitem ao leitor viajar pelo Chile sem nunca ter pisado em Valparaíso ou Santiago. A poesia “Valparaíso” traz em suas breves palavras uma grandeza imensa:

Se pierde Valparaíso
guiñando con sus veleros
y barcos empavesados
que llaman a que embarquemos;

pero no cuentan sirenas
con estos aventureros.
(MISTRAL, 1967, p. 69)

De forma original, Violeta Parra consegue narrar as paisagens de seu país, misturando seu enaltecer ao sagrado em seu discurso social e ao mesmo tempo amoroso, que vem fazendo ao contemplar o amor como fonte de transformação. Assim também assinala Miranda (2014, p. 116):

[...] como lo que ocurre em “Gracias a la vida” o em “Volver a los diecisiete”, em las que la pulsión amorosa se sublima y se aleja de alguna manera del tono recriminador o liberal de las tonadas. Estos diálogos com distintas tradiciones van decantando em ella una comprensión del amor em que la mujer tiene un rol muy activo y pasional, carnal y libertador, y a veces también idealizador, muy distante de la trovadoresca francesa, de la sublimación mística o del amor platónico.

Esse poema retrata a alma dessa poeta, além de ser considerado um hino de clamor. Suas palavras narravam sua própria história de paixões e decepções e de glórias e derrotas. A canção “Gracias a la Vida” é a inspiração que a transcende, a qual compôs em seu último trabalho, antes de dar fim e encerrar sua vida, acenando seu cansaço e ao mesmo tempo a gratidão, o amor e a esperança. Isso é perceptível ao iniciar as seis estrofes: “Gracias a la vida que me ha dado tanto”, e seguir pronunciando:

[...] Me dio dos luceros que, cuando los abro,
[...] Me ha dado el oído que, en todo su ancho,
[...] Me ha dado el sonido y el abecedario,
[...] Me ha dado la marcha de mis pies cansados;
[...] Me dio el corazón que agita su marco
[...] Me ha dado la risa y me ha dado el llanto.
(PARRO, 1967, p. 40).

Esse sentimento de gratidão a engrandece e enriquece seu poema. Inicia sua poesia agradecendo ao abrir dos olhos, que são como estrelas. Agradece os ouvidos, que lhe possibilitam ouvir a voz do seu amado. Agradece seu conhecimento das palavras. Agradece seus pés cansados, o amor que sente, e finaliza agradecendo sua alegria e seu pranto ao afirmar que ambos são o motor

que aquece sua inspiração para as canções. Percebe-se tamanha sensibilidade e esperança, gratidão e amor reforçados em cada estrofe.

Ao pesquisar a bibliografia referente à escrita feminina, encontraram-se diversos pesquisadores que buscam definir algumas características acerca desse tema. No trabalho de Rodrigues (2017) e Marta Lia Genro Appel (2017), por exemplo, há algumas definições relativas à escrita feminina contemporânea. De acordo com Rodrigues (2017, p. 5935), “a literatura de autoria feminina procura adquirir autonomia, tendo como elemento principal a atuação das mulheres nos mais diversos eventos, divulgando a trajetória percorrida através da história”. Nessa definição, as escritoras sempre buscaram legitimar e dar visibilidade à história das mulheres, seus relatos de luta e suas peculiaridades identitárias constituídas ao longo da construção histórica de conquistas por direitos fundamentais.

Segundo Luckács (2010, p. 127): “a autonomia é, para a arte, a atmosfera indispensável à sua existência. Mas há autonomia e autonomia. Há aquele que é um momento da vida, que é a exaltação de sua riqueza e da sua unidade contraditória [...]”. Vale-se também das palavras de Adorno (2011, p. 141):

[...] mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme o seu conceito, demanda pessoas emancipadas.

Rodrigues (2017, p. 5935) salienta que no percurso da história da mulher, sempre houve pouca visibilidade perante a sociedade, em uma trajetória marcada pelo silêncio e pela ocultação. Assinala ainda que no século XIX a imagem da mulher estava associada à de um sujeito de pouca (ou nenhuma) desenvoltura intelectual, desprovido de inteligência, restando-lhe a posição de sensível, sentimental e histérica ante a visão patriarcal. Ao estudar a mulher contemporânea, a autora busca esclarecer que o termo “escrita feminina” tinha no século XIX sentido distinto do atual. Antes, a “escrita feminina” poderia ser reconhecida por um caráter que expressava uma sensibilidade contemplativa e um sentimentalismo exacerbado. Na acepção da pesquisadora, hoje a escrita feminina constrói outro sentido, passando tanto pela escrita de denúncia quanto pela autobiografia.

Rodrigues (2017) considera relevante salientar a distinção de percepções e valores entre o universo masculino e feminino, sendo os aspectos predominantemente femininos realçados para as experiências de vida. Para exemplificar, cita Virgínia Woolf (1926) no livro *Um teto todo seu*, em que investiga a presença da mulher na literatura e conclui ser necessário que ela tenha um espaço isolado para trabalhar e que seja independente financeiramente para que possa escrever. Ilustra esse caso ao asseverar que a própria escritora afirma em sua obra que não seria possível dedicar-se à escrita sem que tivesse recebido uma herança para sua independência financeira (RODRIGUES, 2017, p. 5935).

Bhabha (1998) menciona a importância do processo de hibridização para atenuar as polaridades que a sociedade muitas vezes persiste em perpetuar.

O poço da escada como espaço liminar, situado nos meios das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades de cada extremidade dele se estabelecem em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 1998, p. 22).

Para complementar a compreensão desse exemplo de hibridismo apresentado por Bhabha (1998, p. 22), que busca evitar a polarização filosófica e define:

Na etimologia de 'oxímoro', está oxy (loucura), remetendo a uma loucura de linguagem que, anulando fronteiras tradicionais, une conceitos que se excluem mutuamente, com o objetivo de produzir novos sentidos. Na etimologia de 'híbrido', está hybis (desmedia, transgressão).

Justamente nesse viés, ao longo da história da escrita feminina se traçou a produção de novos sentidos, em que a mulher buscou a transgressão para expor suas ideias por meio da escrita (BERND, 1998, p. 266).

Durante um longo percurso na história da escrita na humanidade, o conhecimento feminino sempre foi tido como menos importante, seja no ambiente cultural ou na literatura, com esse objetivo de produzir novos sentidos. Até o século

XIX a mulher era excluída do processo, tendo espaço somente de “mulher para mulher”; aceitava como natural e verdadeira a premissa de ser considerada algo inferior, sem valor e até marginal, e por esses motivos a escrita feminina diversas vezes tinha tom de denúncia (RODRIGUES, 2017, p. 5935). Complementa a autora que a

[...] superação da necessidade de apresentar-se sob o anonimato, do uso de pseudônimo masculino e do uso de métodos capazes de ocultar seu desejo, permite a reconstrução da forma de percepção do feminino e também é um modo de recuperar as experiências silenciadas pela cultura patriarcal dominante; tem um ideal de liberdade e racionalidade.

Nesse contexto, salienta-se a presença marcante dos traços da escrita de Nísia Floresta durante todo o século XIX, pois se encaixa perfeitamente com a condição que a mulher exercia na sociedade, seu tom de denúncia por não se utilizar de pseudônimo e não ficar no anonimato em sua época, abrindo espaço para que essa situação fosse superada no século XX. Rodrigues (2017) frisa a luta da mulher por reconhecimento e visibilidade, sobretudo pela revisão da identidade feminina na sociedade por intermédio da peruana Mercedes Cabello de Carbonera e da brasileira Júlia Lopes de Almeida. Essas escritoras viveram no final do século XIX, época em que Nísia Floresta estava deixando o cenário literário, e assim como Nísia, tiveram pouca visibilidade por serem mulheres e pertencerem a um momento em que estas dificilmente conseguiriam reconhecimento. Todavia, construíram e projetaram a identidade social feminina através da representação das práticas sociais.

Michelle Perrot (2006, p.11), historiadora e feminista francesa, versa sobre a condição da mulher contemporânea:

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente que a história das mulheres podia ser escrita.

Assim como Nísia Floresta, essas escritoras reivindicaram a educação da mulher e a função que exercia na família e na sociedade; almejavam uma educação igualitária para mulheres e homens, em que pudessem ter acesso às matérias científicas. Defendiam que o campo de atuação feminino deveria ultrapassar as fronteiras do lar e das atividades domésticas (RODRIGUES, 2017, p. 5936).

Duarte (2017, p. 153) afirma que “Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural”. Naquele momento, surgia a necessidade de se levantar a primeira bandeira quanto ao direito de aprender a ler e a escrever, algo reservado aos homens.

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever (DUARTE, 2017, p. 153).

Nesse cenário, Schmidt (2017, p.1) pontua: “Mulheres reescrevendo a nação, indica que uma das formas mais contundentes do exercício desse poder foi a exclusão da representação da autoria feminina no século XIX”. Enfatiza esse período como “formativo da identidade nacional, em que a literatura se institucionalizou como instrumento pedagógico de viabilização da nossa diferença cultural”, somente em razão da força simbólica que buscava sustentar a coerência e a unidade política da concepção romântica da nação (SCHMIDT, 2017, p. 1).

Rodrigues (2017, p. 5935), por sua vez, declara que o ingresso da mulher na cena literária foi considerado por muitos como um verdadeiro “apocalipse literário”, e ainda que [...] “as mulheres, grandes consumidoras de romances, passaram também a produzi-los; esse processo de comercialização da literatura, intensificado a partir do século XIX, foi visto por muitos como um processo de 'feminização' da literatura”.

Nesse sentido, segue-se a viagem no tempo ante a biografia e a essência no discurso das escritoras em destaque, iniciando como fonte principal desta pesquisa a biografia e o pensamento da escritora Nísia Floresta, que se evidencia como a grande precursora na escrita feminina contemporânea do século XIX. Sobre essa questão, Duarte (2017, p.153) escreve:

o nome que se destaca nesse momento é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, que residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, e que teria sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada 'grande' imprensa.

Somente em meados do século XX a mulher inicia efetivamente suas publicações no cenário literário, conforme Appel (2017, p. 52):

Há uma série de publicações, como romances e contos, produzidos por mulheres, que tratam de temas recorrentes. Este fato é uma constatação um tanto curiosa, pois há pouco tempo as mulheres se inseriram no âmbito da produção literária, que até o Modernismo (século XX), contava com a participação efetiva e, majoritariamente, de escritores homens.

Bernd (1998, p. 262) aponta que: "[...] pode-se inferir que é praticamente impossível estabelecer níveis de hibridização, dada a imprevisibilidade de agenciamento dos diferentes códigos semióticos de que se apropriam os escritores em tempos de pós-modernidade", mas considerando as categorias que as entrelaçam, é possível notar esse processo híbrido entre as autoras em destaque.

Buscou-se até aqui uma abordagem que reunisse diversas mulheres importantes na história da mulher brasileira contemporânea. Constata-se que foram muitas as formas em que a mulher, desde a colonização até a contemporaneidade, atuou no cenário político, artístico, científico e literário do Brasil.

No próximo capítulo consta uma abordagem mais específica do percurso biográfico e literário das quatro vozes presentes neste trabalho, com o intuito primordial de evidenciar a existência do elo entre as três categorias que neste estudo se propõe a analisar. Convém atentar para as palavras de Bhabha (1998, p. 42):

Viver no mundo estranho, encontrar suas ambivalências e ambiguidades encenadas na casa da ficção, ou encontrar sua separação e divisão representadas na obra de arte, é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social: 'Estou buscando o encontro...quero o encontro...quero o encontro'.

Nessa perspectiva de Bhabha (1998), cabe por aqui também promover esse encontro. Um almejado encontro marcado por essas quatro vozes, que ressoam na literatura brasileira e entoam nas palavras o sentimento de solidariedade social, contido na vida e na poética de Floresta, Meireles, Kolody e Prado. Seja no anseio em compreender a magia da inspiração da escrita poética ou nas múltiplas interpretações que declamam na poesia para tratar da mulher e principalmente de sua condição, bem como na valorização da poesia como fonte ou recurso para a humanização da sociedade, como poderia descrever Bauman (2004, p.100) quando aponta para o preceito de amor ao próximo:

Aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções 'naturais', assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se torna o ser 'não natural' que diferentemente das feras (e, na realidade, dos anjos, como apontou Aristóteles), os seres humanos são.

Nessa vertente que propõe análise comparativa nas quatro vozes, é possível o encontro dessa perspectiva humanista, em que cada voz ressoa na escrita feminina marcante no cenário da literatura brasileira. Para isto, busca-se unir essas quatro vozes nos próximos capítulos.

2 QUATRO VOZES DE AUTORIA FEMININA QUE RESSOAM NA LITERATURA BRASILEIRA

Com base na teoria crítica e nos estudos da história literária, procura-se reunir nas quatro vozes de autoria feminina em pauta para reinterpretar e revalidar amostras importantes da literatura e filosofia ocidental (SAID, 2011, p. 115).

Desse modo, apresenta-se neste capítulo o pioneirismo de Nísia Floresta, a sutileza de Cecília Meireles, a inquietude de Helena Kolody e a serenidade de Adélia Prado, por meio do percurso biográfico em conjunto com excertos de cada uma das poetisas que possam ressoar as respectivas identidades. Considera-se que:

[...] é a literatura que nos revela [...] Traz em si suas multiplicidades internas, suas personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, o sono e a vigília, a obediência e a transgressão, o ostensivo e o secreto [...] (MORIN, 2006, p. 44).

Assim, nas próximas páginas se valeu da vida e literatura de cada poeta em foco, buscando as interfaces contidas na perspectiva dos estudos comparados. Traça-se para o terceiro capítulo as obras em que se identifiquem as categorias poesia, mulher e educação, por meio de análise segundo os pressupostos teórico-metodológicos apontados na introdução.

2.1 O PIONEIRISMO DE NÍSIA FLORESTA NA ESCRITA

O percurso de Dionísia Gonçalves Pinto (Nísia Floresta) está evidenciado nesta tese por meio de pesquisas bibliográficas em artigos e livros. A principal referência é a professora pesquisadora Constância Duarte (2017), um dos principais nomes nos estudos de Nísia Floresta, a qual ainda possui uma voz um tanto oculta na literatura brasileira.

As contribuições de Nísia Floresta para a literatura brasileira são de extrema relevância diante de um cenário patriarcal, conforme Duarte (2017, p.153):

Nísia Floresta identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a ideia dominante da

superioridade masculina. Homens e mulheres, afirma, 'são diferentes no corpo, mas isto não significa diferenças na *alma*'. Ou as desigualdades que resultam em inferioridade 'vêm da educação e circunstâncias de vida', argumenta, antecipando a noção de gênero como uma construção sociocultural. Segundo a autora, os homens se beneficiavam com a opressão feminina, e somente o acesso à educação permitiria às mulheres tomarem consciência de sua condição inferiorizada.

Evidencia-se o quanto o seu pioneirismo na literatura feminina ultrapassou a opressão vivenciada pelas mulheres de sua época, abrindo as portas para a conquista do espaço da mulher na escrita contemporânea, consolidada somente no século XX. Nísia Floresta destaca-se por sua atuação na poesia, nas crônicas e nas dissertações, e deixou em seu legado grandes obras publicadas. Além disso, fundou uma escola e buscou colocar em prática uma proposta pedagógica voltada à educação das mulheres, o que causou muito incômodo naquele momento de tanta segregação ante à posição e à condição da mulher.

A principal fonte descrita nesse breve levantamento biográfico advém da coleção de pensadores brasileiros, redigida por Duarte¹¹ (2010), que relata um histórico completo sobre a vida e obras de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Esta tem seu nascimento datado de 10 de outubro de 1810 no sítio Floresta, em Papari, Rio Grande do Norte, atual cidade que leva seu nome e onde estão guardados seus restos mortais.

Segundo Duarte (2010), Nísia Floresta teve uma vida de turbulências desde muito cedo, pois ela

[...] nasceu e passou sua infância no interior do Rio Grande do Norte. Em 1823, aos 13 anos de idade, casou-se com um jovem fazendeiro, mas em menos de um ano se separaram e ela voltou a residir com os pais. Seu pai era advogado e quando Nísia completou 18 anos, ele foi assassinado após ganhar uma causa. De acordo com ela mesma, os responsáveis eram poderosos coronéis da época, que não toleravam um advogado agindo contra seus interesses (DUARTE, 2010, P. 153).

¹¹ Constância Lima Duarte, *la más importante biógrafa y especialista en Nísia Floresta, quien la resató del olvido, en el ensayo introductorio a la edición brasileña de I Itine'raire d'um Voyage en Allemagne, subraya la superposición de niveles del viaje nisiano: por la memoria, lo sentimental, el pasado, la huída* (LUNA. 2012, p. 508) - A mais importante biógrafa e especialista em Nísia Floresta, que a tirou do esquecimento, no ensaio introdutório à edição brasileira de *I Itine'raire, Voyage en Allemagne*, enfatiza a superposição de níveis da jornada nisiana: por sua memória, seu cunho sentimental, seu passado, sua fuga (LUNA, 2012, p. 508).

Evidencia o momento em que, ainda tão precoce, Nísia Floresta se revela escritora:

[...] em 1831, Nísia Floresta inicia sua vida no mundo das letras, estreando no *Espelho das Brasileiras*, um jornal dedicado às senhoras pernambucanas, do tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin, afirma-se que nesse momento começa a surgir a escritora. Durante trinta edições (de fevereiro a abril), Nísia colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas. No ano seguinte, publica o primeiro livro chamado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, uma tradução livre do *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft (DUARTE, 2010, p. 153).

Na acepção de Duarte (2010), Nísia casou-se novamente, com um jovem advogado, e em 1833 mudou-se com seu marido, filhos e sua mãe para Porto Alegre, RS. Nesse ano, seu esposo Manuel Augusto morre repentinamente aos 25 anos, deixando-a com os dois filhos pequenos. Nísia decide permanecer em Porto Alegre, dedicando-se aos filhos e ao magistério. Lança a segunda edição de sua tradução *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Devido à Revolução Farroupilha, o clima na capital gaúcha estava tenso e Nísia Floresta transfere-se para o Rio de Janeiro, onde, em 1838, inaugurou o “Colégio Augusto” em homenagem ao companheiro falecido. Em 1839 publica a terceira edição de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (DUARTE, 2010, p.154).

Nísia realiza três novas publicações no Rio de Janeiro:

[...] a primeira *Daciz* ou *A jovem completa*, é uma história oferecida às educandas do colégio. A outra publicação tem proposta moralista denominado *Fany* ou *O modelo das donzelas*, publicado em 1847, pelo “Colégio Augusto”. A terceira publicação é um discurso que as suas educandas dirigiram à Nísia Floresta Brasileira Augusta, pronunciado no encerramento das aulas (DUARTE, 2010, 154).

Nos anos seguintes empreende inúmeras publicações, as quais são aqui elencadas de forma cronológica, na Tabela 3.

Tabela 3 – Principais publicações de Nísia Floresta

ANO	PUBLICAÇÃO
1849	Lançou a primeira edição de “A Lágrima de um caeté”. Com poema de 712 versos, trata do processo de degradação do índio brasileiro colonizado pelo europeu, além do drama vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira. Nesse mesmo ano, Nísia Floresta vai para a Europa. Chegando em Paris, encontra um clima agitado, ainda com as consequências dos efeitos das revoluções do ano anterior.
1850	Publicou em Niterói um romance histórico: <i>Dedicação de uma amiga</i> , trazendo apenas as iniciais B. A. como assinatura. De acordo com historiadores, esse livro é o primeiro romance escrito por alguém do Rio Grande do Norte. Em 1851, conhece Augusto Comte ao assistir às conferências do Curso de História Geral da Humanidade, no auditório do Palais Cardinal, ministradas por ele. Nesse mesmo ano, volta para a França e viaja pela Europa, de Portugal retorna ao Brasil no ano seguinte.
1853	Publicou uma das suas maiores obras, intitulada <i>Opúsculo humanitário</i> , com 62 capítulos relativos à educação da mulher. Os vinte primeiros foram publicados anonimamente no <i>Diário do Rio de Janeiro</i> , no mesmo ano do lançamento do livro.
1855	Publicou em <i>O Brasil Ilustrado</i> um poema cujo título é “Um improviso, na manhã do 1º do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antônio Feliciano de Castilho”. No mesmo ano, escreve em oito capítulos a crônica “Páginas de uma vida obscura”, em cujo texto traz a história de um negro escravo e suas ideias acerca da escravidão. Em seguida, publica “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, em que se faz de cicerone e passeia com o turista pelo Rio de Janeiro.
1858	Publicou a primeira edição de <i>Consigli a mia figlia</i> , com tradução própria para o italiano, com publicação em Florença pela “ <i>Stamperia Sulle Logge del Gren</i> ”; e os quarenta pensamentos em verso da edição brasileira apareceram em prosa.
1867	Publicou, em Londres, a tradução inglesa de um dos ensaios de <i>Scintille: La donna</i> , que segundo informações, foi publicado em Paris, e apesar de estar incluído entre seus títulos, não foi conhecido nenhum exemplar desse livro, nem é encontrada referência a ele nos catálogos da Biblioteca Nacional de Paris.

Tabela 3 – Fonte: *Nísia Floresta* (DUARTE, 2010, p. 154-157).

Nísia canalizou seu sentimento de solidariedade, vindo a servir como voluntária junto às vítimas da febre amarela, na enfermaria do Hospital de Nossa Senhora da Conceição. Em 1856, segue em mais uma viagem à Europa, e somente após dezesseis anos tornaria a ver a paisagem carioca de que tanto gostava, bem como os parentes que ficaram no cais. O “Colégio Augusto” anuncia pela última vez seus cursos e, após dezoito anos de funcionamento, fecha definitivamente suas portas (DUARTE, 2010, p. 156).

A escritora recebeu o filósofo Augusto Comte em sua residência parisiense, onde, posteriormente, iniciaram trocas de correspondências, as quais se encontram arquivadas no Templo da Humanidade, com sede na Igreja Positivista do Brasil, na

cidade do Rio de Janeiro; somam um total de treze cartas. Nísia tinha grande importância para Augusto Comte, tanto que, em 1857, com a morte de Comte, foi uma das quatro mulheres autorizadas a acompanhar seu cortejo fúnebre (DUARTE, 2010, p. 156).

Quando completou 50 anos, Nísia Floresta instalou-se em Florença e teve a oportunidade de acompanhar cursos de botânica ministrados por Parlatore, antigo colaborador de Humboldt. Retornou ao Brasil em 1871 devido à forte pressão da família e também por ficar desgostosa com os conflitos da Comuna em Paris; primeiro foi para Lisboa, e de lá embarcou para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, a revista *O Novo Mundo*, de J. C. Rodrigues, de *New York*, traz uma extensa notícia biográfica da autora acompanhada de um retrato, que contribui para torná-la ainda mais conhecida naquela época. Sua estada no Brasil durou pouco mais de dois anos, retornando à Europa, primeiramente para a Inglaterra, e logo em seguida para Lisboa (DUARTE, 2010, p. 157).

Sua última publicação é datada de 1878, em um trabalho intitulado *Fragments d'un ouvrage inédit*, lançado em Paris por A. Chérié Editeur. Esse livro, apesar de conter informações referentes ao seu irmão Joaquim Pinto Brasil, devido à sua morte, traz também dados biográficos da autora até então desconhecidos. Em 1885, no dia 24 de abril, em uma quarta-feira de muita chuva, Nísia Floresta Brasileira Augusta morre vitimada por uma pneumonia. Foi enterrada na França, em um jazigo perpétuo no Cemitério de *Bonsecours* (DUARTE, 2010, p. 158).

Segundo o portal projeto memória de Nísia Floresta, aponta-se a existência de um total de 15 livros publicados por Nísia Floresta, alguns em língua italiana e francesa: *Direito das mulheres e a injustiça dos homens* (1932/1933/1939); *Conselhos à minha filha (Português-Italiano-Francês)* (1942/1945); *Fany ou o Modelo das donzelas (Novela)* (1847); *Daciz ou a Jovem completa (Novela)* (1847); *Discurso que as suas educandas dirigiu à Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847); *A Lágrima de um caeté (Poemas em Português-Italiano-Francês)* (1849); *Dedicação de uma amiga* (1850); *Opúsculo humanitário* (1853); *Itineraire d'un voyage en Allemagne (Itinerário de uma viagem à Alemanha)* (1857); *Scintille d'un'anima brasiliana (Cintilações de uma alma brasileira)* (1859); *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce (Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia)* – 1º

volume (1864); *Woman (A mulher)* (1865); *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques (Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas)* (1878); *Parsis* (1867); *Le Brésil" (O Brasil)* (1871) (<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta>, 2018).

Nísia Floresta teve enorme importância na área jornalística, considerada a primeira mulher a ter espaço e ser respeitada ao soltar sua voz na imprensa brasileira. Em consonância com Cláudia Luna (2012), registra-se em sua terra natal a publicação de artigos no Jornal *Espelho das Brasileiras* entre fevereiro e abril de 1931, que tratava da condição feminina. Anteriormente, no ano de 1832, no mesmo jornal, Nísia publica pela primeira vez a tradução do livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (LUNA, 2012, p.517).

Conforme Duarte (2010), há registros de publicações de Nísia no *Diário do Rio de Janeiro* e no *O Liberal* entre 1852 e 1853. Participou ativamente com importantes publicações no Jornal *O Brasil Ilustrado* - Rio de Janeiro (1855-1856), com críticas ao cenário caótico de segregação, exclusão e escravidão brasileiro durante o regime monárquico. Escreveu uma série de artigos no jornal "*Brasil Ilustrado*" com as temáticas: "*Páginas de uma vida obscura*"; "*Passeio ao aqueduto da Carioca*"; e "*O pranto filial*" (DUARTE, 2010, p. 155)

Ao abordar sucintamente da vida de Nísia Floresta, aclara-se a relevância dessa autora na história da escrita feminina no Brasil. Pontua-se que foi uma espécie de desbravadora na luta pelo direito da mulher ao acesso à ciência, à educação e à política, bem como ao direito de exercerem funções de trabalho que poderiam realizar tão bem quanto os homens. Citava, inclusive, a questão da ocupação de cargos públicos, cujas vagas, no período da corte imperial, eram supridas por indicações, mas nunca preenchidas por mulheres.

Atualmente, o município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, possui um museu denominado Nísia Floresta, inaugurado em março de 2012. A obra foi restaurada de um casarão do século XIX, no centro do município e de acordo com documentário sobre museus, objetiva preservar, coletar e expor objetos, documentação e pesquisas vinculados à memória histórica da escritora e educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta, além de promover atividades permanentes de arte, cultura, educação e de incentivo ao turismo (TVBRASIL, 2017).

Consta no documentário que,

[...] além dos acervos permanentes e temporários, o museu conta com uma biblioteca de cinco mil títulos com temáticas relacionadas ao negro, à mulher e à obra antropológica pesquisada sobre Nísia, salas de leitura, auditório, sala multimídia, memorial e uma sala de apoio a pesquisadores, com suporte à produção textual, fotográfica e audiovisual. Também há espaços para a realização de oficinas de arte e cultura, que recebem alunos e professores da rede pública de ensino e grupos da comunidade (TVBRASIL, 2017.)

Ao assistir o vídeo que apresenta o museu, em suas paredes estão traçadas uma linha do tempo, com uma cronologia onde é possível acompanhar a trajetória de vida e de luta da escritora, que presenciou acontecimentos importantes como a Revolução Farroupilha e a unificação da Itália. Mostra ainda edições dos seus livros, entre os quais *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1833), *Conselhos à minha filha* (1842), *Discurso às suas educandas* (1847), *A lágrima de um Caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859). Destacam-se ainda algumas atividades no museu como: salas de leitura, de exposições audiovisuais, exposições e apoio a pesquisadores. O desenvolvimento humano ganha espaços destinados a cursos e oficinas nos segmentos de música, dança, artes plásticas e artesanato (TVBRASIL, 2017).

Apesar de Nísia Floresta, não ter conquistado reconhecimento internacional e, principalmente nacional, sua brilhante atuação no cenário da literatura feminina brasileira, seu legado perpassa os dias atuais, resultando em grandes homenagens que se perpetuarão na história.

Atualmente, insere-se no contexto histórico de seu país, com a honra de sua cidade natal ter recebido seu nome de poeta, bem como o fomento de sua memória por meio de um museu que também recebe seu nome, o qual contém um acervo que permite resgatar e manter seu legado para humanidade.

Por meio de sua voz, Nísia Floresta refletiu sobre a forma injusta com que o homem condicionava a mulher. Seu ponto de partida foi uma tradução da obra que reflete o grito da mulher, que vem ecoando desde o século XVIII por meio da feminista inglesa Mary Wortley Montagu, a qual foi traduzida no mesmo século por Mary Wollstonecraft, chegando ao Brasil do século XIX na tradução de Nísia Floresta, que fazia desses escritos sua defesa pelos direitos das mulheres.

Nesse percurso de tradução textual em que se marca a vida e as obras dessa escritora, sua maior referência ideológica frente à emancipação feminina está presente no livro *Direito das Mulheres e injustiça dos Homens*, publicado pela primeira vez em 1832, a segunda em 1833, a terceira em 1839 e a quarta vez em 1989, tradução de uma obra inglesa, conforme pontuado.

Ao traduzir o livro de Wollstonecraft, Nísia defendia a inclusão da mulher na educação voltada para a ciência. Naquele momento, a autora requer a importância de um elevado avanço intelectual da mulher, contido em sua proposta de educação, não só a formação da conduta moral, mas também a ocupação dos espaços públicos e literários. Nessa obra, questionava a postura da sociedade diante dos direitos das mulheres: “Por que a ciência nos é inútil? Por que somos excluídas dos cargos públicos? Por que não temos acesso a ciência”? (FLORESTA apud DUARTE, 1989).

Nísia Floresta defende o direito da mulher ao acesso do campo das ciências para que obtivesse condições de ocupar tais cargos públicos, inclusive na área da saúde. Assinalava a importância da mulher na saúde devido a sua assepsia. Seu discurso ressoou em seu tempo com apelo ao feminismo, porém tais conceitos foram se alterando ao longo da escrita contemporânea conforme as conquistas das mulheres, por isso seu discurso, diante do discurso feminista da atualidade possa ressoar de forma obsoleta.

Suas críticas ao modelo de educação das mulheres são pontuadas no livro *Opúsculo humanitário* (1989) e revelam grande contribuição na luta pelo direito de emancipação das mulheres por intermédio da escrita. Um romance pautado nas críticas do modelo de educação vigente, propondo um novo modelo de educação para mulheres por meio da literatura, ciência e política. Na classificação dos tipos de romance de educação, Bakhtin (2000) cita um quarto tipo, o romance de formação, e fornece um exemplo ao citar *Emílio* de Rousseau (BAKHTIN, 2000, p. 139). Talvez possa-se ousar em afirmar que a obra *Opúsculo Humanitário* é um romance de formação, que oferece um novo formato tal qual colocará em prática ao fundar o Colégio Augusto na capital do Rio de Janeiro.

As pautas do feminismo no cenário atual abrangem diversos outros temas para além do discurso de Nísia, o qual consistia em defender a família, a moral e os

bons costumes. Todavia, na luta pela emancipação e participação efetiva da mulher na sociedade dentro da educação, ciência e política, ainda há um longo percurso prático a ser seguido e conquistado.

Nesse percurso, propõe-se seguir na trilha da escrita feminina, contemplando as categorias propostas. Ressalta-se que na modernidade, conforme Bauman (2001, p. 27), havia pouco interesse da sociedade pela liberdade, como descreve em seu conceito de emancipação: "poucas pessoas desejam ser libertadas", embora houvesse o discurso entoando a liberdade. Ainda em Bauman (2001, p. 27): "A distinção entre liberdade 'subjéitiva' e 'objéitiva' abriu uma genuína caixa de Pandora de questões embaraçosas como 'fenômeno versus essência'".

Nísia Floresta, ao traduzir o clamor pelos direitos das mulheres em detrimento da injustiça dos homens, abre essa caixa de Pandora e entoa seu grito de liberdade. Mesmo que diante do contexto de seu universo, em prol do discurso conservador existente em sua época, a busca pela liberdade ficava restrita aos pensadores críticos, que utilizavam sua voz poética para declamar com sutileza seus devaneios e angústias perante uma sociedade marcada pela censura.

Por isso, prossegue-se nessa trilha com Cecília Meireles, por entoar em seu canto o som da liberdade emancipadora, conforme encontra-se em rascunhos não publicados em vida, e a própria capa desenhada por ela tinha esse destaque por liberdade (Anexo 6.3). As obras selecionadas de Cecília Meireles se entrelaçam com a poética de Nísia Floresta em torno da liberdade.

2.2 A SUTILEZA DE CECÍLIA MEIRELES PELA LIBERDADE

Ao pesquisar os livros de Cecília Meireles, observa-se que em sua maioria há um roteiro cronológico de sua vida, e que a maior parte das obras possui as mesmas informações. Por essa razão, para discorrer sobre sua história, apresentam-se fontes contidas em seu primeiro livro *Espectro*¹², publicado a primeira vez em 1919 (MEIRELES, 2013, p. 67-72).

¹² Nesta pesquisa, o livro utilizado é o da 3ª edição, apresentado por Henrique Marques-Samyn, publicado em 2013.

Ao iniciar o percurso biográfico de Cecília Benevides de Carvalho Meireles, percebe-se que desde o seu nascimento sua vida estava marcada pelo estigma da perda e da liberdade. Nascida em Tijuca, Rio de Janeiro, em 07 de novembro de 1901, foi a última e única filha que sobreviveu dentre os quatro filhos do casal Carlos Alberto de Carvalho, falecido três meses antes de seu nascimento, e Matilde Benevides Meireles, a qual também faleceu quando Cecília tinha três anos de idade. Provinda de uma família acometida por inúmeras mortes prematuras, a sobrevivente foi criada pela sua avó, dona Jacinta Garcia Benevides.

Em 1910, finalizou seus estudos primários na Escola Estácio de Sá, e desde então esteve em contato com Olavo Bilac, que atuava como Inspetor Escolar do Rio de Janeiro. Em 1912, conclui o curso médio na Escola Estácio de Sá, e no ano seguinte recebeu medalha de ouro das mãos de Olavo Bilac por finalizar essa fase com ótimo desempenho.

Em 1917, forma-se no Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, e torna-se professora exercendo o magistério primário em escolas oficiais do Rio de Janeiro, período da antiga capital do Brasil. Estudou línguas e em seguida ingressou no Conservatório de Música. Passados dois anos de sua formação como professora, em 1919, publicou seu primeiro livro de poesias denominado *Espectros*.

Em 1922, casou-se com o pintor português Fernando Correia Dias e teve três filhas: Maria Elvira (1923), Maria Mathilde (1924) e Maria Fernanda (1925), esta última tornou-se artista teatral consagrada. Suas filhas lhe deram cinco netos.

Em 1923, publicou dois livros: *Nunca mais* e *Poema dos Poemas*. Em 1925, escreveu *Baladas para El-Rei*. Em 1927, aproximou-se do grupo modernista que congregava em torno da revista *Festa*.

Em 1929, publicou em Lisboa, Portugal, um ensaio intitulado "O Espírito vitorioso", em que fazia a apologia ao Simbolismo. No mesmo ano, começou a escrever crônicas para *O Jornal do Rio de Janeiro*.

Em 1930, publicou o ensaio "Saudação à menina de Portugal". Ainda nesse ano, participou ativamente do movimento de reformas do ensino e dirigiu, no *Diário de Notícias*, uma página diária dedicada a assuntos voltados à educação. Participou dessas publicações até 1933.

Em 1935, publicou o livro *Leituras infantis*, resultado de sua pesquisa pedagógica. No mesmo ano, criou uma biblioteca especializada em literatura infantil no antigo Pavilhão Mourisco, na Praia de Botafogo. Viajou para Portugal, participando de conferências nas Universidades de Lisboa e Coimbra.

Ainda em 1935, seu marido Correia Dias suicidou-se. Nesse mesmo ano, Meireles publicou em Portugal os ensaios “Notícias da poesia brasileira” e “Batuque, samba e macumba”. No ano seguinte, trabalhou no Departamento de Imprensa e Propaganda, dirigindo a revista *Travel in Brazil*, sendo nomeada professora de literatura luso-brasileira e, mais tarde, técnica e crítica literária da recém-criada Universidade do Distrito Federal (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro), permanecendo até 1938.

Em 1937, em parceria com Josué de Castro, publicou um livro infanto-juvenil intitulado *A festa das letras*. No ano seguinte, publicou o livro didático *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Nesse mesmo ano, publicou no Brasil e em Portugal o livro *Viagem*, conquistando o prêmio Olavo Bilac de poesia da Academia Brasileira de Letras.

Em 1940, lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas (USA), proferiu conferências no México sobre *literatura*, folclore e educação. Nesse ano, casou-se com o engenheiro agrônomo Heitor Vinicius da Silveira Grillo. No ano seguinte, começou a escrever crônicas para o jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

Em 1942, publicou *Vaga música*, em 1944, publicou a antologia *Poetas novos de Portugal*. Viajou para Uruguai e Argentina. Começou a escrever crônicas para a *Folha Carioca* e o *Correio Paulistano*. Em 1945, publicou *Mar absoluto e outros poemas* e, em Boston, publicou *Rute e Alberto*. Em 1948, publicou em Portugal *Evocação lírica de Lisboa*. Nesse ano, passou também a colaborar com a Comissão Nacional do Folclore.

Em 1949, publicou as obras *Retrato natural* e a biografia *Rui: pequena história de uma grande vida*, começou a escrever crônicas para a *A folha da manhã* de São Paulo. Em 1951, publicou *Amor em Leonoreta*, em edição fora de comércio, além do livro de ensaios “Problemas da literatura infantil”. Nesse ano, atuou na secretaria no Primeiro Congresso Nacional de Folclore.

Em 1952, publicou *Doze noturnos da Holanda & O Aeronauta; Artes populares; As artes plásticas no Brasil* e recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade de Délhi, na Índia, e o Grau de Oficial da Ordem do Mérito, no Chile.

Entre os anos de 1953 e 1954, realizou inúmeras viagens aos Estados Unidos, Europa, Ásia e África, Índia e Goa. Proferiu diversas conferências em diferentes países, com temas sobre Literatura, Educação e Folclore, em cujos estudos se especializou. Tornou-se sócia honorária do Instituto Vasco da Gama, em Goa, Índia, em 1953.

Em 1956, publicou *Canções e Giroflê, giroflá*. Em 1957, publicou o *Romance de Santa Cecília* e *A rosa*, em edições fora do comércio, além do ensaio “A bíblia na poesia brasileira”. Nesse mesmo ano viajou para Porto Rico. Em 1958, publicou *Obra poética*, e viajou também para Israel, Grécia e Itália.

Em 1959, publicou *Eternidade de Israel*. Em 1960, publicou *Metal rosicler*. Em 1961, publicou *Poemas escritos na Índia* e, em Nova Délhi, *Tagore and Brazil*. Começou a escrever crônicas para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação e Cultura. No ano seguinte, ganhou o Prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária pelo livro *Poemas de Israel*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

Em 1963, publicou *Solombra* e *Antologia poética*. Nesse ano, começou a escrever crônicas para o programa *Vozes da cidade* da Rádio Roquette Pinto, e também escreveu para a *Folha de São Paulo* e foi homenageada ao ter seu nome em uma Escola Municipal de Primeiro Grau, no bairro de Cangaíba, em São Paulo.

Em 1964, publicou o livro infanto-juvenil *Ou isto ou aquilo*, com ilustrações de Maria Bonomi, e o livro de crônicas *Escolha o seu sonho*. Nesse ano, veio a falecer no dia 9 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano, foi inaugurada a Biblioteca Cecília Meireles em Valparaíso, no Chile.

No ano seguinte, 1965, conquistou postumamente o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, além do Prêmio Jabuti de Poesia pelo livro *Solombra*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Em 1989, também foi homenageada na Casa da Moeda, tendo sua imagem impressa em lote e série especial das cédulas de cruzados novos.

Embora Cecília Meireles tivesse origem no Rio de Janeiro, onde atuou de forma profícua e intensa, ao levantar informações sobre locais em que poderia ser encontrado um memorial em sua homenagem, existe somente a Sala Cecília Meireles, que embora seja uma das salas de concertos mais bem conceituadas do país, deveria receber maior destaque, assim como recebeu Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte. No entanto, não se encontrou nada significativo diante de uma figura de tamanha importância na literatura feminina brasileira.

No Estado de São Paulo, há bibliotecas e escolas que utilizam seu nome. Além disso, em 2001 o governo federal, por decreto, instituiu o ano de 2001 como "O Ano da Literatura Brasileira" em comemoração ao sesquicentenário de nascimento do escritor Silvio Romero e ao centenário de nascimento de Cecília Meireles, Murilo Mendes e José Lins do Rego.

Segundo os dados do Portal da Comunidade Luso Brasileira, em Portugal também existem homenagens a Cecília Meireles. Há uma rua com o seu nome em São Domingos de Benfica, uma freguesia da cidade de Lisboa, além de uma cidade de Ponta Delgada, capital do arquipélago dos Açores, em que há uma avenida com o nome da escritora, neta de açorianos.

Os dados do portal da Global Editora revelam que as poesias de Cecília Meireles foram traduzidas para o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro, hindu e urdu. Além disso, musicadas por Alceu Bocchino, Luis Cosme, Letícia Figueiredo, Ênio Freitas, Camargo Guarnieri, Francisco Mingnone, Lamartine Babo, Bacharat, Norman Frazer, Ernest Widma e Fagner.

É evidente seu discurso pela liberdade. Ao se pensar na essência de Cecília Meireles, buscando em uma de suas inúmeras obras um trecho que a definisse, encontrou-se essa definição no livro *Romanceiro da Inconfidência*:

[...] Liberdade,
essa palavra que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda [...]
(MEIRELES, 1977, p. 81).

A vida da escritora é marcada por um início cheio de perdas, presença indelével em suas obras, retratada pela ausência e refletida pelo seu tom de

liberdade. Ela mesma referia sua profunda intimidade com a morte, trazendo em seus poemas as vozes entre o efêmero e o eterno, o silêncio e a solidão. No lirismo do seu último poema da obra *Romanceiro da Inconfidência*, intitulado “Fala dos inconfidentes mortos”, entoa:

Quais os que tombam,
em crime exaustos,
quais os que sobem,
purificados?
(MEIRELES, 1977 p. 239).

É possível encontrar inúmeros elementos na obra *Romanceiro da Inconfidência*, em que seus poemas ressoam entre o romance e a tragédia, narrando figuras ilustres que fora da ficção foram consagradas na luta pela independência e liberdade, lemas que inspiraram a Inconfidência Mineira. A poeta inclui Bárbara Heliodora em sua narrativa poética, figura marcante na história do feminismo no Brasil:

Dona Bárbara Heliodora
toma vida noutros mundos.
Grita a amigos e parentes
quer saber de seus defuntos:
ronda igrejas e presídios,
fala aos santos mais obscuros.
(MEIRELES, 1977, p.222).

Ao pensar na grandiosidade das obras dessa poeta é importante destacar a passagem de Baccega (2017) ao descrever porque Cecília Meireles foi assim caracterizada pelo crítico Paulo Rónai:

Considero o lirismo de Cecília Meireles o mais elevado da moderna poesia de língua portuguesa. Nenhum outro poeta iguala o seu desprendimento, a sua fluidez, o seu poder transfigurador, a sua simplicidade e seu preciosismo, porque Cecília, só ela, se acerca da nossa poesia primitiva e do nosso lirismo espontâneo... A poesia de Cecília Meireles é uma das mais puras, belas e válidas manifestações da literatura contemporânea (BACCEGA, 2017, p. 117).

As palavras de Meireles ganharam vida no teatro, na música, em filmes, em gravações de seus poemas recitados em um lirismo que exalta constantemente a vida, a morte e a liberdade. No próximo capítulo, examina-se com maior profundidade a marca da autora ao se analisar e aferir em cada poema a essência dessa poeta que aspira liberdade de corpo e alma, assim como se resgata nesse excerto:

LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
[...] ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
(MEIRELES, 1977, p. 80-81).

A musicalidade é a essência de Meireles e a liberdade sua bandeira poética perante o contexto histórico e social por ela vivenciado, ainda que a mulher estivesse consolidando seu espaço na literatura. Não é difícil compreender que de acordo com a história das mulheres, a poeta vivenciou um período ainda de poucas vozes femininas na literatura do Brasil. Acredita-se que as declamações poéticas de Cecília Meireles expressam uma forma de luta pela emancipação.

Lima (2002, p. 940) ressalta:

Os textos literários sempre se relacionam com contextos; é por esta relação que o texto alcança o sentido concreto de sua estruturação, ou seja, o sentido concreto de seu uso. O conceito de função tematiza a contextualidade do texto e elucida a relação recíproca que o texto e o contexto entretêm.

Assim foi a sutileza de Cecília Meireles em utilizar de sua escrita poética para contextualizar e expressar um momento histórico, entoando a "liberdade ainda que tarde", mesmo sendo um poema que se refere à bandeira da liberdade empunhada pela inconfidência mineira, fato histórico distante de sua realidade, porém marcante em sua escrita para tratar da temática liberdade.

2.3 A INQUIETUDE DE HELENA KOLODY EM BUSCA DO ESSENCIAL

Ao relatar o percurso biográfico da poeta paranaense Helena Kolody, pautam-se as fundamentações na tese de doutorado do orientador desta pesquisa, Antonio Donizeti da Cruz, que possui um trabalho relevante para este estudo. Silva (2017, p. 165) corrobora essa premissa ao afirmar em seu artigo: “Entre os poucos pesquisadores dedicados ao estudo da poesia de Helena Kolody, destaca-se Antonio Donizeti da Cruz, que aponta a busca da transcendência como o principal tema da poetisa”.

Convém mencionar que o professor pesquisador de Helena Kolody teve o privilégio de manter contato *in loco* com a poeta, tendo como fonte sua poética a principal fonte de suas pesquisas. São perceptíveis na leitura das cartas emitidas por Helena Kolody, o entusiasmo e a alegria ao compartilhar seus saberes, poemas e história de vida. Isso fez com que “O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody”, tese de Cruz (2012, p. 23-52), expressasse sua profunda essência e contribuição na literatura feminina contemporânea brasileira.

A definição das poetisas foi consolidada durante pesquisas bibliográficas, fichamentos, orientações, produção de artigos e ensaios, até surgirem como peças fundamentais dessa viagem a participação de Cecília Meireles e Adélia Prado no mesmo viés metodológico proposto pelo estudo comparado, bem como, identificando as categorias de análise.

O percurso biográfico de Helena Kolody, segundo Cruz (2012, p. 23-26),

Helena Kolody nasceu em 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado. Era filha primogênita de Miguel e Victória Kolody. Entre 1920 a 1922, realizou seus primeiros estudos no Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro, no Paraná. Em 1922, concluiu o curso primário. Durante 1923 a 1924, estudou em Curitiba no Colégio Divina Providência e na Escola Intermediária (atual Instituto de Educação do Paraná). Em 1924, mudou para Santa Catarina, na cidade de Mafra, por lá estudou piano, pintura e escreveu os seus primeiros versos. Em 1927, a família transfere-se para Curitiba e Miguel Kolody, seu pai, que anteriormente havia exercido a profissão de agrimensor, estabelece-se com um armazém de secos e molhados. Em 1928, Kolody publicou seu primeiro poema “A lágrima”, na revista O garoto, editada por um grupo de estudantes.

Cruz (2012) relata que Helena Kolody começou a escrever muito jovem, por volta dos 13 anos, mas somente a partir de 1930 seus poemas foram publicados em jornais e revistas. Especialmente em *Marinha*, revista do litoral paranaense, editada em Paranaguá, maior divulgadora de sua poesia na época. De 1928 a 1931, cursou a Escola Normal Secundária (atual Instituto de Educação do Paraná). No ano de 1931, formou-se professora normalista, e sempre salientava com muita satisfação o orgulho de ser professora. Em 1932, foi nomeada professora do grupo Escolar Barão de Antonina, de Rio Negro, Paraná. Em 1933, foi designada para lecionar na Escola Normal de Ponta Grossa. Em 1937, foi transferida para a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação). Foi professora durante 23 anos, ausentando-se apenas um ano, em 1944, ao prestar serviços na Escola de Professores de Jacarezinho, Paraná. Em 1941, publicou sua primeira obra "*Paisagem interior*", com dedicatória a seu pai, que faleceu sem saber do primeiro livro que sua filha preparava em segredo (CRUZ, 2012, p. 23-27).

Merecedora de muitos prêmios, em 1942 Helena Kolody classifica-se em segundo lugar com "*Paisagem interior*", no "Concurso de poesia", promovido pela "Sociedade de Homens de Letras", do Rio de Janeiro. Em 1945, publica *Música submersa*. No ano de 1947, presta concurso público para a função de Inspetora de Ensino Secundário, nomeada em 1950. Em 1949, obtém o terceiro lugar no "Concurso de Livros", gênero poesia, do Centro de Letras do Paraná, com os originais de *A sombra no rio*. Recebe o prêmio "Ismael Martins" (publicação da obra) sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Curitiba. Ainda nesse ano, publica a segunda edição de *Paisagem interior*. Em 1951, *A sombra no rio*. Em 1957, a segunda edição de *A sombra no rio*. Em 1959, o "Centro Paranaense Feminino de Cultura" publica Trilogia, separata de *Um século de poesia* (CRUZ, 2012, p. 31).

Foram inúmeras as comemorações voltadas à poeta. Em 1962, Helena Kolody recebe uma homenagem especial de seus alunos pela passagem dos seus 50 anos. Eles editam *Poesias completas*, reunindo os livros publicados até essa data. No mesmo ano, Helena aposenta-se como professora da rede estadual. Em 1964, publica *Vida breve* (Lacerda Pinto, em seu artigo *Helena Kolody e Vida Breve*, publicado no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro). Em 1965, publica *20 poemas*

e, em 1966, edita em um único volume dois novos livros: *Era espacial e Trilha sonora* (CRUZ, 2012, p. 32).

Sua inquietude se manifestava por meio das palavras. Em 1967, publica *Antologia poética*. Nesse ano, aposenta-se como Inspetora de Ensino. Em 1970, Miguelina Soifer publicou o artigo "Tempo e instantaneidade em Kolody", na *Revista Letras*, em Curitiba. No ano de 1975, falece Victória Kolody, mãe de Helena. Em 1977, é publicada a antologia *Correnteza*. Em 1980, Helena Kolody publica *Infinito presente* na Gazeta do povo. Em 1983, a "Sociedade dos amigos da cultura ucraniana" publica *Poesias escolhidas*, com tradução de Wira Wowk para o ucraniano. No ano de 1985, publicou *Sempre palavra*, pela Criar Edições. Helena Kolody recebeu o "Diploma de Mérito literário", conferido pela Prefeitura Municipal de Curitiba (CRUZ, 2012, p. 35-37).

Em 1986, participou do projeto da Biblioteca Pública do Paraná. Foi publicada a obra *Helena Kolody: um escritor na Biblioteca*. Nesse mesmo ano, é publicada a primeira edição de *Poesia mínima* e a segunda edição de *Sempre palavra*, pela Criar Edições. Em 1988, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, por intermédio de Regina Benitez, institui o "Concurso de Poesia Helena Kolody" como duplo reconhecimento pela brilhante atuação da poeta no magistério paranaense e pela magnitude do conjunto de sua obra literária. Ainda em 1988, a Criar Edições edita *Viagem no espelho*, antologia das obras de Helena Kolody até essa data (CRUZ, 2012, p. 39).

No ano de 1990, o grupo da Oficina Livre de Teatro leva ao palco *Helena Kolody, uma mulher*, peça escrita, dirigida e interpretada pelo grupo, promovida pelo Museu da Imagem e do Som. Em 1991, a Secretaria de Estado da Cultura edita *Ontem agora: poemas inéditos*. No prefácio da obra, Hélio de Freitas Puglielli assevera: "Helena é a voz do Paraná. Uma voz sonora, sem arrogâncias, sem estridências retóricas ou piegas" (CRUZ, 2012, p. 47).

Em 1992, foi recebida pelo acadêmico e professor Leopoldo Scherner, na Academia Paranaense de Letras (APL); naquele momento era a única mulher na APL. Ocupou a cadeira de n. 28, deixada vaga por seu primeiro ocupante, o poeta Leonardo Hencke. Cruz (2012) expõe uma significativa homenagem de Leopoldo Scherner em seu artigo: "Helena Kolody: paranaense imortal", publicado no Correio

de Notícias, em 3 de abril de 1992, em que faz uma síntese do discurso que proferiu no dia 25 de março de 1992 na Academia Paranaense de Letras (CRUZ, 2012, p. 47).

Nos anos seguintes, Helena Kolody torna-se cada vez mais reconhecida por sua singularidade, caracterizando-se na literatura brasileira como poesia kolodiana. Foi homenageada inúmeras vezes por alunos, e foram surgindo diversas pesquisas focadas em seu estilo poético. Consta que em 1984 foi escrita a primeira dissertação de mestrado sobre ela, apresentada por Maria de Lourdes Martins (CRUZ, 2012, p. 37).

No ano de 2004, Helena Kolody faleceu, deixando um legado histórico imensurável para a literatura feminina contemporânea. Postumamente, seu nome foi homenageado em inaugurações de instituições públicas educacionais por todo o Estado do Paraná. Todos os anos é promovido um concurso literário de poesia que leva o seu nome. Seu tom lírico emitia uma inquietude essencial, movida por versos que remetem à contemplação da natureza, ao romantismo e à espiritualidade.

Sua inquietude e a busca pelo essencial são percebidas em seus versos libertos e seu pensamento espontâneo evidencia a escrita de Helena Kolody, admirada e elogiada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade a respeito da obra *Música submersa* em carta datada de 29 de março de 1946 e publicada em Rumo paranaense ao agradecer o exemplar do livro recebido da poeta. Cecília Meireles também escreve a Helena Kolody, em carta datada de 06 de março de 1952 e publicada em Rumo paranaense, em que revela sua admiração. As palavras do crítico Tasso da Silveira, que publicou em *A Estante*, Revista do Rio de Janeiro, o artigo "Pura poesia e crítica impura", e ao comentar a obra *A sombra no rio*, declara que a poesia de Helena Kolody "é feita de amargor e sabedoria a um só tempo". Dizia que Helena "traz a marca do poeta verdadeiro: do amor profundo ao vocábulo" (SILVEIRA, 1952, p. 9).

Cruz (2012), ao expor em sua tese um breve histórico epistemológico da palavra inquietude, considera que se pode extrair um aspecto positivo, algo que permite ao próprio homem se ultrapassar. Em conformidade com este autor, na poesia de Helena Kolody a inquietação – enquanto questionamento e busca de sentido existencial – pode ser vista em quatro eixos temáticos, nos planos:

- a) da comunicação linguística, pois a palavra "inquietação", enquanto signo, aparece em poemas de quase toda sua obra;
- b) do fazer poético e do compromisso de busca da palavra mais adequada à expressão poética, visto que o poeta está sempre em luta com as palavras;
- c) da busca de sentido existencial, ou seja, o questionamento do sujeito lírico na poesia kolodyana, sempre indagando a respeito do sentido da vida;
- d) da nostalgia, como retorno às origens, em que o sujeito lírico busca o passado, a paisagem natal e a sua origem ucraniana (CRUZ, 2012, p.69).

A inquietude de Helena Kolody é uma mistura de melancolia, saudosismo e nostalgia do passado, retorno às origens, inquietação e questão existencialista ante vida e morte, ironia, humor, encanto e desencanto pela vida, preocupação com o tempo, e manifesta buscas e encontros essenciais do ser. Essas são observações de Cruz (2010) ao tratar do sujeito lírico que se revela inquieto e dividido entre o plano terreno e espiritual ao excertar o poema “Mergulho”:

Almejo mergulhar
na solidão e no silêncio,
para encontrar-me
e despojar-me de mim,
até que a Eterna Presença
seja a minha plenitude.
(KOLODY, p. 96 apud CRUZ, p. 44).

Como se verifica nesse poema, Helena Kolody revela essa inquietude diante da solidão da vida e do silêncio, contemplando-os como necessários e elementares para se encontrar em si mesma; da importância do eterno e do alcance da plenitude. Seus versos denotam essa singularidade, principalmente por sua escrita que exala nostalgia e melancolia de forma inquietante.

2.4 A SERENIDADE DE ADÉLIA PRADO PELA HUMANIZAÇÃO

A trilha até aqui percorrida finaliza esse percurso da escrita contemporânea brasileira com Adélia Luzia Prado de Freitas. Esta nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, em 1935, filha do ferroviário João do Prado Filho e de Ana Clotilde Corrêa.

Para conhecer o percurso biográfico de Adélia Prado, traçou-se uma linha do tempo da escritora por intermédio de pesquisas em livros, dissertações e teses. A *Enciclopédia Itaú Cultural* possibilitou algo mais concreto, para além de *bloggers* de cunho literário biográfico. Diante disso, optou-se por utilizar-se a biografia que consta na obra *Miserere* devido às informações atualizadas, tratando-se da publicação de um de seus últimos livros, além das informações disponíveis na *Enciclopédia Itaú Cultural*, como fonte principal das informações descritas para ilustrar a vida e obras de Adélia Prado, e dos registros no *blogger Releituras*, mediante o levantamento apresentado na sequência.

No ano de 1942, Adélia Prado ingressa no Grupo Escolar Padre Matias Lobato, em sua cidade natal, onde se alfabetiza. Escreve os primeiros versos em 1950, aos 15 anos, após a morte da mãe. Nesse mesmo ano, termina os estudos no Ginásio Nossa Senhora do Sagrado Coração, entrando, em seguida, para o magistério na Escola Normal Mário Casassanta, que conclui dois anos depois, em 1953.

Começa a atuar como professora, ministrando aulas em 1955, voltando a estudar dez anos mais tarde: de 1965 a 1973. Em companhia do marido, gradua-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, MG.

Sua primeira publicação tem como marco o ano de 1969, com os versos *A Lapinha de Jesus*, depois em parceria com o escritor Lázaro Barreto, em 1971. Porém, só considera sua estreia efetiva com a publicação do seu livro *Bagagem* no ano de 1976. Em 1978, publica o livro de poemas *O Coração Disparado*, agraciado com o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. No ano seguinte, antes de lançar-se na prosa, publica os contos *Solte os Cachorros*. Em 1980, publica o romance *Cacos para um Vitral*. Nesse mesmo ano, dirige o grupo de teatro amador Cara e Coragem na montagem da peça “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. No ano seguinte, seu grupo encenou “A Invasão”, de Dias Gomes. Em 1981, lança o livro “*Terra de Santa Cruz*”.

Entre 1983 a 1988, exerce as funções de Chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Educação e da Cultura de Divinópolis a convite do prefeito Aristides Salgado dos Santos. Ensinou no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, Fundação

Geraldo Corrêa — Hospital São João de Deus, Escola Estadual São Vicente e Escola Estadual Matias *Cyprien*.

Em 1985, participa, em Portugal, de um programa de intercâmbio cultural entre autores brasileiros e portugueses, e em Havana, Cuba, do II Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos de Nossa América. Em 1987, Fernanda Montenegro estreia, no Teatro Delfim - Rio de Janeiro, o espetáculo *Dona Doida: um interlúdio*, baseado em livros da autora. No ano seguinte, em 1988, vai a Nova York participar da Semana Brasileira de Poesia, evento promovido pelo Comitê Internacional pela Poesia. Publica *A faca no peito* e participa, em Berlim, Alemanha, do Línea Colorada, um encontro entre escritores latino-americanos e alemães.

No ano de 1991, publica sua *Poesia Reunida*. Em 1993, retorna à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Divinópolis. Em 1994, que antecedeu anos de silêncio poético, sem nenhuma palavra, nenhum verso, Adélia Prado publica o livro *O homem da mão seca*. A autora conta que iniciou esse livro em 1987, mas por ter sido acometida de uma crise de depressão, ficou bloqueada durante muito tempo.

Em 1996, estreia no Teatro Sesi Minas, em Belo Horizonte, a peça *Duas horas da tarde no Brasil*. Nesse período, Adélia Prado lançou *Manuscritos de Felipa* e *Oráculos de maio*. Participa da série "O escritor por ele mesmo".

Em 2001, publica o livro *Filandras*. Em 2005, o livro *Quero minha mãe*. No ano seguinte, lança a obra *Quando eu era pequena*. Em 2010, publica o livro *A duração de um dia*. No ano de 2013, a obra *Miserere*. No final de 2016, lançou o livro *Cantiga dos meninos pastores*.

Conforme o noticiário "G1 de Minas Gerais", publicado em vinte e nove de junho de 2018, Adélia Prado foi vencedora do Prêmio Minas Gerais de Literatura, em 2016 e 2017, concedido pelo governo estadual. Segundo reportagem, em 2016 esse prêmio foi conquistado pela primeira vez por uma escritora mulher.

Tornam-se visíveis os elementos da religiosidade e da percepção humana ao se pensar na escrita adeliana; seu principal tema remete ao sagrado como essência de seus poemas, seu constante diálogo reflexivo do seu eu lírico com Deus.

A poesia me salvará.
Falo constrangida, porque só Jesus
Cristo é o Salvador, conforme escreveu
um homem – sem coação alguma –

atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança
 de Congonhas do Campo.
 No entanto, repito, a poesia me salvará.
 Por ela entendo a paixão
 que Ele teve por nós, morrendo na cruz.
 Ela me salvará, porque o roxo
 das flores debruçado na cerca
 perdoa a moça do seu feio corpo.
 Nela, a Virgem Maria e os santos consentem
 no meu caminho apócrifo de entender a palavra
 pelo seu reverso, captar a mensagem
 pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.
 Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,
 porque temo os doutores, a excomunhão
 e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.
 Que outra coisa ela é senão Sua face atingida
 da brutalidade das coisas?
 (PRADO, 1991, p. 63).

Em sua poesia, existe plena consciência do cotidiano como objeto de transcendência. Outro excerto marcante no poema de Adélia Prado quanto à força da poesia encontra-se em suas palavras:

A poesia me pega com sua roda dentada,
 me força a escutar imóvel
 o seu discurso esdrúxulo.
 Me abraça detrás do muro, levanta
 a saia pra eu ver, amorosa e doida.
 (PRADO, 2010, p. 60).

A poesia que sensibiliza, que emancipa, que humaniza seria a melhor definição para expor o que se pretendeu nesta discussão. Essa temática requer muitos subsídios a serem explorados, seja na questão de investigar as relações pertinentes ao poder de criação poética, assim como traçar e aproximar estudos relativos ao poder de humanização da poesia, proposta na fala de Adélia Prado, ao nos tirar do estado de barbárie e nos humanizar, algo relevante e interessante na continuidade de pesquisas e discussão para uma maior reflexão.

A opção por Adélia Prado nesta pesquisa foi justamente para situar sua posição frente à literatura brasileira ao esboçar o fenômeno poético, ao apontar e definir que a arte se justifica pela poesia que ela mesma contém. Acredita-se que essa poeta lírica representa todo o percurso que se traçou para dialogar e refletir sobre o poder da poesia. Dessa forma, enfatizar esta discussão e abordagem

teórica sob a luz de sua poética tem como intenção transformar-se em um convite ao aprofundamento nessa temática, além de registrar com maior ênfase sua defesa atenta ao poder humanizador da poesia.

No próximo capítulo, apresenta-se a análise comparada de três livros das poetisas em estudo. Essas obras foram selecionadas pela percepção crítica, levando em consideração as três categorias de análise poesia, mulher e educação. Como nesta tese pretende-se aprofundar a função social da poesia e seu poder de humanizar, propõe-se neste capítulo a discussão amparada nos conceitos dos pensadores eleitos neste trabalho para analisar as categorias que levaram esta pesquisa à dimensão que se deseja abranger nas considerações finais. Parte-se dos pressupostos de Bosi (2000, p. 131):

Mesmo quando o poeta fala de seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz, quando poeta, de um *modo* que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo "eterno" da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato.

Considera-se que a poesia tem essa função de percorrer tempos diferenciados, o antigo e o novo ao mesmo tempo, ou seja, se eternizar, com seus códigos de linguagens. Ainda parafraseando Bosi (2000, p. 13), "A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema". Por esse sentido foi preciso percorrer a história até chegar ao alcance dos poemas em evidência.

Lima (2002) permite pensar que ao se adentrar nos textos poéticos em evidência é válido atentar que:

Mesmo que a estruturação do texto permita aprender elementos tão diferentes como a diversidade de convenções, de hábitos e de condutas verbais, mudanças de pontos de vista e papéis sociais, o modo de proceder estrutural se desenvolve pelo estabelecimento de relações em uma coerência intratextual que se resolve na produção da dimensão semântica do texto (LIMA, 2002, p. 939).

É nesse sentido que os elementos principais dos poemas são destacados, permitindo pensar nos papéis sociais de cada poeta, desde o clamor de Nísia aos direitos das mulheres, o entoar de liberdade de Cecília, o som de contemplação de Helena e o tom humanizador de Adélia. Nessa direção, Morin (2006, p. 45) reitera: "A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana".

Pilati (2017), pesquisador e defensor da função humanizadora da poesia, veio ao encontro de alguns estudos teóricos que fundamentam essa pesquisa, principalmente à luz da teoria candiana, colaborando para a identificação da terceira categoria de análise, a educação, norteadora do pensamento e o grande elo das quatro vozes.

Em seu livro *Poesia na sala de aula*, Pilati (2017) relata que sua "experiência como estudioso no gênero lírico" o fez perceber que ao levar a poesia para sala de aula seria possível propor diretrizes, as quais, ao se tomar conhecimento para este estudo, julga-se relevantes. Essas diretrizes foram definidas em: "1) o princípio da autonomia; 2) a concepção de educação como emancipação; 3) o fundamento da 'crítica viva'; 4) a especificidade da leitura do poema" (PILATI, 2017, p. 21). Mediante a contribuição deste autor é possível identificar a função humanizadora da poesia na promoção da autonomia crítica e da emancipação como prática educativa.

3 DA FUNÇÃO SOCIAL DA POESIA AO PODER DE HUMANIZAR

Ao pesquisar o significado da palavra poder, encontram-se muitos sentidos, como força, influência, eficácia, efeito, virtude, meios, recursos, ou seja, a capacidade de fazer alguma coisa. Assim como a palavra humanização provém do verbo humanizar, que significa inspirar a humanidade a; adoçar; suavizar; civilizar, tornar-se humano; compadecer-se.

Ao se ater a um conceito mais pontual sobre o objetivo central desta pesquisa, cujo cerne é o poder de humanização da poesia, cita-se Candido (2004, p.176):

[...] o processo que permite desenvolver os traços essenciais do homem, como a inteligência, o desenvolvimento das emoções e do senso de beleza, o humor, a boa disposição para com o outro e a capacidade de perceber a complexidade do mundo. Reconhecendo que a função humanizadora da literatura deve-se à complexidade de sua natureza, Candido vai distinguir três de suas faces: 1- ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; 2- ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3- ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Kant (1999) sinaliza que “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade”. Nessa contextualização teórica encontra-se uma reflexão sobre o ato de humanizar a sociedade, indicando que a arte, por meio da educação, consiste no melhor caminho e a palavra poder consiste em fazer algo para tornar-se humano. Nesse caso, cabe aqui enfatizar o poder de humanização da poesia, buscando na escrita das quatro poetas em foco as obras que melhor expressam a essência de seu trabalho (KANT, 1999, p. 12).

Ao tratar dessa questão quanto ao poder de humanizar através da poesia, é possível perguntar: pode a arte ter o poder de humanizar a sociedade? Na acepção de Kant (1999), a arte tem o poder relevante de tirar o homem da vida primitiva e o tornar capaz de diversificadas expressões, rituais de danças, códigos musicais e visuais; afinal, a arte pode emocionar, impulsionar e refletir. Na arte o homem expressa seus sentimentos de amor, dor, contestação, indignação. Para alguns, a

arte tem o poder de aliviar a alma, algo semelhante à psicografia. A resposta a essa pergunta poderia ser uma segunda indagação: o que seria do homem sem a arte?

A proposta deste trabalho consiste em aferir às vozes poéticas em destaque uma análise conceitual especialmente de três obras selecionadas com o intuito de demonstrar a essência de cada escritora, além de aproximá-las entre si, entrelaçando-as por meio da poesia, diante dos discursos que ressoam em sua escrita e da marca que as distingue. Nesse sentido, para cada poeta em pauta encontrou-se uma palavra-chave que a simbolizou com maior evidência na leitura e análise das obras elencadas.

Candido (2002, p. 85) afirma que: "O fato de consistir na construção de obras autônomas, com estrutura específica e filiação a modelos duráveis, lhe dá um significado também específico, que se esgota em si mesmo, ou lhe permite representar de maneira cognitiva, ou sugestiva, a realidade do espírito, da sociedade, da natureza". Por esse motivo, Nísia Floresta foi escolhida como a principal autora de base, por seu clamor à sociedade e por ousar, através da escrita, convocar as mulheres para assumirem seu espaço na política, ciência e literatura sem perder a feminilidade e sem perder seu espaço como esposa e dona de casa. Cecília Meireles traz o anseio da liberdade em sua voz. Helena Kolody concede o som de contemplação, da natureza e da vida no campo, da inquietude que exala em seu encontro com a solidão. Adélia Prado, com seu tom humanizador, também revela a beleza da vida no interior pela exaltação do sagrado e da família.

Inicialmente, o *corpus* principal deste trabalho, como assinalado, consiste na análise das obras: *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, *Opúsculo Humanitário* e *Cintilações de uma alma brasileira*, de Nísia Floresta. As vozes poéticas das demais obras são retratadas por meio dos estudos comparados na análise da escrita poética das escritoras Cecília Meireles, nas obras *Espectros*, *Viagens* e *Cânticos*; Helena Kolody, nas obras *Paisagem interior*, *Viagem no espelho*, *Reika* e *Sinfonia da vida*; e Adélia Prado, nas obras *Bagagem*, *O coração disparado* e *Miserere*.

Em conjunto ao *corpus* principal dessa análise frisa-se a leitura de algumas obras, dentre as quais destacam-se pesquisas e publicações em teses, dissertações e artigos significativos por fundamentarem a análise dos livros em estudo. Em

seguida aponta-se os poemas selecionados, mediante as três categorias de análise, a partir das obras elencadas nas quatro vozes para esta pesquisa, conforme sinaliza Bosi (2000, p. 13):

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças.

Nesse âmbito, permite-se analisar cada poema em destaque, evidenciando o eu lírico de cada voz, denotando de memórias antigas ou experiências novas, acentuando valores tradicionais, mas também com clamor para as mudanças resultante da crença no sagrado. Nesse viés, cita-se Freud (2013, p. 269) ao pontuar que “O poeta faz algo semelhante à criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia, que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade”.

3.1 A FUNÇÃO SOCIAL E O PODER DA POESIA

Com a intenção de discutir sobre a função social e o poder da poesia, busca-se nesse momento, um estudo de pensadores que tratam desse tema, primeiramente mediante as principais obras que trazem a questão do poder da poesia, bem como as vozes que ressoam das poetisas que remetem a função social humanizadora da poesia. Para isso, primeiramente, toma-se por base o pensamento aristotélico que “inclui todos os efeitos produzidos mediante a palavra; dele fazem parte o demonstrar e o refutar, suscitar emoções” (ARISTÓTELES, 1992, p. 460).

Cabe nesse momento um diálogo que permita refletir sobre a pesquisa de Freyre (1984) voltada à análise e abordagem de seu livro *Camões: Vocação de Antropólogo Moderno*¹³. Nesse estudo, o autor retrata uma vertente antropológica, que observa em Camões, sob o feito do seu poder de esculpir a poesia pelo sentimento étnico coletivo, algo bem singular e marcante nas obras do poeta.

¹³ Obra de Gilberto Freyre – a vocação de antropólogo do poeta Luis Vaz de Camões (1984).

Conforme o autor, “não há exagero em dizer que Camões deixou ao mundo, n'Os Lusíadas, a mais completa das autobiografias coletivas que um homem de gênio já deixou de sua própria gente” (FREYRE, 1984, p. 20).

Considera que a obra de Camões é:

[...] uma espécie de antecipada lusotropicologia acrescida de sensibilidade a ocorrências transoceanicamente exóticas, com valor antropológico socialmente linguístico da expressão literária, no que seria a base de unidade não só de espírito, de sentimento e de vivência” (FREYRE, 1984, p 20-22).

Em sua obra, reproduz um excerto em que Camões menciona esse poder antropológico da poesia. Segundo seu pronunciamento autobiográfico, no mesmo sentido define como percurso a moderna antropologia:

“Nem me falta na vida
honesto estudo
Com longas experiências
misturado
Nem engenho que aqui
vereis presente
Coisas que juntas se
encontram raramente”
(CAMÕES apud FREIRE, 1984, p. 42).

Como assinalado, Camões tinha consciência do legado literário antropológico que estava registrando na história da poesia. Um marco na expressão poética ocidental, em uma visão quase científica e não somente humanisticamente valiosa, como declara Freyre (1984) sem nenhuma modéstia, e confessa ter sido “honesto estudo”. Camões coexistiu como poeta criativo e que teve sua atenção voltada a paisagens, condições de vida, figuras humanas, costumes, usos, ritos que o cercavam, confiante no domínio da natureza pela cultura humana.

No aspecto quanto do poder sociológico da poesia, indica-se como autor principal desse debate as proposições de Antonio Candido¹⁴, que aborda em *Literatura e Sociedade*, definições pertinentes para analisar essa vertente,

¹⁴ Antonio Candido de Mello e Souza - sociólogo, literato e professor universitário brasileiro (1918).

senalizando que o poder da poesia influencia os aspectos sociológicos. Conforme menciona Candido (2006):

A poesia das sociedades primitivas permite avaliar a importância da experiência cotidiana como fonte de inspiração, sobretudo com referência às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo. À medida que fala deles, o poeta assegura a sua posição de intérprete, num sentido que a nós poderia frequentemente parecer anestético (CANDIDO, 2006, p. 40).

Candido (2006) assinala que a poesia é bastante solidária em espírito ao romance com a sociedade. Em todo o percurso da sociedade, algumas vezes com maior ou menor grau de envolvimento social, a poesia está atrelada ao sentimento social, seja apreciando ou negando, enaltecendo ou depreciando. Na literatura social, mesmo que ao contrário do Naturalismo, que trouxe a Antonio Candido um vigoroso impulso de análise social. Segundo o autor, desde as sociedades primitivas encontram-se justamente nas relações sociais uma grande fonte de inspiração aos poetas. Candido (2006) divide a função social da literatura em três: total, social e ideológica.

Ao relacionar a própria literatura hermética, o autor pondera:

[...] tais fenômenos que a tornam tão social, para o sociólogo, quanto a poesia política ou o romance de costumes, como é o caso do desenvolvimento de uma linguagem pouco acessível, com a consequente diferenciação de grupos iniciados, e efeitos positivos e negativos nas correntes de opinião” (CANDIDO, 2006, p. 31).

Em Friedrich Nietzsche¹⁵ encontra-se a essência filosófica sobre a qual discorre em sua obra *Ecce Homo*, retratando um balanço de sua vida na busca de explicar de onde vem sua inspiração, e em suas obras analisa o propósito de expor seu pensamento. Após escrever essa última obra, ao completar 44 anos, Nietzsche perdeu a sanidade mental e alguns anos depois, veio a falecer. Dessa forma, *Ecce Homo* é considerado a última palavra desse filósofo que tinha plena consciência de que poucos entenderiam o que escrevia, principalmente pelo seu ceticismo e negação ao cristianismo. Conforme afirmava sobre seu livro: “Com ele fiz a

¹⁵ Friedrich Nietzsche - filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor alemão do século XIX (1844-1900), escreveu *Ecce Homo, Wie man wird, was man ist*, em 1888, uma autobi(bli)ografia.

humanidade o maior presente que até agora foi feito. Esse livro, com uma voz de atravessar milênios, não é apenas o livro mais elevado que existe, autêntico livro do ar das alturas” (NIETZSCHE,1995, p. 9).

Apesar de certo tom de prepotência contido nas afirmativas desse nobre poeta e filósofo, cabe reconhecer que ao longo do tempo este pensador foi estudado e discutido em vários momentos acadêmicos, tornando-se um legado bibliográfico para diversas áreas, nomeadamente nas ciências filosóficas, literárias, jurídicas, psicológicas, sociológicas, antropológicas. Nietzsche apontou alguns motivos que o impulsionavam à inspiração da escrita. Afirmava que essa força era muito mais forte do que as convenções daquilo que a sociedade, de forma mascarada, tentava impor. Quando descreve “por que sou um destino”, deixa claro sua condição e plena consciência: “Conheço a minha sorte. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo [...] uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado e requerido. Eu não sou um homem, sou uma dinamite” (NIETZSCHE,1995, p. 102).

Esse filósofo tem como fonte de estudo o pensamento da antiguidade contido em Homero, Cícero, Ovídio, Dionísio, Sócrates, dentre outros. Além disso, estudava as composições de músicos no sentido de aferir a inspiração poética na produção de melodias presentes em Handel e Strauss. Em 1874, escreveu e publicou um hino à amizade, correlacionado ao extraordinário da manifestação musical e a imutabilidade do caráter, considerando-a a linguagem da essência de sua natureza.

Na tentativa de Nietzsche destacar o poder da poesia, é notável a sustentação da ideia de que o conhecimento significa dizer sim a realidade, sendo esta uma necessidade somente para os fortes, na mesma proporção que para os fracos a inspiração de fraqueza, fuga e covardia diante da realidade. Proclama em sua obra uma distinta e singular definição do poder que invade e toma conta da inspiração, tal como no fragmento seguinte, como ponto culminante da abordagem relevante à luz desta reflexão:

Alguém, no final do século XIX, tem nítida noção daquilo que os poetas de épocas fortes chamavam de inspiração? Se não, eu o descreverei. - Havendo o menor resquício de superstição dentro de si, dificilmente se saberia afastar a ideia de ser mera encarnação [...] A noção de revelação, no sentido de que subitamente, com inefável

certeza e sutileza, algo se torna visível, audível, algo que comove e transtorna no mais fundo, descreve simplesmente o estado de fato. Ouve-se, não se procura; torna-se, não se pergunta quem dá; um pensamento reluz como relâmpago, com necessidade, sem hesitação na forma – jamais tive opção [...] (NIETZSCHE, 1995, p. 77).

Essa definição ressoa de forma incontestável em sua plenitude e completude. Ao revelar que jamais teve opção, compreende-se perfeitamente que esse “poder” que vem de dentro é uma força indescritível que realmente não se procura, simplesmente torna-se uma necessidade que sem hesitar dispara como um raio dentro da mente, tal qual se pode descartar ou registrar para posteriormente ler, reler, refletir, analisar, publicar, compartilhar.

Na mesma medida que Nietzsche é fundamental para a reflexão quanto ao poder de inspiração da poesia, como principal indicador de base literária para os estudos relativos à estética da poesia encontram-se as ideias de Friedrich Hegel¹⁶, revelando-se uma notável bibliografia que abrange a questão da escrita poética, além de seus fundamentos teóricos importantes para analisar a evolução histórica da poesia.

Em seu estudo, discorre sobre as formas com que as civilizações desenvolvem sua linguagem, desde a antiguidade, passando pelos gregos e romanos até o romance literário. Hegel (2004) apresentou em sua obra as formas de linguagens da sociedade, classificando-as em três estilos: épica, dramática e lírica. Propôs que a poesia lírica seja aclamada e considerada como uma forma de expressão da subjetividade da criação espiritual.

Propor esse diálogo em Hegel (1980) quanto ao poder estético da poesia pode ter como princípio um primeiro ponto de reflexão, conforme sua obra acerca da “Estética da Poesia” ao abordar a fantasia poética como forma de interagir com a intuição, trazendo o sentimento interior de nossas manifestações artísticas, que podem ser expressas e registradas em palavras, esculturas, gravuras, pinturas, músicas, danças, teatros. De acordo com Hegel (1980), as artes plásticas representam o objeto da realidade exterior, logo a poesia é considerada uma força de expressão interna, da qual se liberta com o auxílio da linguagem escrita.

¹⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel – filósofo alemão com forte influência no direito moderno no século XX (1770/1831).

O legado de Hegel é tão significativo, pois nele se encontra a maneira mais adequada de se aproximar com a proposta desta pesquisa, que consiste em aferir a forma em que se pode pensar no poder da poesia enquanto estética. Seguindo o tratado de Hegel em sua descrição da evolução histórica da poesia lírica, a considera a mais elevada, pois consiste em libertar o espírito. Em sua ótica, sua missão se deve: “[...] graças à libertação, já a alma é capaz de se exprimir e de dar aos sentimentos, até então obscuros, a forma de intuições e de representações conscientes [...]” (HEGEL, 1980, p. 219).

Na obra de Hegel é possível encontrar o sentido do poder estético da poesia, esculpida e lapidada em palavras, que tocam profundamente, aliviando a tensão do poeta e alimentando a alma de quem lê. Hegel afirmava que a arte é o alimento da alma. E o caráter geral da poesia lírica traz a necessidade: “[...] de perceber o que sentimos, as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas paixões, mediante a linguagem e as palavras com que revelamos ou objetivamos [...]” (HEGEL, 1980, p. 221).

Hegel (1980) analisa o poeta lírico em seu grau de consciência e o de cultura ante seus sentimentos e representações. Em sua concepção, na poesia lírica é o indivíduo que tem o poder de exprimir toda a sua subjetividade, seguindo as disposições da alma e dos sentimentos mais instantâneos, seja diante os relâmpagos de alegria, de tristeza, de melancolia, seja de lágrimas. Tem-se aqui algo bem semelhante ao descrito por Nietzsche quando tratou de dialogar com este autor sobre a vertente do poder filosófico da poesia.

No entanto, em Hegel também é possível encontrar o mesmo pensamento sobre o poder da poesia, que vem de uma força interna e inesgotável: “no que se refere à poesia lírica, pode consistir no terno perfume que a alma exala, na novidade, na originalidade das ideias nos aspectos surpreendentes de pensamento” [...] (HEGEL, 1980, p. 223).

No sentido estético, pode-se conceber, segundo a classificação de Hegel, que o poder de criação da poesia lírica é o perfume que a alma exala. Sugere-se com essas palavras compreender que é na poesia lírica que se encontra a forma mais espontânea, original, surpreendente do pensamento humano, diferente da poesia épica ou da poesia dramática, que permitem e necessitam de influências externas

para sua existência. Na linguagem lírica encontra-se justamente “o poeta lírico que tem consciência de si mesmo e da liberdade da sua arte” (HEGEL, 1980, p. 237). Essa liberdade é o ponto central da expressão verdadeira da arte poética, do poder em extrair da alma aquilo que a razão não consegue decifrar, simplesmente as palavras ressoam latentes e cientes de sua função, destinadas e esculpidas pela emoção.

No tocante ao poder de inspiração do poeta, cita-se o excerto que mais chamou a atenção desde o primeiro contato com as poetisas em estudo. Encontrou-se em Adélia Prado seu enaltecer das aspirações poéticas: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo [...]” (1991, p.199). A escritora remete seu poder de inspiração na divindade, justificando que há momentos em que se tem inspiração e em outros não, transferindo a ausência ou presença de inspiração à vontade de Deus. Em sua poesia reside a plena consciência do cotidiano como objeto de transcendência.

Ao se ler os poemas de Adélia Prado, encontra-se mais uma vez essa busca constante: “A poesia me pega com sua roda dentada, me força a escutar imóvel” (PRADO, 2010, p. 62). Na entrevista que segue, concedida por Adélia Prado ao *Programa Sempre um Papo* (2008), há uma definição consistente de seu conceito dessa temática, destinada a desbravar e defender a ideia do poder de humanização por intermédio do fenômeno poético:

Quando eu falo de poesia, não é apenas da poesia que, eventualmente, nem sempre nós encontramos nos poemas. Falo do fenômeno poético de natureza epifânica, reveladora, do que confere uma obra de arte o estatuto de obra de arte pode ser música, pode ser escultura, pintura, teatro, dança, cinema e literatura que é onde eu me coloco. Tudo isso que foi nomeado, tudo aquilo que eu chamo de arte se justifica pela poesia que ela contém. Se não tiver poesia não é cinema, não é teatro, não é pintura, não é literatura. Não tendo, ela é tudo menos obra de arte. A obra verdadeira é sempre nova. Não cansa o que traz de si mesma e apesar de si mesma, algo que não lhe pertence e nem pertence ao seu autor. Vem de um outro lugar, de uma instância mais alta e através da única via possível que é a via da beleza. Em arte quando eu falo “beleza” não estou falando de boniteza, mas de forma, a arte é forma, não é do bonito que nós estamos falando. A forma, a beleza, revela o ser das coisas [...] (PRADO, 2008, p. 1).

Adélia Prado discorre sobre sua visão de como se pode classificar o fenômeno poético por ela definido como uma obra de arte seja na escultura, na pintura, no teatro, na dança, no cinema, seja na literatura esse fenômeno de criação, de inspiração, do poder de humanizar por meio da arte as mais variadas manifestações da cultura. A poeta considera que a poesia é uma força interna arrebatadora, não se cansa, não se pertence e não pertence a ninguém, pois a obra verdadeira é sempre nova e sempre inova e revela o espírito absoluto do humano.

Destaca-se o pensamento de Adélia Prado com mais ênfase ao refletir sobre o poder de humanização da poesia: “A arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade, o contrário, ela traz para a realidade, toca na intimidade. A poesia sendo expressão pura – e ela não sendo um discurso lógico – ela me dá o peixe sem que eu precise de estender o anzol” (PRADO, 2008, p. 1). Encontram-se nas expressões e impressões de Adélia Prado seu sentido mais profundo acerca do significado da arte face à expressão pura da poesia. Por isso, as perspectivas são imensas diante da possibilidade de aprofundar esse tema através do contato direto com a poeta que vem seguindo a trilha da escrita feminina brasileira proposta nesta tese.

Ao finalizar a definição do referencial teórico deste estudo, pontua-se que as obras selecionadas trouxeram definições importantes e fundamentais para elencar sua trajetória e percurso, pois “a literatura comparada auxilia na síntese histórico-estética, capaz de conduzir-nos a respirar as doces brisas da vida” (COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 64).

Lembra-se que a literatura comparada traz cinco definições e indica as três maiores dimensões por meio de suas interfaces antropológica, filosófica e sociológica, as quais abrangem componentes de linguagem de tradições francesas-inglesas, alemãs-francesas e latino-americanas (CLEMENTS, 1978, p. 7). Em conjunto com o segundo capítulo, em que se abordam as dimensões da literatura comparativa como interface para junção de outras áreas, propôs-se que os estudos partam das semelhanças para estabelecer diferenças, como forma de apontar as diversidades significativas (CLEMENTS, 1978, p. 21-29).

Candido (2005, p. 13) contribui significativamente para seguir a trilha da história da escrita feminina quando expõe: “o estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário. Este apresenta dois

aspectos básicos: a) acessório b) essencial”. Essencialmente, define o primeiro em sua realidade material e o segundo em sua história verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano. “É, de certo modo, a sua alma” (CANDIDO, 2005, p. 13).

Por intermédio dos pressupostos teóricos-metodológicos abordados nesta discussão, além das teses e dissertações que contribuíram com os estudos, vale destacar a assertiva de Jean Cohen (1897, p. 07): “A poesia é uma segunda potência da linguagem, um poder de magia e de encantamento cujos segredos a poética tem por objectivo descobrir”. Justamente esse poder de magia remete a múltiplas interpretações, e pode ser capaz de percorrer inúmeras gerações, contribuindo para a emancipação do pensamento.

O pensamento adorniano propõe em sua teoria a produção de uma consciência verdadeira: “Isso seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política”. E nesse mesmo sentido define: “Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme o seu conceito, demanda pessoas emancipadas” (ADORNO, 2011, p. 141). Acredita-se que esta seja uma das principais funções da poesia das quatro vozes ressaltadas neste estudo.

Ao finalizar essa trajetória, é importante refletir sobre a definição de Antonio Candido (2004, p. 176): “A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador”. O autor distingue em três faces a construção de objetos autônomos, como forma de expressão e como forma de conhecimento.

Adélia Prado tem como eixo principal a preocupação com o poder humanizador da poesia. Antonio Candido (2007, p. 35), quando publica “O direito a literatura”, também aborda seu conceito:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) como um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e aberto para a natureza, a sociedade e o semelhante.

Essa definição de Antonio Candido (2007) pode ser capaz de aferir em síntese o delinear da poética das quatro vozes, em que busca as três categorias de análise em que se debruçou neste estudo para reunir os poemas elencados e a preocupação explícita do ato de humanizar em cada poesia aqui exemplificada.

Outra concepção basilar a esta tese encontra-se nas definições de Jean Cohen (1987, p. 8), quando realça a “poesia como princípio ativo da literatura”. Este escritor também busca a definição da função da poesia, e propõe em primeira análise “a transformação qualitativa dos sentidos, descrita, segundo uma terminologia clássica, como passagem de um sentido *conceptual* a um sentido *afectivo*” (COHEN, 1987, p. 29).

Mediante a concepção metodológica de Celments (1979), que aponta em seus estudos em análise comparada, as interfaces nas áreas: antropológicas, filosóficas e sociológicas. Em conjunto com a definição de Candido (2006), que conduz uma compreensão das funções da literatura em: total, social e ideológica. A abordagem a seguir, busca nesse percurso metodológico apresentar alguns excertos e poemas em destaque para discussão e reflexão quanto à função humanizadora e o poder da escrita poética, em particular a feminina nas quatro vozes que permearam esta pesquisa.

3.2 O CLAMOR DE NÍSIA FLORESTA E OS DIREITOS DA MULHER

Segundo Almeida; Dias (2017, p. 25), “a vida e obra de Nísia Floresta mixam-se como força de conhecimento, dialogando com a objetividade presente em suas proposições e a subjetividade de suas contradições”. Suas obras revelam uma mulher erudita, crítica e paradigmática, a qual vislumbra a emancipação feminina e sua posição afronta a hegemonia masculina. Nísia Floresta faz uma profunda análise do mundo enquanto um lugar de desvelamentos; indigna-se com a educação brasileira, acreditava que por meio da escrita seria possível transformar o mundo. Porém, ainda comporta um discurso conservador de caráter religioso, pregando o amor como forma de harmonizar a família.

Na obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens*¹⁷, Nísia questiona em tom de protestos o fato de apenas os homens desempenhar vergonhosamente cargos públicos. A maior referência do discurso ideológico da autora frente à emancipação feminina consta nesse livro, publicado pela primeira vez em 1932, uma tradução de uma obra inglesa, na qual Nísia defende a inclusão da mulher na educação voltada para a ciência.

Por que a ciência nos é inútil?
Porque somos excluídas dos cargos públicos;
e por que somos excluídas dos cargos públicos?
Porque não temos ciência (FLORESTA, 1989, p. 52).

A voz da autora apela ao direito da mulher de ter acesso ao campo das ciências, para que tivesse condições de ocupar cargos públicos, inclusive na área da saúde, na qual defendia a importância da mulher devido a sua assepsia.

Essa obra, dividida em três capítulos, trata das questões levantadas pela autora sobre o conceito que os homens tinham das mulheres, abordando a inferioridade feminina imposta pelos homens, versando, no último capítulo, acerca da capacidade de as mulheres ensinarem ciências. Essas questões, embora pareçam distantes da realidade atual, são pertinentes na análise comparativa, permitindo verificar o que mudou na sociedade vigente diante daquilo que a autora denunciava em suas obras.

Ao contemplar de forma sucinta os três capítulos do livro referido, analisa-se essa importante obra de Nísia Floresta quanto à condição da mulher e empreende-se um recorte significativo de cada capítulo. Busca-se propiciar uma reflexão sobre o perfil da mulher contemporânea através das vozes de feministas tão relevantes na história brasileira no tocante à conquista de direitos.

No primeiro capítulo do livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* Nísia Floresta propõe que as mulheres deveriam ter direito a cargos públicos, justificando:

Da mesma forma que todos aqueles, pois, que mais contribuem a essa vantagem pública devem por isso obter maior porção de estima

¹⁷ Primeira obra publicada em 1932, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (era uma tradução de Mary Wollstonecraft – 1759/1797 escrita por Mary Wortley Montagu – 1689/1762).

pública. Ora, as mulheres, encarregando-se generosamente e sem interesse do cuidado de educar os homens na sua infância, são as que mais contribuem para essa vantagem, logo são elas que merecem um maior grau de estima e respeito público (FLORESTA, 1989, p. 83).

A autora destaca que as mulheres, por se encarregarem da educação dos homens na infância, deveriam ser merecedoras de estima e respeito público, principalmente por desempenharem essa função com tanta generosidade. Ao tecer suas críticas aos homens, denuncia a desvalorização dos que são formados pelas mulheres, os mesmos que depois não as aceitam em cargos públicos, para participarem ativamente da esfera política e científica da sociedade.

Nessa afirmação da autora, evidencia-se a primeira reflexão quanto à condição da mulher de hoje, sua participação e reconhecimento na vida pública, em cargos públicos, particularmente na educação e na política. Em que aspectos pode-se considerar que a mulher conquistou significativamente seu espaço diante do conceito do que os homens dela fazem? As mulheres atualmente recebem dos homens toda estima e respeito por ocuparem diversas funções que Nísia tanto defendia a que tivessem direito? Como é o olhar atual para essas questões?

Nísia Floresta acusa os homens de em sua postura social manifestarem a crença de que as mulheres foram educadas para lhes servir; de modo contrário, afirma que ainda provaria que os homens deveriam ser educados para servir as mulheres. Os elementos em que alicerçava sua defesa pautavam-se na função da mulher de gerar as crianças, como nutri-las e educá-las.

No segundo capítulo do livro, Nísia Floresta destaca as questões de inferioridade entre homens e mulheres e defende o rompimento desse pensamento e comportamento de inferioridade. Aponta que uma das grandes vulnerabilidades da mulher se deve aos seus momentos de intervalos, como ela descreveu, semelhantes às fases da lua. Afirma poeticamente a necessidade da atuação da mulher como sexo frágil, a qual busca a luz para brilhar.

Duarte (2010) assinala que Nísia criticava o que acontecia desde o início do século XIX acerca das notícias de “experiências científicas” que visavam “provar” a superioridade do homem branco sobre a mulher, bem como sobre o negro e o índio. Tais assuntos eram fontes para o discurso desta autora contra o preconceito e a exclusão social de mulheres, negros e índios.

Há apontamentos nos estudos de Duarte (2010), que indicam a ocorrência de fraudes científicas para reforçar o poder de superioridade masculina ao fim do século XIX, tais experiências eram consideradas absolutamente corretas. Em contrapartida, Nísia Floresta rebatia essas pesquisas, buscando comprovar a mesma capacidade intelectual entre homens e mulheres. Suas principais armas sempre foram a educação, a comunicação e a busca pelo reconhecimento do direito da mulher em acessá-las. Assim, por meio de sua escrita, desbravou o caminho para tantas mulheres brasileiras pelo seu direito de inserção na sociedade, à educação e à ciência como forma de emancipação.

Nos dias atuais, com tantas frentes de lutas pelo direito das minorias, além do surgimento de leis por meio de estatutos, decretos, diretrizes tais como a própria Constituição Federal de 1988, O Estatuto da Igualdade Racial e a Lei Maria da Penha, de modo legal para que se incluam direitos e se excluam preconceitos de gênero, sexualidade, etnia, dentre as diversidades culturais, parece inadmissível pensar nessa forma perversa que a sociedade impunha sua força diante dos mais fracos.

Nesse contexto, indaga-se: a sociedade atual deixou de exercer sua superioridade diante dos que considera inferiores? Como a mulher tem sido tratada nos meios políticos, científicos, educacionais brasileiros, dentre outras funções de trabalho que um dia foram de total domínio masculino? No caso dos negros e índios, é possível considerar que diante das lutas e leis avançou-se nessa batalha?

No estudo do pensamento de Nísia Floresta, compreende-se as razões que resultaram em tantas lutas e que se arrastam ao longo da história da mulher. Nessa historicidade, observa-se que a intolerância ainda persiste e ressoa nos dias de hoje quanto à discriminação de parte da sociedade que não teve oportunidades paritárias, como, por exemplo, a própria condição da mulher que ainda ganha menos que o homem, para ocupar o mesmo cargo. Atualmente, tal experiência absurda pode ter reduzido, no caso de salários inferiores aos homens, porém o preconceito e a violência ainda insistem em sobreviver, considerando os noticiários que retratam o feminicídio diariamente.

No último capítulo do livro em análise, Nísia Floresta aborda a questão do direito das mulheres e sua capacidade no estudo da Retórica; aponta que esse é um

talento natural e particular das mulheres, desdenhando inclusive de que homem algum seja capaz de disputar contra esse dom. Complementa que as mulheres detêm um grande poder de estado, uma alta habilidade que consegue persuadir a todos o que lhes apraz. Defende que a capacidade da mulher nesse sentido é tão grande que lhe habilita para defender e distinguir o justo do injusto sem o recurso das leis.

Quando as mulheres tratam de algum objeto, elas se dirigem de uma maneira tão delicada, que os homens são obrigados a reconhecer que elas lhes fazem sentir o que dizem. Toda arte oratória das escolas não é capaz de dar a um homem essa eloquência e facilidade de se expressar [...] (FLORESTA, 1989, p. 95).

Segundo os ideais de Nísia Floresta, existe um talento natural na mulher quanto a sua habilidade de explicar, desenvolver os trabalhos mais difíceis e complicados; afirmava que o sexo feminino havia nascido para ensinar, que isso não seria somente nas questões voltadas às observações exatas e razões sólidas. Acreditava que: “Não faríamos, como certos homens, que empregam anos inteiros e algumas vezes mesmo toda sua vida, a raciocinar sobre entes de razão e bagatelas imaginárias, que só existem em seus próprios cérebros” (FLORESTA, 1989, p. 97).

Campo (2017, aponta que o tom revolucionário de Nísia Floresta está na defesa da participação efetiva das mulheres em cargos públicos e postos de comando” (CAMPOI, 2017, p. 210). Pontua-se que Nísia defende o dom natural e a capacidade didática da mulher. E assinala-se que na atual sociedade encontra-se uma resposta quando se pensa no predomínio da mulher na área da educação; e certamente, sem acessar dado estatístico, é notável a participação predominante da mulher na educação básica, ainda pouco remunerado e de baixo prestígio.

Atualmente, pode não existir mais impedimento quanto ao acesso da mulher ao campo das ciências exatas e da saúde no Brasil. Em nível superior, no campo das ciências exatas, seria possível considerar esse mesmo parâmetro? O que poderia ser considerado para ainda existir esse distanciamento da mulher na área das exatas? De acordo com Nísia Floresta, a mulher seria oportuna nas ciências da saúde. No cenário atual da sociedade brasileira, é perceptível a inserção da mulher nas áreas exatas?

Na obra *Opúsculo humanitário* (1853), Nísia Floresta defende a educação das meninas e do ensino de maneira geral. A autora valeu-se de dados oficiais para tecer duras críticas ao sistema de ensino de sua época. Essa obra também pode ser considerada um discurso altamente elaborado, ressoando na voz da autora um cuidado religioso e sua devoção na luta pelos direitos das mulheres por uma educação científica.

Foi com esse mesmo sentimento de devoção que a professora Peggy Sharpe-Valadares desenterrou essa obra 136 anos depois de publicada, ao pesquisar, durante a década de 1980, por meio de um intercâmbio na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), quando estudava a história e literatura escrita por mulheres no Brasil. Além de seus estudos sobre Nísia Floresta, também pesquisou algumas outras escritoras brasileiras, como: Inês Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Ercília Nogueira Cobra, Adalzira Bittencourt, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélida Pinon e Marina Colasanti.

Ao resgatar a obra de Nísia Floresta *Opúsculo humanitário* (1853), conforme as palavras contidas no prefácio e texto introdutório deste livro, Sharpe-Valadares revela que ao republicar o livro *Opúsculo Humanitário*, tanto ela quanto Constância Lima Duarte, a responsável pelo posfácio, foram tomadas de um grande sentimento de responsabilidade, desde a primeira aproximação à obra da autora, obrigando-as a se concentrarem na atualização ortográfica do texto da presente edição, com toda a fidelidade que assegurasse o perfeito sentido da mensagem da autora. Acreditam que possam devolver, ao mesmo tempo, ao leitor moderno as páginas que, a princípio, destinavam-se ao homem e à mulher daquela época.

Sharpe-Valadares (1989, p. ii), afirma ainda: “[...] não dispensamos, onde e quando necessário, de nos indagar se Floresta, dirigindo-se, de imediato, a leitores de jornal, não teria hoje o cuidado de emprestar a seu texto a plástica que a dinâmica dos tempos atuais exige”. As pesquisadoras responsáveis pela reedição dessa obra acreditam ter operado em um meio termo que respeitou por inteiro o corpus original.

Quando pressupõe nesta pesquisa que Nísia Floresta ainda é uma voz oculta, encontra-se nas palavras de Sharpe-Valadares (1989, p. i) a seguinte consideração: “[...] saliente da omissão seletiva por que passam as mulheres nos cânones da vida

intelectual é o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta, figura revolucionária da sociedade do século XIX e precursora do moderno movimento feminista no Brasil". Um descaso talvez, em se tratando de uma das principais responsáveis pela ousadia de enfrentar a discriminação vivenciada pelas mulheres em seu tempo. Como Sharpe-Valadares destaca (1989), o trabalho de escritora e educadora de Nísia Floresta foi reconhecido superficialmente pela crítica. A especificidade de seu discurso penetra o amplo espectro social, visto sob o ângulo da subjetividade feminina, em um tempo em que a maioria das mulheres, além de não escrever, nem mesmo recebia instrução formal.

Ao analisar a obra *Opúsculo humanitário* (1853), recorre-se a uma pesquisadora de outro país para salientar o trabalho de uma das mais influentes feministas no Brasil. Sharpe-Valadares (1989) aponta que o pensamento e a ação de Nísia Floresta são exemplos de contribuição literária da mais rara e, sob dois aspectos, servem para desvelar o passado histórico das mulheres como uma fonte pela autora mesma personificada e pelo contraste do quadro histórico em que se situa, por ela vividamente retratado, contra o qual edifica a sua obra multifária.

Na introdução da obra *Opúsculo Humanitário*, Sharpe-Valadares (1989) declara que os esboços biográficos de Socorro Trindad e Zélia Maria de Bezerra Mariz mostram que, através de Nísia Floresta, o feminismo brasileiro, não obstante a escassez de documentos e a dificuldade de encontrá-los, tem feito para reescrever o passado histórico da mulher no Brasil. Pode-se afirmar que não somente acerca da mulher, mas dos relatos da história da educação no império, além da solidificação da mulher na imprensa brasileira.

Para Socorro Trindad, a primeira feminista brasileira foi a índia potiguar Clara Camarão, figura de destaque nas lutas contra os holandeses, durante a primeira metade do século XVII. Nos campos de batalha, ela liderava um grupo de índias no incentivo aos combatentes pró-Portugal para heroicos feitos de armas (SHARPE-VALADARES, 1989, p. IV).

Sharpe-Valadares pondera que dois séculos adiante, o discurso sobre a índia Clara Camarão, é continuado por outra "guerreira" de sua terra, chamada Dionísia Gonçalves Pinto – nome real de Nísia Floresta –, que não encarnou nenhum papel lendário, mas elevou-se à categoria de primeira mulher brasileira a publicar e

divulgar suas ideias revolucionárias tanto no Brasil quanto na Europa e em três línguas diferentes: português, francês e italiano. Finaliza a nota introdutória lamentando que os escritos de Nísia Floresta tenham permanecido inacessíveis ao público brasileiro por mais de um século. Afora notas esparsas em compêndios de história da literatura ou em livros de referência, foi quase completamente relegada ao esquecimento.

Durante todo o discurso de Nísia Floresta em sua obra *“Opúsculo Humanitário”* desfere críticas ao sistema de ensino, mas não deixa de entoar de forma poética sua narrativa discursiva emotiva. Ao iniciar seu texto, clama:

Educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos (FLORESTA, 1989, p. 2).

Em de seu discurso inicial, Nísia Floresta chama a atenção para a importância do papel da mulher em todas as civilizações, pois em todos os tempos e em todas as nações do mundo esse papel na educação da humanidade foi sempre uma das mais salientes características da civilização dos povos. Entretanto, desde o início da civilização a mulher foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem ou como sua escrava submissa. Nísia não encontrou na África, nenhum fragmento que exalte a sabedoria da mulher: seu único mérito continuava sendo a beleza de seu corpo.

Em seu levantamento histórico da condição da mulher, Nísia Floresta ressalta que somente na Grécia antiga, com a influência socrática, havia a exaltação feminina; naquele momento, a mulher começava a ser vista não somente como a fonte que saciava os homens. Na sabedoria grega, a mulher é apreciada por sua inteligência e força para os trabalhos espirituais (FLORESTA, 1989, p. 22).

Após um longo discurso sobre o percurso histórico quanto à inserção da mulher no contexto social das civilizações, Nísia Floresta leva a compreender que a mulher moderna buscava ainda essa influência da civilização grega, e pontuava que lhe faltava princípios cristãos e que as mulheres alemãs eram privilegiadas diante

das mulheres antigas e modernas, inclusive pelo respeito e amor que pregavam pelas famílias.

Nísia Floresta demonstrou verdadeira devoção em seus estudos relativos à nação alemã, quando viajou pela Europa, morou na França, Inglaterra, Portugal, Grécia, Itália e Alemanha. Retrata em sua obra:

Na pátria dos Leibnitz, Kant, Klopstock, Goethe e Humboldt - essa terra que, pelo alto grau a que os seus nacionais têm levado o estudo e a meditação, é justamente denominada a pátria do pensamento - a parte da humanidade que nutre em seu seio, e guia depois os primeiros passos da outra, foi e é ainda considerada como devidamente o merece. Também é a Alemanha a terra por excelência de um povo viril, franco, honesto e virtuoso (FLORESTA, 1989, p. 22).

Além da sociedade alemã destacada pela autora em seus apontamentos apontava a sociedade inglesa, ao revelar:

A Grã-Bretanha, marchando à frente de todas as nações pela sua força material, marcha igualmente em primeira ordem na civilização europeia. Devendo todas as vantagens de que goza tanto ao grandioso comércio como à estima pelas ciências e letras, ela não tem negligenciado a educação da mulher e o cultivo de sua inteligência. O povo inglês, entre o qual existe menos influência das castas privilegiadas, mais espírito de ordem, mais atividade e mais convicção de seus próprios direitos, não podia deixar de facultar à mulher a liberdade e os meios de segui-lo nos progressos da civilização moderna (FLORESTA, 1989, p. 22).

Seus estudos relativos à mulher alemã e à inglesa fizeram com que Nísia Floresta elencasse as características que realmente tornavam a mulher emancipada, considerando o imenso atraso na educação das mulheres no Brasil. Essa voz oculta na história da educação brasileira propunha, em tempos tão tradicionais, uma revolução na educação da mulher, defendendo que essa seria a única forma de as nações se desenvolverem. Nísia defende até suas últimas palavras o poder da mulher diante da educação da sociedade, pontuando que cabe a esta as transformações sociais necessárias.

Ao retratar que a origem do *“Opúsculo Humanitário”* faz parte de uma compilação de artigos publicados na imprensa durante o período monárquico, Nísia

faz pensar o que significou para a sociedade daquele momento uma obra de tamanha riqueza em termos de pesquisa e conteúdo, os quais discutem diversas obras e autores como Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Descartes, destacando ainda como defensores do direito do sexo, Wollstonecraft, Condorcet, Sièyès e Legouvé.

No percurso de estudos do perfil das mulheres, Nísia trata de aspectos relevantes na cultura da mulher norte-americana que a contextualizam como fonte mais apropriada e emancipadora:

Na América, diz F. Cooper, a mulher parece ocupar o seu verdadeiro lugar na ordem social. Mesmo nas condições inferiores é ela tratada com as atenções e respeitos devidos aos seres que cremos depositários dos princípios mais puros de nossa natureza [...] É sempre a amiga de seu marido, algumas vezes seu conselheiro [...] Em nenhuma parte a mulher é mais completamente a companheira do homem; em nenhuma parte é ela mais livre de dispor do seu coração e de sua mão; mas em parte alguma também ela tem um sentimento mais profundo de seus deveres, da santidade de sua missão providencial [...] (FLORESTA, 1989, p. 40).

Em seguida, a autora discorre amplamente acerca da educação das mulheres nas civilizações de diversas partes do mundo. No capítulo XVII, inicia sua descrição e críticas ao Brasil, conforme denunciava:

É tempo de voltarmos ao nosso caro Brasil, cujo interesse inspirou-nos este trabalho, e repetir a exclamação com que começamos este opúsculo: Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? (FLORESTA, 1989, p. 42).

Nísia Floresta alegava testemunhar o empenho dos homens pensadores das nações cultas (inclusive com fortes pesquisas e estudos junto a August Comte, na França), em harmonizar a educação da mulher, acreditando que para esse grandioso investimento se preparava a humanidade. Lamentava que no Brasil nada ou quase nada havia sido feito para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das mulheres, como mencionou categoricamente: “[...] que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada” (FLORESTA, 1989, p. 44).

Criticava a forma com que se conduziu a educação formal para as crianças, posicionando-se contra os métodos adotados:

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência (FLORESTA, 1989, p. 57).

Nas escolas de ensino primário referidas pela autora, havia o uso do castigo do açoite para meninos, como Nísia mencionava, algo vergonhoso na época. Se as meninas eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbárie, mas por vezes recebiam como castigo a palmatória caso descumprissem ordens ou falassem palavrões.

Vale refletir, conforme Nísia Floresta (1989, p. 60) afirmava que “Quanto mais ignorante é um povo tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder”. A poeta ousava, diante da corte imperial brasileira de sua época, publicar essas palavras, explicando os motivos pelos quais a sociedade não deveria esperar que os líderes governantes promovessem uma educação de qualidade, com verdadeiro acesso ao conhecimento irrestrito.

Nísia Floresta se indignava e ao mesmo tempo lutava pela emancipação feminina. O quadro demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, no ano de 1852 foi analisado por Nísia, a qual pontua que dos alunos que frequentavam aulas públicas, um total de 55.500 alunos, apenas 8.443 eram alunas. Ante esses resultados, rogava:

Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para deles ocuparem-se com a circunspecção que merece. Entretanto, lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas (FLORESTA, 1989, p. 81).

A escritora reflete sobre essa desproporção para julgar o atraso em que se encontra a instrução do sexo, e como ela assinalava: “[...] tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo” (FORESTA, 1989, p. 81). A Tabela 4 ilustra esses dados.

Tabela 4 – Escolas brasileiras no Brasil Imperial

Estado	Número de Escolas	Escolas para Meninas
Minas Gerais	209	24
Bahia	184	26
Pernambuco	82	16
Rio de Janeiro	116	36

Fonte: Opúsculo Humanitário (FLORESTA, 1989, p. 82).

Na leitura da Tabela 4, percebe-se que o Estado do Rio de Janeiro estava adiante dos demais, no que tange ao número de escolas disponíveis para acesso das mulheres à educação formal. Nísia Floresta, contudo, desfere críticas a esse sistema alegando que os métodos disponíveis não supriam as possibilidades didáticas, além de não promoverem o amplo acesso das meninas ao contexto escolar:

[...] acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe (FLORESTA, 1989, p. 83).

Em suas pesquisas referentes à condição da mulher na Europa, Nísia Floresta pontuava ser necessário que:

Imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei, os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão, os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos, no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade (FLORESTA, 1989, p. 101).

Nesse excerto, a autora afirmava que não era a falta de erudição da sociedade que mais se deveria lamentar, mas sim pensar que:

[...] a ignorância das mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que as tornem dignas de renome [...] o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação que, como incêndio, vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar (FLORESTA, 1989, p. 101-102).

A poeta finaliza sua obra tão rica de estudos e de profundas reflexões quanto à história da mulher no mundo e sua condição no Brasil. Uma finalização que clama direitos que hoje parecem tão comuns, mas corajosa em uma realidade histórica vivida em tempos que a mulher não tinha estudo, voz e vez. No discurso final de seu opúsculo sente-se sua súplica: “Bani de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo, fazendo-as penetrar-se desta verdade evangélica: a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível” (FLORESTA, 1989, p. 159).

Em mais uma de suas últimas súplicas, sua voz conclama um chamado à sociedade imperial, em que a coragem de Nísia scandaliza a muitos. Destemida, abre sua fala em um tom de emoção: “Pais, governo, povos do Brasil! Elevai os olhos para esse esplêndido firmamento que se estende variando constantemente de mil encantadoras cores por sobre as nossas cabeças” (FLORESTA, 1989, p. 159).

Encerra sua obra com indagações deixadas para seus leitores, tão pertinentes até os dias atuais:

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado? [...] Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão balda ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher factícios triunfos tributados à matéria, quando o seu espírito pode e deve pretender a elevar-se às mais dignas e nobres aspirações, promovendo na terra o bem do seu semelhante? (FLORESTA, 1989, p. 159).

Na proposta de romper com a forma cultural sob a qual a mulher era vista, sem perder sua doçura e feminilidade, Nísia Floresta incansavelmente buscou por meio das palavras lutar bravamente pela emancipação da mulher no Brasil. Digna conhecedora de tantas culturas, debruçou seus esforços e estudos em diversos autores, juntando forças inclusive com o movimento positivista, que talvez nos dias

de hoje possa soar como algo ultrapassado. Entretanto, essa influência abriu o campo das ciências sociais, tratado por ela como fonte de análise para sustentar seus preceitos, seja na condição da mulher ou na educação. Enfatiza:

Eia! Se, com mais rico solo do que o dos Estados Unidos, faltou-vos a mola principal – a educação - para a par deles marchardes, preparai-vos ao menos a satisfazer dignamente a parte essencial da grande missão que vos fora destinada (FLORESTA, 1989, p. 160).

Em seu último clamor, Nísia entoava sua voz encerrando em alto e bom tom: “Educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade”! (FLORESTA, 1989, p. 160).

No terceiro livro selecionado de Nísia Floresta, *Cintilações de uma alma brasileira* (1859), analisa-se especificamente o ensaio intitulado *Mulher*, uma obra escrita na França que relata a situação da mulher moderna. Nela, a autora deixa explícita sua preocupação com a realidade vivida por mulheres que alcançaram sua independência por meio do trabalho, mas às quais alertava para não perderem o dom da maternidade e de esposa.

O livro *Cintilações de uma Alma Brasileira*, publicado em Florença em 1859, reúne cinco ensaios: “O Brasil”, “O Abismo sob as Flores da Civilização”, “A Mulher”, “Viagem Magnética” e “Passeio ao Jardim de Luxemburgo”. Os temas retratam desde questões sobre o preconceito dos europeus em relação ao Brasil, os desvios sociais, com ênfase na condição das prostitutas francesas, o hibridismo de gênero contido na condição da mulher e suas funções sociais, as memórias cotidianas de seu país de origem, e traços da filosofia positivista. Assinala-se que Nísia Floresta defendia o fim da monarquia e a constituição da república no Brasil.

Ao ler o ensaio “A Mulher”, verifica-se que Nísia Floresta inicia como se estivesse escrevendo um conto, transformando-o em seguida em uma narrativa reflexiva de cunho sociológico e filosófico. Destacava a construção da identidade feminina, passando por seus aspectos biológicos, que junto à família deveria desempenhar seu papel de mãe. Defendia um “novo comportamento”, o que tornaria a mulher útil à sociedade sem perder sua função na formação da família. Finaliza o ensaio por meio da poesia, clamando as mulheres:

Resguardai-vos de dar ouvidos a este fraudulento linguajar;
 caminhar com firme e seguro passo,
 com amor e a fé no peito,
 com a energia do espírito,
 para a bela aurora que,
 mediante vossos nobres esforços,
 deverá surgir no horizonte da humanidade.
 (FLORESTA, 1997, p. 153)

Fica evidente sua defesa ao potencial da mulher para melhorar a humanidade, asseverando que cabe a esta a principal função de educar seus filhos desde a amamentação. Era notável sua preocupação com a pressão que a mulher teria que enfrentar ao assumir uma vida de nobres esforços.

Nísia Floresta deixou registrado em suas últimas palavras desse ensaio uma imensurável crença no poder das mulheres para mudar a sociedade:

Esquecei de vós mesmas,
 dignas mãe de todas as nações,
 e de todas as classes!
 Esquecei de vós mesmas
 no cumprimento de vossa sublime tarefa;
 e a sociedade, por vós regenerada,
 oferecerá ao mundo no vosso amor,
 e na vossa abnegação,
 o compêndio de todas as belas virtudes da mulher,
 e o arquétipo da verdadeira e santa caridade
 (FLORESTA, 1997, 153).

É notório o quão Nísia Floresta era entusiasta da importância da mulher na sociedade; desde suas primeiras obras realçava o direito das mulheres à vida profissional e sua preocupação em não deixar o matrimônio e a educação dos filhos. Defendia ainda a abnegação da mulher em detrimento de seu poder de regenerar a sociedade.

Ao finalizar o ensaio, convida a meditar e guardar na memória um poema de Giacomo Leopardi:

Mulheres, de vós não pouco
 A pátria espera; e não em dano e escárnio
 Da humana progênie, ao doce raio
 Das vossas pupilas o ferro e o fogo
 Poder domar foi dado. A um sinal vosso o sábio
 (LEOPARDI, apud FLORESTA, 1997, p. 155).

Nísia Floresta aposta na capacidade da mulher em “domar” a sociedade de forma doce e sábia. Enfatiza sua característica humanizadora, incumbindo-a da missão de influenciar a família, a escola, a ciência e a política. Ao finalizar as reflexões quanto a poética dessa escritora encerra-se com uma citação de Bosi (2000) que também destaca que Leopardi anotava em seu diário, aos 11 de julho de 1823:

Tudo pode ser contemporâneo deste século, menos a poesia. Como pode o poeta adotar a linguagem e seguir as ideias e mostrar os costumes de uma geração para a qual a glória é uma fantasia, a liberdade o amor da pátria não existir, o amor verdadeiro é uma peculiaridade (BOSI, 2000, p. 132).

Dessa forma, pode-se descrever a poética de Nísia Floresta, com sua forma ideológica e repleta de fantasias, ressoou em seu clamor pelos direitos das mulheres.

3.3 O ENTOAR DE LIBERDADE DE CECÍLIA MEIRELES

A liberdade entoada na voz lírica de Cecília Meireles, traz em seus poemas um encontro entre o presente e o passado. Segundo Marchioro (2014, p. 15),

[...] a poetisa brasileira foi uma simbolista fora de seu tempo, portanto não estava seguindo uma moda. No Brasil, à época de sua estreia no cenário literário, o movimento modernista erguia-se com toda a sua força. Muito se questionou sobre o lugar de Cecília Meireles no cenário literário brasileiro, mas, como bem notou Leila V.B. Gouvêa, a poetisa se encaixa mais num cenário internacional, relacionado aos simbolistas franceses.

A simbologia delineada nessa citação demonstra os motivos do percurso brilhante de Cecília Meireles para além da tendência modernista de sua época. Além de sua voz lírica entoada em seus poemas, sua própria história é marcada por um envolvimento e preocupação com as causas humanas, sagradas e libertárias. Nessa vertente é que foram selecionadas as obras desta poeta, em que se busca

evidenciar sua essência e simbologia que marcam o cenário da literatura feminina brasileira.

Quando escreve *Espectros*, Cecília Meireles tinha apenas 18 anos de idade e já revelava um estilo lírico. Esse livro contém 17 sonetos, em tom histórico, mitológico e religioso, e retrata personagens como Cleópatra, Judite, Sansão e Dalila, Joana D'Arc e Maria Antonieta. Desde o princípio, seus poemas revelam musicalidade, melancolia, filosofia e espiritualidade.

Ao analisar o poema de abertura “Espectros”, homônimo ao livro, observa-se a consonância da mistura desses elementos mitológicos em conjunto com os fenômenos da natureza:

Nas noites tempestuosas, sobretudo
Quando lá fora o vendaval estronda
E do pélago iroso à voz hedionda
Os céus respondem e estremece tudo,
Do alfarrábio, que esta alma ávida sonda.
Erguendo o olhar; exausto a tanto estudo,
Vejo ante mim, pelo aposento mudo,
Passarem lentos, em morosa ronda,
Da lâmpada à inconstante claridade
(Que ao vento ora esmorece ora se aviva,
Em largas sombras e esplendor de sois),
Silenciosos fantasmas de outra idade,
À sugestão da noite rediviva
- Deuses, demônios, monstros, reis e heróis.
(MEIRELES, 2013, p. 21).

Nesse poema, o eu lírico encontra-se em constante sintonia com a natureza e com a condição humana. Cecília Meireles apresenta também uma profusão de seres inanimados e de seres que provocam medo, exaltam o sagrado e estilizam símbolos de força diante da condição humana. Esse livro é repleto de reflexões e vultos históricos e filosóficos, cujos poemas apresentam uma logopeia erudita, conforme se pode observar na poesia “Ecce homo”, que traz como título a referência ao livro do filósofo Nietzsche, referência marcante desta tese na discussão sobre o poder da poesia.

A escritora retrata nesse soneto a face do filósofo e relembra seu sofrimento diante da vida turbulenta vivenciada em seu tempo:

Cingem-lhe a fronte pálida e serena
 Espinhos. Tem na face o laivo imundo
 De escarros de judeus. No olhar profundo
 Bailam trêmulas lágrimas de pena
 (MEIRELES, 2013, p. 31)

Existe no poema uma preocupação com a reflexão sobre a condição humana nas poesias dessa escritora diante daquilo que incomoda no sentido próprio do tema do livro, considerando que o termo *espectro* convida à reflexão sobre energias emanadas por frequência ondulatórias e diante de imagens sugeridas pela própria imaginação humana.

A obra *Espectro* retrata um sentido sagrado, interligado aos aspectos históricos de figuras consideradas sinônimos de força ao retratar personagens bíblicos, com maior ênfase na figura feminina, não deixando de mencionar figuras masculinas como forma de homenagear algum vulto ou destacar algum fato ou feito histórico. Porém, a autora não abre mão de poemas que contenham questões voltadas ao poder místico, a exemplo do que encerra seu livro, “Sortilégio”, no qual faz menção a sinais cabalísticos (MEIRELES, 2013, p. 53).

Na obra *Canções*, estão reunidos cinco livros de Cecília Meireles; nem todos foram publicados em vida, somente os livros *Canções*, em 1956, *Romance de Santa Cecília*, em 1957 e *Metal Rosicler*, em 1960. Os livros *Poemas Italianos* e *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, foram publicados postumamente. A marca de Cecília Meireles permanece inalterada pelos traços que combinam a melancolia e a nostalgia em seus sonhos e devaneios; assim, essa coletânea de livros reforça sua voz ao descrever sua essência, como no poema “Inesperadamente”:

[...] a noite se ilumina: que há uma outra claridade para o que se imagina. Que sobre-humana face vem dos caules da ausência abrir na noite o sonho de sua própria essência? Que saudade se lembra e, sem querer, murmura seus vestígios antigos de secreta ventura? Que lábio se descerra e – a tão terna distância – conversa amor e morte com palavras da infância? O tempo se dissolve: nada mais é preciso, desde que te aproximas, porta do Paraíso! Há noite? Há vida? Há vozes? Que espanto nos consome, de repente, mirando-nos? (Alma, como é teu nome?) (MEIRELES, 1956, p.21)

Nesse livro, o sonho também é um tema recorrente, o que se evidencia em uma leitura mais atenta de sua obra, como no poema “*Assim moro*”:

[...] em meu sonho: como um peixe no mar. O que sou é o que vejo. Vejo e sou meu olhar. Água é o meu próprio corpo, simplesmente mais denso. E meu corpo é minha alma, e o que sinto é o que penso. Assim, vou no meu sonho. Se outra fui, se perdeu (MEIRELES, 1956, p.32).

A nostalgia toma conta de seus poemas em uma atmosfera romântica no “*De longe te hei-de amar*”, que discorre sobre o amor, desejo, natureza, leveza do sentimento:

De longe te hei-de amar
- da tranquila distância
em que o amor é saudade
e o desejo, constância.

Do divino lugar
onde o bem da existência
é ser eternidade
e parecer ausência.

Quem precisa explicar
o momento e a fragrância
da Rosa, que persuade
sem nenhuma arrogância?

E, no fundo do mar,
a Estrela, sem violência,
cumpre a sua verdade,
alheia à transparência.
(MEIRELES, 1956, p.43)

Mesmo com toda a nostalgia implícita em seus versos, esse poema cantado suavemente transfigura um amor leve, que se carrega em qualquer lugar ou espaço, que transcende barreiras de tempo, distância, que emite transparência.

No livro *Viagem*, Cecília Meireles denota certa militância implícita, no sentido de resgatar o altruísmo feminino. Remete a uma relação estreita com os amigos portugueses, assim como mencionou na dedicatória. Ao adentrar essa obra, as suaves poesias são um verdadeiro convite a uma viagem, pois retrata a essência do poeta, a contemplação pela natureza, questões humanas do cotidiano, a vida no campo, além de possuir uma sonoridade marcante.

Em sua poesia intitulada “Sereia”, enaltece o canto, o luar, e a solidão marcante em sua escrita:

Linda é a mulher e o seu canto,
ambos guardados no luar.
Seus olhos doces de pranto
- quem os pudera enxugar
(MEIRELES, 1939, p.279)

No poema intitulado “Passeio”, salienta a melancolia e a nostalgia do eu lírico:

Não há palavras nem rostos:
eu mesmo não me estou vendo.
Alguém me tirou do corpo,
fez-me nome, unicamente,
nome, para que as perguntas
me chamem, com vozes tristes,
e eu não me esqueça de tudo
se houver um dia seguinte.
(MEIRELES, 1939, p.309)

Uma presença constante em seus poemas é a condição do eu lírico enquanto poeta, conforme consagra-se em uma de suas poesias mais conhecidas:

Motivo
Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou se desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.
(MEIRELES, 1939, p.311).

Na leitura desse poema encontra-se o eu lírico exaltando a vida de poeta de forma a caracterizar a presença de melodia, sentimento e tormento. À medida que

entrelaça a aspectos relacionados aos fenômenos da natureza, algo marcante em sua escrita, a poeta novamente retrata a condição humana, destacando as fragilidades e eternizando a vida por meio da escrita.

3.4 O SOM DE CONTEMPLAÇÃO DE HELENA KOLODY

Ao retomar a pesquisa em Helena Kolody, agora analisando sua voz poética, novamente traz à tona o nome do pesquisador Doutor Antonio Donizeti da Cruz¹⁸, orientador desta pesquisa. Antes de iniciar a análise dos poemas de Helena Kolody, reproduz-se uma poesia de Cruz que abre seu livro-tese intitulado *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody* (2012):

ESTRELA VIVA

A Helena Kolody
A cortina branca na janela
esconde um perfil secreto
um olhar de quem mira
por trás dos girassóis abertos
como um cálice ou uma flor
que teima em existir sem o saber
A mulher que lê o livro
sagrado das tradições de seu povo
vestida com o xale escuro
que cobre seus ombros
contempla as palavras
ícones sagrados
cheiro de maresia
pássaros azuis
enfeitam a paisagem
e ela olha além da janela:
uma miragem
entre a página em branco e as palavras
os olhos passeiam...
mas não em vão.
(CRUZ, 2010, p.15).

De acordo com Cruz (2012), “a ressurreição da experiência e sua transmutação”. Em sua concepção, a lírica de Helena Kolody projeta uma construção poética enquanto “ofício cantante” e, ao mesmo tempo, “inquietante”.

¹⁸ Consta que o mesmo recebeu o prêmio no VI Concurso 'Helena Kolody' de Poesia. Governo do Estado do Paraná - Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, em Curitiba no ano de 1994.

Cruz (2010) ainda define que “o constante ato de burilar o poema – até achar a forma mais desejada para apresentá-lo ao leitor”. Percebe que Helena Kolody realiza uma determinada escrita que vive em constante processo, capaz de exprimir sua maneira de interpretar o mundo, no caso dos poetas, através da “magia das palavras”, assim como ele mesmo demonstra em seu poema que define a essência da escrita de Helena Kolody (CRUZ, 2010, p. 95).

Ao analisar o livro *Viagem no espelho*, constata-se que é uma antologia que reúne todas as obras de Helena Kolody de 1941 a 1988. A poeta apresenta neste livro os poemas em ordem inversa à cronologia do tempo em que os escreveu. Sua escrita convida o leitor a realizar uma viagem no tempo ao contrário, por isso a inspiração do título.

Supostamente, o “eu lírico” exalta a fascinante vontade de viver, traduzida em palavras que expressam o cotidiano e a vida simples. Por intermédio dos haicais kolodyanos é possível identificar o lirismo em uma sonoridade rítmica, característica marcante da escritora. Poemas que convidam o leitor “a abrir” a imaginação e incentiva múltiplos sentidos, seus livros são marcados pela busca da contemplação e completude ao humano, à natureza, aos seres vivos, ao universo. Por isso, pensar no universo de Helena Kolody é pensar nesse imaginário repleto de cores, aromas, tons e sons.

Em *Paisagem interior*, de Helena Kolody, recorta-se nessa coletânea a obra *Viagem no Espelho*, a qual encerra o conjunto de livros. Em linguagem metafórica e simbólica, transcende sua essência e traz a identidade própria de sua escritora. Revela sua história, aborda o espiritual, com seu eu lírico que busca o essencial para admirar a vida em sua simplicidade. Nesse livro também há um poema com o mesmo título da obra, o qual traz os sonhos de vida, glória, amor, e exalta a natureza e a religiosidade. Traços marcantes das poesias de Kolody, que remetem a um eu lírico saudosista, doloroso e nostálgico.

No poema “Identificação”, pode-se também observar a grande ênfase que a autora traça desde o início de seus poemas:

Eu me diluí na alma imprecisa das coisas.
Rolei com a Terra pela órbita do infinito,
Jorrei das nuvens com a torrente das chuvas
E percorri o espaço no sopro do vento;

Marulhei na corrente inquietadora dos rios,
 Penetrei a mudez milenária das montanhas;
 Desci ao vácuo silencioso dos abismos;
 Circulei na seiva das plantas,
 Ardi no olhar das feras,
 Palpitei nas asas das pombas;
 Fui sublime n'alma do homem bom
 E desprezível no coração do mesquinho;
 Inebriei-me da alegria do venturoso;
 E deslizei dolorosamente na lágrima do infeliz.

Nada encontrei mais doloroso,
 Mais eloquente,
 Mais glorioso
 Do que a tragédia cotidiana
 Escrita em cada vida humana.
 (KOLODY, 1950, p.181).

Esse poema exalta em seu próprio nome a identidade da vida cotidiana, das dicotomias humanas, em uma mistura de elementos que envolvem seu próprio eu junto aos fenômenos da natureza. Encontra-se ali as nuances entre a nostalgia e a contemplação da existência. Cruz (2010) pondera que esse poema é marcado pelo prosaísmo e pela denotação, além do tom alegórico predominante nos versos livres que apresentam imagens dos desdobramentos do eu interligadas aos elementos da natureza. O pesquisador destaca que a poeta escreve transpondo a forma em que consegue resgatar suas origens, sua infância, o interior onde morava, com nuances que remetem à contemplação, não deixando de forma alguma sua relação com elementos da natureza.

Helena Kolody demonstra em seus poemas a singularidade da solidão. Observa-se esse elemento no poema “Araucária”:

Araucária,
 Nasci forte e altiva,
 Solitária.
 Ascendo em linha reta
 - Uma coluna verde-escura
 No verde cambiante da campina.

Estendo braços hirtos e serenos.

Não há na minha fronde
 Nem veludos quentes de folhas,
 Nem risos vermelhos de flores,
 Nem vinhos estonteantes de perfumes.

Só há o odor agreste da resina
E o sabor primitivo dos frutos.

Espalmo a taça verde no infinito.
Emballo o sono dos ninhos
Ocultos em meus espinhos,
Na silente nudez do meu isolamento.
(KOLODY, 1999, p. 213).

A escritora aponta duas características marcantes de seu eu lírico: a exaltação da natureza e sua memória da infância. Traços marcantes na poética das escritoras em análise.

Ao adentrar na obra *Sinfonia da vida*, as palavras admirar, contemplar, apreciar a natureza são facilmente perceptíveis na escrita de Helena Kolody. Esse livro propõe um convite a se prostrar na verdadeira sinfonia da vida. Enaltece o sol, sua luz, seu brilho que traz a clareza e a busca da verdade.

Esse livro remete à valorização da vida por meio da contemplação da natureza. Foi organizado por Tereza Hatue de Rezende, estudiosa das obras de Helena Kolody, também poeta e pesquisadora de arte e cultura japonesa, que realizou a compilação dos poemas com enunciados que norteiam o leitor em cada poesia. Logo no início do livro, há depoimentos de renomados nomes da literatura poética, inclusive da poeta Alice Ruiz, amiga pessoal de Helena Kolody, e esposa de Paulo Leminski: um dos maiores haicaístas do Brasil.

Essa obra, por seu título, diz por si mesma o quanto transfigura suavidade e verdadeira sintonia com a natureza, trazendo o cheiro, a cor, a intensidade e a força, elementos essenciais dos poemas de Helena Kolody, como se pode aferir no poema “Fio d’água”:

Não quero ser o grande rio caudaloso
Que figura nos mapas.

Quero ser o cristalino fio d’água
Que canta e murmura na mata silenciosa.”
(KOLODY, 1997, p. 10).

Essa poesia reforça a questão da sintonia com a natureza, assim como a autora procede em diversos poemas que compõem a obra *Sinfonia da vida*. Esse livro remete ao eu lírico repleto de poemas que refletem a condição humana, a

infância, a mulher, misturando-se aos fenômenos da natureza, além da grande relevância e sintonia com o sagrado e o ser poeta:

Ensina-me senhor, a palavra exata,
A grande palavra reveladora e fecunda
Que deve clamar, clamar e clamar
Para acordar, nos que adormeceram
A consciência do seu destino maior
(KOLODY, 1997, p. 96)

A escritora traz em suas palavras a consciência de ser poeta, e estabelece uma relação direta com o sagrado, tão presente e marcante em suas obras, o que reforça sua preocupação com a condição humana. Conforme expõe Morin (2006): [...] do mundo feminino assume a sensibilidade, o amor, a tristeza; e vai expressar como em nenhuma civilização ou época da História, as aspirações e os tormentos da alma humana [...] (MORIN, 2006, p. 45). Assim, segue-se nessa trilha, em busca do tom humanizador de Adélia Prado.

3.5 O TOM HUMANIZADOR DE ADÉLIA PRADO

Moreira (2017) assinala que, ao longo de mais de três décadas de produção literária, Adélia Prado se destaca no campo da poesia e da prosa. Afirma que “[...] seu primeiro livro de poesia, *Bagagem*, é de 1976, traz a indagação sobre o seu processo criativo, sua crença na inspiração, e um posicionamento a respeito do caráter religioso de sua poesia” (MOREIRA, 2017, p. 11). Ao esboçar sua face em “Com licença poética”, Citelli (2017, p. 117) declara que a escritora dialoga com o “Poema das sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, com certa tensão e humor ao tocar na condição da mulher.

Moreira (2017) sinaliza que Adélia Prado denota no eu lírico a busca por respostas e aborda poemas que discutem suas principais posições teóricas relativas às questões religiosas. O autor frisa que a *Bíblia Sagrada* é sua principal fonte de inspiração, o que consagra a poética adeliiana.

Com essa característica marcante do humano e do sagrado em sua poética, Adélia Prado se posiciona como uma defensora do poder humanizador que a arte e a poesia demonstram diante de uma sociedade que necessita, em caráter

emergencial, desse humanizar. Objetivando realçar o teor dos poemas de Adélia Prado, tecem-se alguns apontamentos em que se busca analisar os traços de sua escrita.

O livro *Bagagem* tem como ponto de partida o poema “Com licença poética”, e destaca o eu lírico da poeta,

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
[...]
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(PRADO, 1993, p. 11).

Nesse poema, Adélia narra desde seu nascimento até a condição de mulher que trabalha, porém em condições de assumir uma vida familiar. Este talvez seja o poema mais conhecido da escritora, pois na busca por artigos, dissertações e teses sobre a autora, essa poesia está presente em diversas citações.

No poema “*Grande desejo*”, Adélia Prado descreve sua condição de mãe e mulher, suas fraquezas e a consagração da religiosidade. Ao analisar a sequência de seus poemas, observa-se que estes abordam questões do cotidiano, da vida no interior, e as próprias características de ser mulher.

Em outro poema, Adélia estabelece um diálogo com Carlos Drummond de Andrade, “E agora José”, cuja perspectiva é totalmente masculina. Contrapõe uma perspectiva feminina no poema “Agora, o José”. Também se pode remeter esse diálogo a seu esposo, elemento marcante em suas poesias, sugerindo uma mistura ambígua entre dois homens fundamentais em sua vida.

É teu destino, ó José,
a esta hora da tarde,
se encostar na parede,
as mãos para trás.
Teu paletó abotoado
de outro frio te guarda,
enfeita com três botões
tua paciência dura.
A mulher que tens, tão histérica,
tão histórica, desanima.
Mas, ó José, o que fazes?

Passeias no quarteirão
 o teu passeio maneiro
 e olhas assim e pensas,
 o modo de olhar tão pálido.
 Por improvável não conta
 o que tu sentes, José?
 O que te salva da vida
 é a vida mesma, ó José,
 e o que sobre ela está escrito
 a rogo de tua fé:
 “No meio do caminho tinha uma pedra”,
 “Tu és pedra e sobre esta pedra”,
 a pedra, ó José, a pedra.
 Resiste, ó José. Deita, José,
 dorme com tua mulher,
 gira a aldraba de ferro pesadíssima.
 O reino do céu é semelhante a um homem
 como você, José.
 (PRADO, 1993, p. 35).

Encontram-se também em seus poemas referências a figuras relevantes na história da mulher, como no poema “*Joana d’Arc*”:

A chama do meu amor faz arder minhas vestes.
 É uma canção tão bonita o crepitar
 que minha mãe se consola,
 meu pai me entende sem perguntas
 e o rei fica tão surpreendido
 que decide em meu favor
 uma revisão das leis.
 (PRADO, 1993, p. 87)

Na obra *O coração disparado*, Adélia Prado exalta o cotidiano de sua vida no interior, e descreve com riqueza de detalhes o que compõe seu entorno, sua essência, seu espírito. Abre seu livro com o poema “Linhagem”, que se inicia da seguinte forma:

Minha árvore ginecológica
 me transmitiu fidalguias,
 gestos marmorizáveis:
 meu pai, no dia do seu próprio casamento,
 largou minha mãe sozinha e foi pro baile.
 (PRADO, 1978, p. 145)

Nesse poema, Adélia Prado traz algo que destaca sua escrita no sentido de satirizar e, ao mesmo tempo, com um tom de ironia ao longo dos demais poemas

ênfatiza cada vez mais essa forma irreverente. Na poesia “Eh”, integra o cotidiano com demais elementos:

Tem cheiro especial
as bolas de carne cozinhando.
O cachorro olha pra gente
com um olho piedoso,
mas eu não dou.
(PRADO, 1978, p, 176).

Na obra, apresenta várias vezes a questão do sagrado, como na poesia “Órfã na janela”, exaltando a melancolia: “Estou com saudade de Deus, uma saudade tão funda que me seca” (PRADO, 1878, p, 213). Seus poemas são repletos de enaltecimento ao sagrado e às questões humanas que consagram a proposta desse livro, que já no próprio título frisa a condição humana.

Em uma das obras mais recentes da autora, intitulada *Miserere*, encontra-se a essência humana ao iniciar com a expressão latina que significa *Miserere Nobis*, tal qual se traduz no sentido próprio: “Tem Piedade de Nós”. Trata-se de um livro com 38 poemas que enaltecem o humano, em seus sentimentos de fé transcendental, dor, perda e, em consonância com a reflexão do tempo e da esperança. Traz inicialmente o poema intitulado: “Branca de neve”, em que mistura questões étnicas, mitológicas e filosóficas. No segundo poema, retrata a condição humana, conforme a poesia “A paciência e seus limites”:

Dá a entender que me ama,
mas não se declara.
Fica mastigando grama,
rodando no dedo sua penca de chaves,
como qualquer bobo.
Não me engana a desculpa amarela:
‘Quero discutir minha lírica com você’.
Que enfado! Desembucha, homem,
tenho outro pretendente
e mais vale para mim vê-lo cuspir no rio
que esse seu verso doente.
(PRADO, 2014, p. 11).

Diante das questões humanas, esse livro também remete à condição da mulher, criando em seu eu lírico algumas descrições, como na poesia “Senha”:

Eu sou uma mulher sem nenhum mel
 eu não tenho um colírio nem um chá
 tento a rosa de seda sobre o muro
 minha raiz comendo esterco e chão.
 Quero a macia flor desabrochada
 irado polvo cego é meu carinho.
 Eu quero ser chamada rosa e flor
 Eu vou gerar um cacto sem espinho.
 (PRADO, 2014, p. 15).

Para finalizar essa reflexão sobre os poemas de Adélia Prado no que tange à questão da humanização e do humano em seu discurso poético, encerra-se esta análise com o poema “Humano”:

A alma se desespera,
 mas o corpo é humilde;
 ainda que demore,
 mesmo que não coma,
 dorme.
 (PRADO, 2014, p. 19).

Na análise dos poemas das poetisas Nísia Floresta, Cecília Meireles, Helena Kolody e Adélia Prado, o principal propósito foi a busca textual que revelasse as categorias de análise propostas. Evidencia-se que mesmo em períodos históricos tão distintos denotam-se vários traços que compactuam o mesmo anseio de um eu lírico que resgata a memória, demonstra preocupação com a condição humana, e destaca o feminino.

Segundo o percurso metodológico, consideraram-se as três funções da literatura – total, social e ideológica – com o respaldo teórico de Antonio Candido (2006), para analisar as obras elencadas neste estudo, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, *Opúsculo Humanitário* e *Cintilações de uma alma brasileira*, de Nísia Floresta. As vozes poéticas das demais obras são retratadas por meio dos estudos comparados na análise da escrita poética das escritoras Cecília Meireles, nas obras *Espectros*, *Viagens* e *Cânticos*; Helena Kolody, nas obras *Paisagem interior*, *Viagem no espelho*, e *Sinfonia da vida*; e Adélia Prado, nas obras *Bagagem*, *O coração disparado* e *Miserere*.

Nessa proposta teórico-metodológica baseada em Candido (2006), conforme no esboço do Esquema 3, a primeira é denominada função total, a qual deriva de um sistema simbólico. A segunda é chamada função social, em que se denotam as

necessidades espirituais e materiais. E a terceira, considerada função ideológica, perpassa os objetivos políticos, religiosos ou filosóficos.

A principal função da literatura que se propõe analisar encontra-se ênfase na função social da poesia mediante a concepção de Candido. Sendo assim, cabe especificar e comparar, e nessa análise afirma-se como sendo a segunda função da literatura, a função social. Porém, ao trazer os poemas das escritoras nas três obras selecionadas, observa-se que as quatro vozes atendem a mais de uma função.

O clamor pelos direitos das mulheres de Nísia Floresta é evidente em sua publicação, pois é ousada para seu tempo, e em sua tradução livre faz críticas à condição da mulher. Fica evidente na voz de Nísia essa necessidade espiritual em traduzir e materializar o pensamento da mulher, a qual estava condicionada à vontade masculina pautada nos valores patriarcais.

É possível observar também a presença da função total na obra *Cintilações uma alma brasileira*, em que a autora, Nísia Floresta, aponta a situação da mulher francesa como simbologia das preocupações que havia com a mulher que avançava seu direito ao mercado de trabalho, mas que não deveria perder sua presença materna na vida dos filhos.

A função ideológica na obra *Opúsculo Humanitário*, de Nísia Floresta, pode ser identificada mediante a posição política e filosófica da autora, sendo publicada primeiramente nos jornais da época, conforme citado. Nessa obra, Nísia desfere críticas severas ao sistema político voltado à educação das mulheres, além da fundamentação filosófica de extrema riqueza, principalmente devido às condições de sua época, na qual o acesso aos livros era restrito. Nísia Floresta atende a todas as funções da literatura abordadas por Antonio Candido (2006) em sua teoria.

Nessa viagem pela história do feminismo no Brasil, com ênfase na mulher poeta, teve-se a oportunidade de estudar e expor as quatro vozes que entoam o poder e a força da escrita feminina na literatura brasileira, motivo principal que as une. As categorias de análise foram fundamentais para uni-las nesta pesquisa e para basilar as considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A força e a luta de Nísia Floresta impressionam ao repensar os recursos existentes em sua época. Uma mulher que teve a ousadia de romper um casamento “arranjado” entre as famílias e que buscava um “amor verdadeiro” ao chegar em Pernambuco. Além da coragem de atravessar o Brasil, chegando até o Rio Grande do Sul, onde ganhou a admiração do movimento republicano. Chegou até o Rio de Janeiro viúva, criou o primeiro colégio no Brasil, direcionado à educação das mulheres, sendo reconhecida e respeitada na sociedade de seu tempo. Foi muito além de suas fronteiras nacionais, tendo audácia de atravessar o oceano Atlântico em busca de pesquisas e publicações relativas à mulher, as quais atravessaram o tempo e chegaram até nos dias atuais.

Nísia Floresta é uma fonte de inspiração e admiração, pois não se intimidou ante o preconceito e limites de sua época, apropriou-se das palavras escritas como fonte de força e poder para respaldar futuras transformações na sociedade, as quais não pode testemunhar em vida, porém, tinha consigo que, por meio da poesia poderia alcançar outras gerações. É possível ver a função ideológica na escrita de Nísia ao traduzir *O direito das mulheres e injustiça dos homens*, ao analisar sua dedicatória (Anexo 6.1.1), assim como identificar em sua obra *Opúsculo Humanitário* (Anexo 6.2) sua preocupação com a humanização da sociedade, porque em seu próprio título evidencia de forma notável as mazelas educacionais, na defesa e aposta em uma educação focada na ciência, literatura e política.

Antonio Candido (2006), ao trazer as três funções da literatura ao som de liberdade de Cecília Meireles, pontua existir uma forte simbologia na mitologia, resgatando aspectos históricos aliados à figura da mulher. A função total de Candido (2006) atende esses aspectos contidos no livro *Espectro*, mas nessa mesma obra também se encontra a função ideológica ao entoar “Ecce homo”, por exemplo. Traz em sua logopeia erudita, objetivos filosóficos e ao mesmo tempo religioso, como no caso do poema “Sortilégio”.

No livro *Canções*, de Cecília Meireles configura-se a função social da poesia devido a seus devaneios entre as necessidades espirituais e materiais ao misturar fenômenos da natureza ao sentimento humano. Assim como no livro *Viagem*, faz um

convitativo passeio pelas nuances femininas, também presente na função total ao observar suas composições voltadas à simbologia da mulher no poema *Sereia*, que enaltece os elementos da natureza.

Ao comparar as funções da literatura, o clamor pela liberdade ressoa nas palavras de Cecília Meireles de forma enfática, não somente nas obras em estudo, mas também no livro *Cânticos*, publicado pela primeira vez em 1981, que se trata dos manuscritos póstumos de Cecília Meireles, compostos de seu próprio punho, deixando como sugestão a epígrafe na capa (Anexo 6.3): “Teu nome é liberdade” (MEIRELES, 2003). Nessa análise, evidencia-se na escrita de Cecília Meireles o sentido total (simbólico), social e ideológico.

Ao analisar as três obras de Helena Kolody, inicia-se com o livro *Viagem no Espelho* e faz-se uma íntima ligação com o livro *Espectros*, de Cecília Meireles. Devido à função total, em primeira instância a busca pelo essencial, conforme destaca em seus poemas, o encontro para retratar a si mesma, bem como seu cunho religioso, em que se sobressai em inúmeros poemas a presença de Deus, marca bem visível também na voz de Adélia Prado.

Em seu livro “*Bagagem*”, Adélia Prado torna possível o encontro com Helena Kolody, quais enaltecem a crença religiosa. Em *Paisagem interior*, é possível detectar as interfaces de Helena Kolody com as demais poetisas em estudo. Enfatiza o essencial dentro de si e nos elementos da natureza. Também encontra-se elementos na obra *Sinfonia da vida*, em que Helena Kolody narra o anseio de compreender o poder de poetizar, sempre focada em expressões que afere a Deus o dom de ser poeta, bem como seu poema realça sua consciência e missão maior ao poetizar palavras, e roga ao sagrado ser um destino maior que sua própria vontade.

Apesar de esta pesquisa enfatizar os poemas de Adélia Prado, com seu tom humanizador, em uma ânsia para utilizar as palavras como instrumento que humaniza a sociedade, as demais poetisas em estudo ressaltam em seus poemas esse elemento humanizante.

No poema “Identidade”, Kolody (1950, p.181) finaliza suas palavras afirmando: “Nada encontrei mais doloroso/, Mais eloquente/, Mais glorioso/, Do que a tragédia cotidiana/, Escrita em cada vida humana”. Assim como, Cecília Meireles

então em seu poema “Inesperadamente”: “[...] a noite se ilumina: que há uma outra claridade para o que se imagina. Que sobre-humana face vem dos caules da ausência abrir na noite o sonho de sua própria essência”? (1956, p.21).

A essência humana, também presente no ensaio de Nísia Floresta (1997, p. 153) *Mulher*, em que clama: “[...] com amor e a fé no peito, com a energia do espírito, para a bela aurora que, mediante vossos nobres esforços, deverá surgir no horizonte da humanidade”. Da mesma forma, Adélia Prado (2014, p. 19) em sua poesia “Humano”: “A alma se desespera, mas o corpo é humilde; ainda que demore, mesmo que não coma, dorme”.

Ao se considerar que o objetivo da pesquisa consistiu em pontuar a função e o poder da poesia face às obras que subsidiaram as hipóteses deste trabalho, que consistiram em encontrar respostas na poética das quatro vozes, buscou-se na fundamentação teórica abarcar pensadores que pudessem vir também de encontro às perguntas elencadas. Para isso, apropriaram-se dos pressupostos metodológicos baseados nos estudos de Carvalhal, Coutinho, Candido e Clements, os quais colaboraram na definição das categorias de análise, assim como as considerações de Aristóteles, Camões, Kant, Nietzsche, Hegel e Candido.

Ao tratar da escrita feminina explícita nas quatro vozes das autoras estudadas nesta pesquisa, valeram-se das principais teorias que pudessem colaborar para a análise dos poemas, lembrando que não se trata de traduzir, mas de interpretar poemas que se aproximassem das três categorias de análise. Na primeira categoria, poesia, recorreu-se a Nietzsche (1995) para a compreensão do poder filosófico da poesia. Algo que vem de encontro às definições de Antonio Candido (2006) quando classifica a função social e ideológica da literatura, seja diante das necessidades espirituais e materiais, seja diante dos objetivos políticos, religiosos e filosóficos, traços marcantes na escrita das poetisas em pauta.

A função total, social e ideológica da literatura (CANDIDO, 2006), bem como a linguagem natural, social e cultural (COHEN, 1987), são elementos que se fundem e abrangem o clamor de Nísia, o entoar de Cecília, o som de Helena e o tom de Adélia. Foi possível encontrar na categoria poesia os aspectos que permitiram a análise textual de cada poema.

Ao analisar a categoria mulher, Cohen (1987) colabora com a questão da identidade poética voltada à qualidade textual, aspecto perceptível na escrita das poetisas em estudo. Evidencia-se a busca constante de posicionar a condição da mulher, seja como poeta, mãe, esposa, educadora. Adélia, em um de seus poemas, ironiza essa questão ao mencionar que uma mulher escritora não seria digna de casamento, como assim diziam as pessoas de sua época.

As vozes em estudo deixam evidente que a força da mulher escritora é promissora e pode auxiliar nas transformações da sociedade. Adélia Prado remete também ao ditado popular frequente nos dias atuais, tendo em vista os movimentos sociais liderados por mulheres, quando assinalava que o “lugar de mulher é onde ela quiser”. Esse poder de emancipação pela escrita é peculiar em suas palavras.

Ao reunir a definição da função e o poder de humanizar da poesia, procurou-se evidenciar as correlações referentes às interfaces que foram possíveis de se levantar nesta pesquisa, sob a ótica de Clements (1978), por meio dos estudos comparados, os quais propiciaram a análise antropológica, filosófica e sociológica.

Nessa direção, recorreu-se a Bauman (2004) quando indaga se as escolhas feitas nos últimos dois séculos colocam o homem no alvo visado por Kant e ele próprio responde com as próprias palavras deste autor:

O mundo não é humano só por ser feito de seres humanos, nem se torna assim somente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se transforma em objeto do discurso [...] Nós humanizamos o que se passa no mundo e em nós mesmos apenas falando sobre isso, e no curso desse ato aprendemos a ser humanos (BAUMAN, 2004, p. 179).

Nessa definição, salienta-se a importância do discurso durante o ato de aprender a ser humano. Considerando a preocupação das quatro vozes na categoria de análise educação, poder-se-ia encontrar no poder das palavras dessas poetisas a função ideológica que empregaram em seus discursos poéticos. Decerto não aumenta a chance de se alcançar a unidade da espécie humana postulada por Kant, mas foi escolha dessas poetisas a tentativa de unir poesia e educação com o intuito de sensibilizar a sociedade da qual fizeram parte no âmbito educacional.

Ao destacar a escrita feminina no mundo, embora Nísia Floresta não aborde diretamente o movimento das sufragistas, sua primeira publicação de tradução livre

do livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* vem da ideologia da mulher inglesa, a qual menciona no livro *Opúsculo Humanitário* como modelo ideal de mulher, que conquistara espaço na ciência, na literatura e na política sem se “rebaixar” ao modelo masculino que repudiava e também assinalava ser de responsabilidade feminina. Ao criticar as mulheres quanto ao machismo do homem, Nísia apontava a culpa da própria educação que a mulher empregava ao criar seus filhos. Assim, estaria nas mãos das mulheres a missão de transformar a sociedade da qual elas mesmas eram reféns.

Em seu livro *Amor Líquido* (2004), Bauman menciona Hannah Arendt ao referir que seu discurso em prol de humanidade, embora seja um sonho dos humanistas, pode ser considerado também um grito de guerra, dotado de uma realidade urgente. Dessa forma, é evidente nas vozes em estudo, que gritavam pelos direitos, pela liberdade, a defesa da essência e emancipação da mulher.

Nos dias de hoje, Bauman (2004) aponta dois seres distintos na sociedade, o *homo oeconomicus* e o *homo consumens*, e os descreve como homens e mulheres sem vínculos. Daí a relevância da poesia na sociedade, conforme as poetisas em estudo defendiam. Uma proposta nada fácil de suscitar, na sociedade líquida que ora fomenta os princípios econômicos, ora fomenta o consumo desenfreado.

Octavio Paz (2013), “A revolta do futuro” alerta que a identificação com a modernidade e civilização é um conceito novo fundado na América Latina. Ressalta que não há somente uma única teoria, mas um conceito exclusivamente ocidental, e se comparado com o conceito de tempo budista, por exemplo, vivenciam-se ideias de temporalidade diferenciada, porque em um mesmo mundo e em uma mesma época, porém em culturas historicamente sem a menor relação com o ocidente (PAZ, 2013, p. 29).

Nesse sentido, é importante destacar a abordagem de Lima no texto “Dos riscos de estar sozinho” referente ao livro *A ficção e o poema* (2012), no qual expõe que “tornei-me o habitante solitário de uma terra de ninguém” (p. 32). Assinala ainda a questão do ostracismo, em que a modernidade e seus “primeiros românticos” conduziram um pensamento repetitivo de uma sociedade segregadora. Atualmente, pode-se perceber essa sociedade fragmentada da qual emerge da

volatividade, resultado das críticas apontadas por Lima (ano) da herança hegeliana, de base historiográfica que retomavam o antigo prestígio da *imitatio*.

É possível encontrar nas críticas de Lima (2012) uma preocupação com a fragmentação da sociedade, fomentada pela escola clássica alemã, que na atualidade emerge de forma intensa. Os movimentos sociais tornam-se cada vez mais fragmentados, unidos por ideologias que mais dividem do que unem a sociedade com vistas ao processo humanizador.

Embora as quatro vozes das escritoras em estudo tendem a ecoar um discurso que atenderia os interesses dos movimentos feministas, não foi possível detectar que alguma das poetisas tratava dessa temática. Talvez seja ousado considerar que as quatro poetisas ressoavam a importância da feminilidade sem a intenção de fragmentar a sociedade, contrapondo homem *versus* mulher.

Em tese, a principal interface representada nas quatro vozes traduz o que se propõe no título deste trabalho: uma interligação no tocante à função e ao poder da poesia no processo de humanização da sociedade. Algo notável nas três categorias de análise que permearam esta pesquisa em busca de aproximá-las sem perder a essência de cada uma, em que se atentou para a tríade que as une ao considerar a poesia, a mulher e a educação.

As vozes evidenciam a importância de não se perder a feminilidade ao utilizar a escrita para manifestar os anseios por uma sociedade em que se respeite as diferenças, em que se possa expressar as manifestações culturais, sem que para isso a sociedade se fragmente e se isole em ilhas de interesse escusos e obscuros.

Nísia clamou para que as mulheres se unissem em busca de ideais políticos, científicos e literários, e que pudessem participar ativamente da vida pública, sem que para isso tivessem que se apropriar da cultura patriarcal e segregadora de seu tempo, reproduzida nos dias atuais, talvez com outra linguagem, outra roupagem, mas que ainda necessita de romper inúmeros paradigmas pela cultura ocidental, de heranças patriarcais que persistem em regurgitar em qualquer tempo e espaço.

Encerra-se este estudo com diversos questionamentos e dúvidas em relação ao futuro próximo do Brasil. Recentemente, a sociedade brasileira vem rechaçando alguns avanços significativos nas questões sociais, amparadas na Declaração

Universal dos Direitos Humanos em conjunto com as conquistas promulgadas por meio da Constituição Federal Brasileira de 1988.

Realça-se que ao se iniciar esta pesquisa, houve a intenção de destacar a “evolução” do pensamento feminino por meio da escrita poética. Atualmente devido a fluidez de uma sociedade líquida, que emerge de mudanças a todo momento. Julgou-se relevante pontuar a modernidade líquida de Bauman (2004), justamente para ressaltar a velocidade das mudanças na sociedade brasileira.

Fica possível essa percepção, ao lembrar os altos e baixos vivenciados na história do feminismo no Brasil, qual indica que logo após a mulher conquistar seu direito ao voto e avançar na participação social e política, vem seguida, um período de censura, qual silenciou as vozes femininas de forma evidente. Considera-se com isso esclarecer que, nenhuma conquista quanto aos direitos civis, sociais e políticos, é algo permanente ou definitivo numa sociedade líquida.

Nesse trajeto delineado pela escrita feminina, evidenciou-se a contribuição de cada poeta nessa viagem histórico e literária, respaldada nos poemas selecionados neste trabalho. Ainda há muito chão nesse trajeto tão recente da cultura ocidental brasileira mediante o conceito de tempo e espaço delineado na história da civilização.

Foi possível encontrar elementos de identificação que pudessem mais aproximar do que distanciar ante as obras em análise. No mesmo sentido, também foi possível compreender que a literatura colaborou significativamente na construção da identidade da mulher brasileira contemporânea.

Da mesma forma, tornou-se possível aferir a identidade de mulher revelada nos poemas em destaque, tornando a literatura feminina, em sua função total, social e ideológica, ferramenta principal na construção da identidade feminina voltada a sua emancipação. Averiguou-se que a escrita feminina tem se pautado em sistemas simbólicos, em suas necessidades espirituais e materiais, além de seus objetivos políticos, religiosos e filosóficos.

Enfim, considera-se fundamental destacar a possibilidade de compreender a importância em estimular uma proposta de humanização, por meio da poesia, pode ser uma ferramenta poderosa e significativa para a emancipação social da mulher em suas interfaces antropológicas, filosóficas ou sociológicas.

Reflete-se sobre as palavras Todorov (2009, 2009, p. 27):

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e sobre a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos.

Espera-se que a partir desta pesquisa, considerando a importância da poesia na função de seu poder de humanizar, possa haver continuidade dessa temática aprofundando-a por meio de uma pesquisa-ação que estimule a poesia na esfera educativa, conforme destacou-se na última categoria de análise mediante o legado deixado pelas quatro vozes em estudo, delineando o postulado de Freire (2002, p. 38): "Outro saber de que não posso duvidar um momento segue na minha prática educativo-crítica é o de que como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo".

Em junção ao que Pilati (2017, p. 93) defende em suas diretrizes e em suas pesquisas: "A missão da poesia é a de criar 'autonomia' por meio das palavras ordenadas". Atentando ao fato de que "[...] Assim, o grande desafio e o grande prazer da leitura estão em fruir essa multiplicidade de mundos que o pequeno mundo do poema nos entrega" (p. 93).

Defende-se a imensurável necessidade de prosseguimento desta pesquisa, acerca da função e do poder de humanização da poesia na expectativa de que o fomento por práticas educativas possa trazer maiores evidências a um futuro aprofundamento desta tese em conjunto com pesquisas que se aliem em proposições para o enriquecimento de testes e análises.

Salienta-se ainda a importância da experiência relatada nos "Laboratórios de Leituraescrita" apresentada por Pileti (2017, p.95), nas quais possam se estender de maneira experimental para demais estudos e práticas, de forma colaborativa e compartilhada, mediante núcleos de aprendizagem cujo foco sejam análises e discussões no fomento em pesquisas nesse campo.

Trata-se do intuito de expandir novos campos de pesquisas nesse âmbito que possam aferir a relevância e o impacto da poesia, seja como recurso didático ou como gênero literário. Porém na defesa de que a poesia possa atingir e ser capaz de instigar o maior senso de humanização social possível, refletindo oxalá em uma

autonomia e emancipação tão almejadas nos contextos antropológicos, filosóficos e sociológicos.

Contudo, considera-se fascinante o poder da arte sobre a vida. O poder da poesia sobre a humanidade. Ao finalizar esta tese, é possível compreender as infinitas possibilidades que ainda existem a desbravar, além de levar a reflexão do que se tem por trás de um poema. Composto de um emaranhado de memórias, histórias e sentimentos. Diga-se que cada poema, é como se fosse um pote que transborda ficção e realidade.

O que se pode deixar como contribuição seria afirmar que: ver a arte manifestar-se em poema, um poema em melodia, uma melodia em canção. Ver a arte que se transforma em imagens, esculturas, pinturas, gravuras, movimentos, performances, que ganham vida e seguem sua função social, é realmente um processo encantador. Mesmo que doloroso ou prazeroso ao artesão, entende-se que cada poeta, esculpe sensivelmente sua criação, muitas vezes sob lágrimas de tristeza, de alegria, de amargura, de amor, de contemplação, enfim, de emoção. Um legado riquíssimo, de um acervo cultural que se constitui patrimônio da humanidade.

5 REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- AMORA, Antonio Soares. **O romantismo: a literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.
- APPEL, Marta Lia Genro. **A escrita feminina contemporânea: retratos de uma época**. Disponível em: <www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/689/679>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Cecília Meireles**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/37568/40282>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. Maria Ermantina Gavão; Revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção ensino superior).
- BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BERND, Zilá, (Org). **Escrituras híbridas; estudos de literatura comparada interamericana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. Revista Sociopoética.
- BHABHA, K. Homi. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BORGES DE SÁ, VERA. A formação do Brasil contemporâneo por Caio Prado Júnior: contexto, epistemologia e hermenêutica de um clássico da historiografia brasileira. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3077/3077.PDF>>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a10v30n2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

_____. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Noções de análise histórico-literário**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2015.

_____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

Cecília Meireles. Espaço online da Editora Global. Disponível em: <<http://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=4124-cecilia-meireles>>. Acesso em 15 mar 2017.

CLEMENTS, Robert J. **Comparative literature as academic discipline: a statement of principles, praxis, standards**. New York: The Modern Language Association of America, 1978.

COHEN, Jean. **A Plenitude da linguagem (Teoria da Poeticidade)**. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1987.

COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania. **Literatura Comparada: Introdução**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada na América Latina**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **Helena Kolody: a poesia da inquietação**. Marechal Cândido Rondon: Edunioeste, 2010.

_____. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel: Edunioeste, 2012.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acesso em: 15 out 2017.

_____, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obr_a=205214>. Acesso em: 30 ago. 2015.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Enciclopédia Itaú Cultural. Biografia de Adélia Prado. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3596/adelia-prado>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Escritora mineira Adélia Prado é a grande vencedora do Prêmio de Literatura do Governo de Minas. Jornal Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/escritora-mineira-adelia-prado-e-a-grande-vencedora-do-premio-de-literatura-do-governo-de-minas.ghtml>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

FLORESTA, Nísia. ***Cintilações de uma Alma Brasileira***. Santa Cruz do Sul: Edunisc, Florianópolis: Mulheres, 1997.

_____. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4. ed. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Opúsculo humanitário**. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

_____. Programa Documentação TV NBR (2013). Documentário retrata história da escritora e educadora Nísia Floresta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fqz5fsFssE>>. Acesso em: 7 de set. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz&Terra, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Camões: Vocação de Antropólogo Moderno?** São Paulo, Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984.

FREUD, Sigmund. **O poeta e o fantasiar**. In: DUARTE, Rodrigo (Org). O belo autônomo - textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEGEL, Friedrich. **Cursos de Estética**. Volume IV / G. W. F. Hegel; tradução Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; Consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. - (Clássicos; 26).

_____. **Estética e Poesia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

INTERCULTURALIDADE e escrita feminina Latino-Americana: imaginário e memória. Organização de Antonio Donizeti da Cruz, Alexandra Santos Pinheiro, Encarnación Medina Arjona. Cascavel: Unioeste, 2016.

KOLOGY, Helena. **Paisagem interior**. 2. ed. Curitiba: 1950.

_____. **Reika**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993 (Série Buquinista).

_____. **Viagem no espelho**. 1. ed. Curitiba: Criar Edições, 1988.

_____, **Viagem no espelho**. 5. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª edição. São Paulo: Editora UmeP, 1999.

LIMA, Luiz Costa. **A ficção e o poema**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Teoria da literatura em suas fontes**. vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LIMA, Valéria Ferreira Santos de Almada. **Caio Prado Junior: Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia**. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/download/3847/1981>. Acesso em: 20 abr 2017.

LITERATURA e sociedade no contexto latino-americano / organizado por Antonio Donizeti da Cruz e Lourdes Kaminski Alves. – Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.

LUKÁCS, György. "Tributo do povo ou burocrata?" In: _____. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUNA, Claudia. **Nísia Floresta: Una viajera brasileña em el viejo mundo**. Viajera entre dos mundos. Sara Beatriz Guardia – edición y compilación. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

MARCHIORO, Camila. Cecília Meireles e os símbolos do absoluto. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal do Paraná - UFPR. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35769/r-d-camilamarchioro.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 ago. 2017.

MARTINS, SIMONE MARIA; CRUZ, ANTONIO DONIZETI. **Nísia Floresta: uma voz oculta na literatura brasileira**. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5211/2731>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MEIRELES, Cecília. **Canções**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956.

_____. **Cânticos**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Espectros**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Global, 2013.

_____. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5628/material/CEC%C3%83%C2%ADLia%20Meireles%20-%20Romanceiro%20da%20Inconfid%C3%83%C2%Aancia%20%5BRev%5D%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 20 mai 2017.

_____. **Viagem**. Lisboa: Ocidente, 1939.

MIRANDA, Paula. **La Poesía de Violeta Parra**. Editorial Cuarto Propio: Chile, 2014.

MISTRAL, Gabriela. **Poema de Chile**. Tradução Doris Dana. Editorial Pomare: 1967.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12ª ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Museu Nísia Floresta. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/museus/museu-nisia-floresta/>. Acesso em: 20 mar. 2017

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é** / Friedrich Nietzsche. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PARRO, Violeta. **Gracias a la vida**. Disponível em: <http://www.cancioneros.com/nc/685/0/gracias-a-la-vida-violeta-parra>. Acesso em: 12 mai. 2018.

_____. **Discografía: LP originales: Las últimas composiciones de Violeta Parra** (1966), RCA-VÍCTOR, Santiago, 1967.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela. M.S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2017.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. **Miserere**. 2. ed. São Paulo: Editora Record, 2014.

_____. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Oráculos de maio**. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. **Terra de Santa Cruz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

Programa Sempre um Papo (2008). Aula magna: O poder humanizador da poesia. Disponível em: <<http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHMIDT, Terezinha Rita. Mulheres reescrevendo a nação. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858/9091>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Sinfonia da vida: Helena Kolody (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 2ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WALCOTT, Derek. Entrevista na VII Fliporto - Portugal (2012). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2011/11/subestimamos/>>. Acesso em: 12 de jan. 2015.

_____. Iconografia e História na Literatura de Derek Walcott. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2453>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Omeros** / Derek Walcott; tradução Paulo Vizioli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLLSTONECRAFT, MARY. **A Vindication of the Rights of Men A Vindication of the Rights of Woman An Historical and Moral View of the French Revolution**. New York: Oxford World's Classis, 1993.

5.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO - BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES, LIVROS E ARTIGOS

ALVES, Iraceli da Cruz. A política em Prosa e Poesia: uma história da militância feminina no Partido Comunista do Brasil - Seção Bahia - 1942-1949. 2015. 240 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ALVES, José Helder Pinheiro. A poesia de Adélia Prado. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

ARAUJO, Benicio Mackson Duarte. Entre Nísia Floresta e Lya Luft: a identidade da mulher na escrita literária de autoria feminina. 2017. 97 f. (Mestrado em Letras) Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

BEZERRA, Gleire Belchior de Aguiar (Org.). Nísia Floresta: Uma mulher à frente do seu tempo. São Paulo: Editora Fundação Ulysses Guimarães. Disponível em: <<http://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Nisia-Floresta-Completo.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

CARVALHO, Denise Maria de. **"A Função Social da Escrita: o saber da criança o fazer da escola"**. 1991. 135 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/artigos%20em%20pdf/Luciana_Martins.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

CHACON, Alyanne de Freitas. O discurso autobiográfico nos relatos de viagem de Nísia Floresta. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16214/1/AlyanneFC_DISSERT.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

CITELLI, Adilson. O cotidiano revelado na poesia de Adélia Prado. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/43336/46958>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

DIAS, Maria Heloisa Martins. O pacto primordial entre Mulher e escrita na obra ficcional de Teolinda Gersão. 1992. 263 f. Doutorado em Letras. Universidade de São Paulo.

ILVA, Cleonice Nascimento da. A busca da identidade feminina na poesia de Gilka Machado e Florbela Espanca. 2004. 213 f. Doutorado em LETRAS. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis.

ITAQUY, Antônio Carlos de Oliveira. Nísia Floresta: ousadia de uma feminista no Brasil do Século XIX. 2013. 65 f. Monografia (Graduação em Letras) –Departamento de Humanidades e Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2730/NISIA%20FLORESTA%20PDF.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 out. 2016.

FERNANDES, Hercília Maria. 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14289/1/HerciliaMF.pdf>>.

Acesso em: 15 nov. 2016.

FRANCISCO, Maria Aparecida de Lima. Metalinguagem no discurso poético de Cecília Meireles: a configuração do “eu lírico em Viagem”. 2015. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/.../Tese-Doutorado-Maria-Aparecida.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

LIMA, Stélio Torquato. O indianismo e o problema da identidade nacional em a lágrima de um caeté, de Nísia Floresta. 2008. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_pdf_Stelio.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LOPES, Dulcilene Brito. O Erotismo em Viagem, de Cecília Meireles. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros. Disponível em:

<http://www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos_upload/banco_dissertacoes/84.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Vozes femininas: um estudo sobre a revista feminina e a luta pelo direito ao voto, ao trabalho e à instrução. 2012 135 f. (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas.

MARQUEZ, Maíra Carmo. A poesia de Bagagem, de Adélia Prado. 2012. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-09112012-093125/pt-br.php>>.

Acesso em: 29 dez. 2016.

MEIRELES. Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MÉLLO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. As contribuições de Cecília Meireles para a leitura e a literatura infantil. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/2175-7917.../8816>>.

Acesso em: 10 nov. 2016.

MILANESI, Vera Márcia. Cecília Meireles: momentos e canções. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2661/2355>>. Acesso em jul. 2017.

MOREIRA, Angélica Cristina Cordeiro; BATISTA, Valdirene Barboza de Araújo. Leitura literária: uma análise da recepção de poemas de Helena Kolody. Disponível

em:

<<http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/soLetras2013/Ang%C3%A9lica%20Cristina%20Cordeiro%20Moreira.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.

MOREIRA, Ubirajara Araújo. Adélia Prado: a cotidiana poesia. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

NEVES, Ligia de Amorim. Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira: perspectivas de rupturas e continuidades. 2013. 101f. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/laneves.PDF>>. Acesso em: ago. 2017.

NICOLITTO, Leila Cristina Fajardo. Adélia Prado e o diálogo com mulheres bíblicas. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências e Letras de Assis – UNESP. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94125/nicolitto_lcf_me_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 out. 2016.

PEREIRA, Laura Santos. Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista. 2017. 103f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2929/5/Laura_Pereira_2017.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

PERES, Roseni Maria. Poesia na escola: uma possibilidade de humanização e formação de leitores. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/media/files/profLetrasCACERES/ROSENI%20MARIA%20PERES.pdf>>. Acesso em ago. 2017.

PINTO, Priscila Maini. Adélia Prado: o cotidiano e os conflitos femininos diante das pessoas e seus sentimentos. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/931/608>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

QUELUZ, Gilson Leandro. A era espacial de Helena Kolody: uma crítica romântica da tecnologia. Disponível em: <<http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/53>>. Acesso em: 12 out. 2016.

ROSA, Graziela Rinaldi. Equidade de gênero em Nísia Floresta. Disponível em: <<file:///C:/Users/Simone/Downloads/2840-53922-1-PB.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ROSA, Graziela Rinaldi. Transgressão e moralidade na formação de uma matrona esclarecida: contradições na filosofia de educação nisiana. 2012. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em:

<<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/GrazielaRinaldidaRosa.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. O Brasil ilustrado (1855-1856) e a colaboração de Nísia Floresta. Disponível em:

<<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/artigo-10---o-brasil-ilustrado-1855-1856-e-a-colaboracao-de-nisia-floresta---benedita-de-cassia-lima-santanna.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SILVA, Cristiane Viana da. A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914. 2014. 176 f. (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Estadual do Piauí.

SILVA, Jacicarla Souza da. Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias. 2007. 197f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita - UNESP, Assis. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94099/silva_is_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: ago. 2017.

SILVA, Mara Cristiane Vitorino da. Ideologia e Poder nos Enunciados Discursivos na Revistas Femininas: um perfil da mulher burguesa. 2004. 162 f. (Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

SILVA, Marciano Lopes. Natureza, romantismo e espiritualidade na poesia de Helena Kolody, Sigrid Renaux e Marcele Aires. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/55316/99102>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SOARES, Marly Catarina. Helena Kolody: uma voz imigrante na poesia paranaense. 1997. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000126160&fd=y>>.

Acesso em: 28 dez. 2016.

TAVARES, Cristiane Fernandes. Metalinguagem: a palavra consagrada na poesia de Adélia Prado. Disponível em:

<<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/49/63>>.

Acesso em: 28 dez. 2016.

TAMANINI, Paulo Augusto. Helena Kolody: a poeta-teóloga dos versos simples. Helena Kolody: the poet-theologian of simple verses. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/23929/18546>>. Acesso em: 7 set. 2016.

UNSER, Noeli Teresinha. Adélia Prado: lírica e imaginário. 2005. 90 fl. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

ZANINI, Ana Maria. A poesia de Helena Kolody: religiosidade em confluências da arte. 2011. 91 fl. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

5.2 LEVANTAMENTO DOCUMENTAL - VÍDEOS

Cecília Meireles recita seus poemas (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UWwx8tsdjpQ>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

Documentário TV Paulo Freire (2015). Helena Kolody - 100 anos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=idPsLrdwdv8>>. Acesso em: 7 set. 2016.

_____. Documentário TV Paulo Freire (2012). Helena Kolody - Curtas na Tv. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7exlqBgKfk>>. Acesso em: 7 set. 2016.

Entrevista TV Professor. Helena Kolody – Lição Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CPaF_w1lmc>. Acesso em: 10 set. 2016.

Programa conhecendo museus (2014). Museu Nísia Floresta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cg2OkhCUZsU>>. Acesso em: 2 de nov. 2016.

Programa plural TV Aripê (2016). Nísia Floresta. - Bloco 1/2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mUJM34riNh8>>. Acesso em: 2 de nov. 2016.

_____. Programa plural TV Aripê (2016). Nísia Floresta. - Bloco 2/2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4WCUyz9_1U>. Acesso em: 2 de nov. 2016.

Programa Ciência & Letras Canal Saúde Oficial (2015). Entrevista com Yolanda Lôbo e Ricardo Vieira Lima sobre a vida e a obra da poeta Cecília Meireles. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aM5iqM-sL5s>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

Programa Editora Saraiva (2010). Entrevista com Adélia Prado: a simplicidade de um estilo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BcFhohzPc7Q>>. Acesso em: 15 out. 2016.

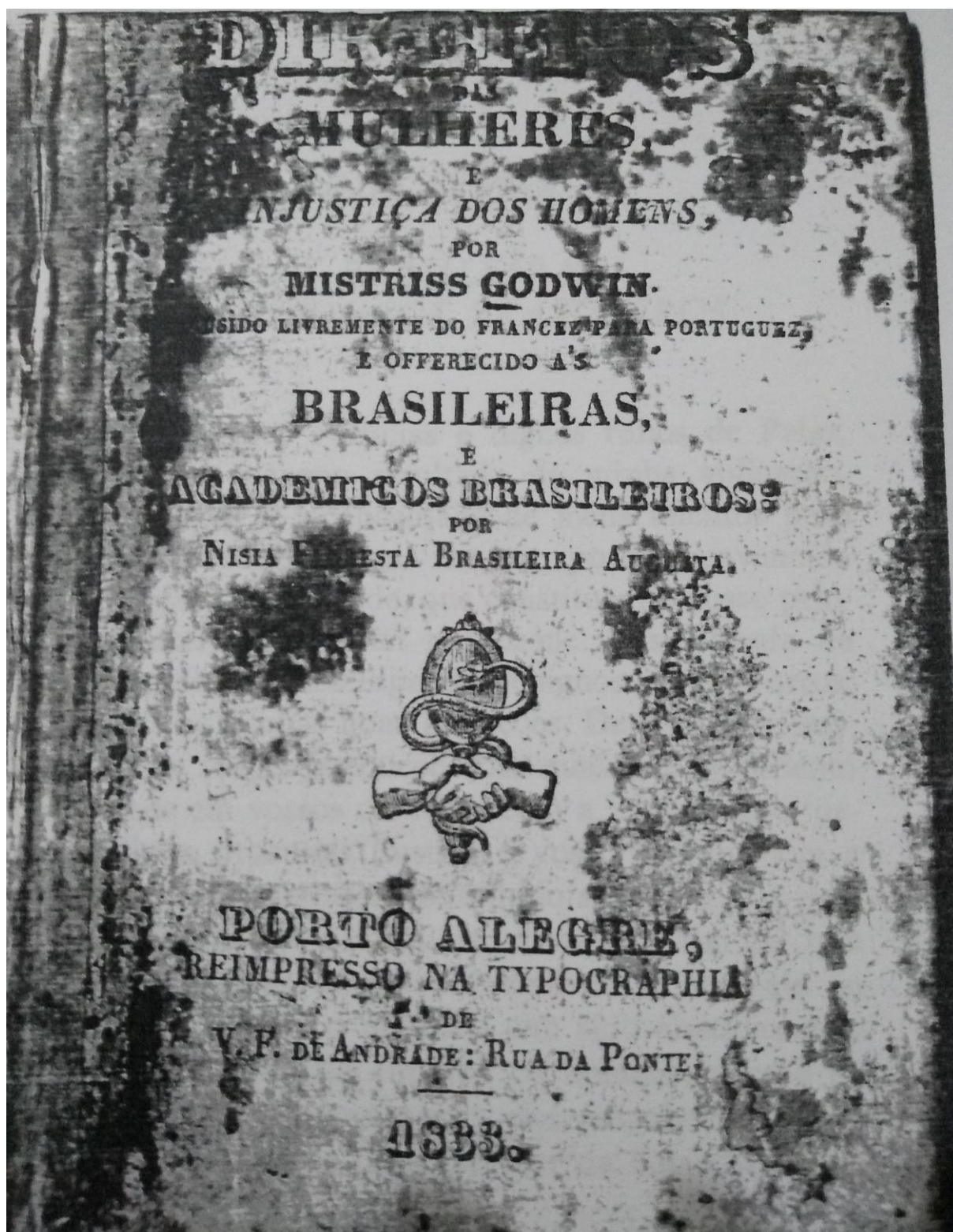
Programa Sempre um Papo (2016). Adélia Prado no Sempre Um Papo - 30 anos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aM5iqM-sL5s>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

Recital do livro Cânticos de Cecília Meireles (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aumr5yAahEo>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

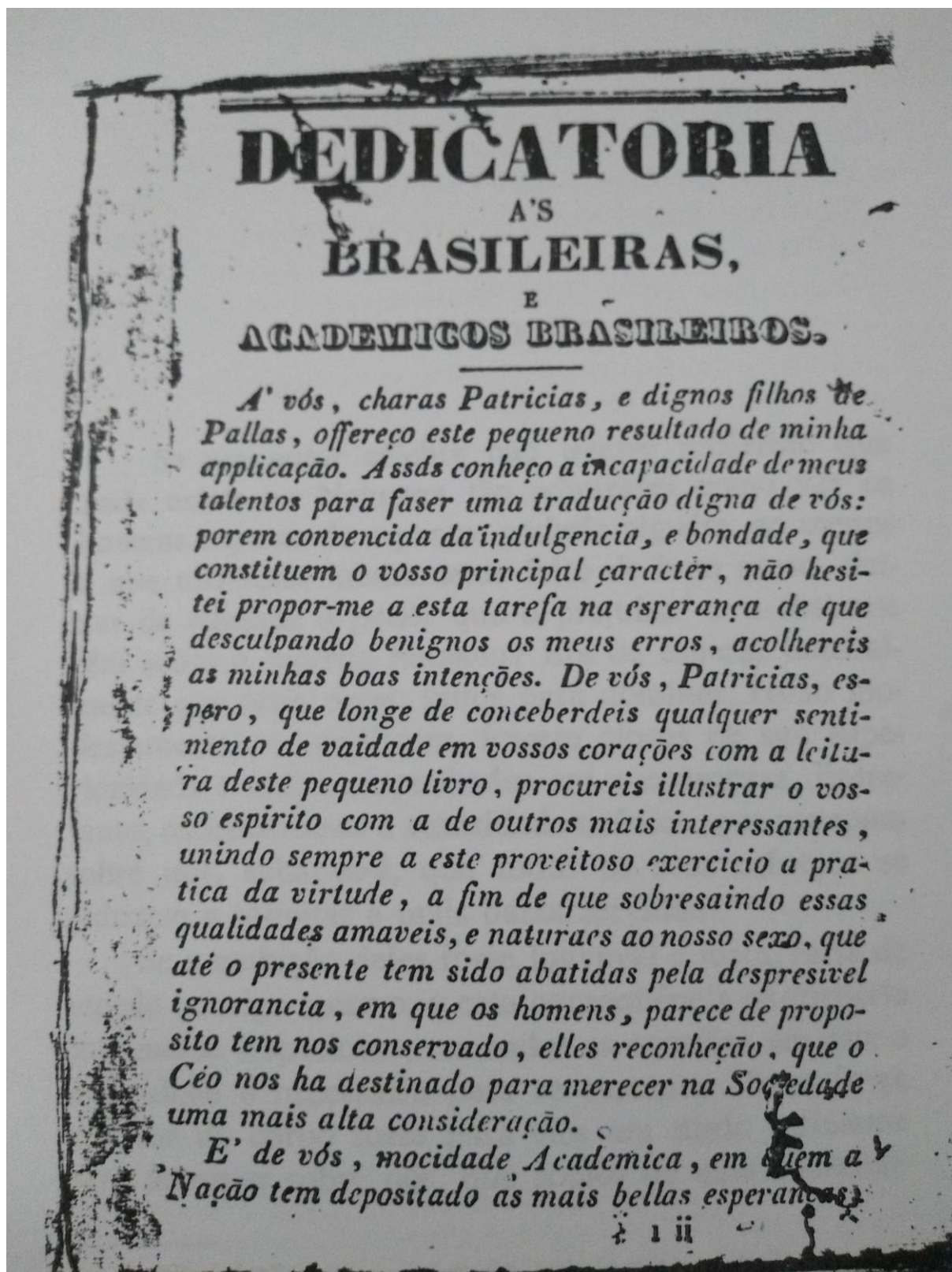
Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural (2015). Nísia Floresta o desenho de uma vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YJoAfNdVwGQ>>. Acesso em: 8 de set. 2016.

6 ANEXOS

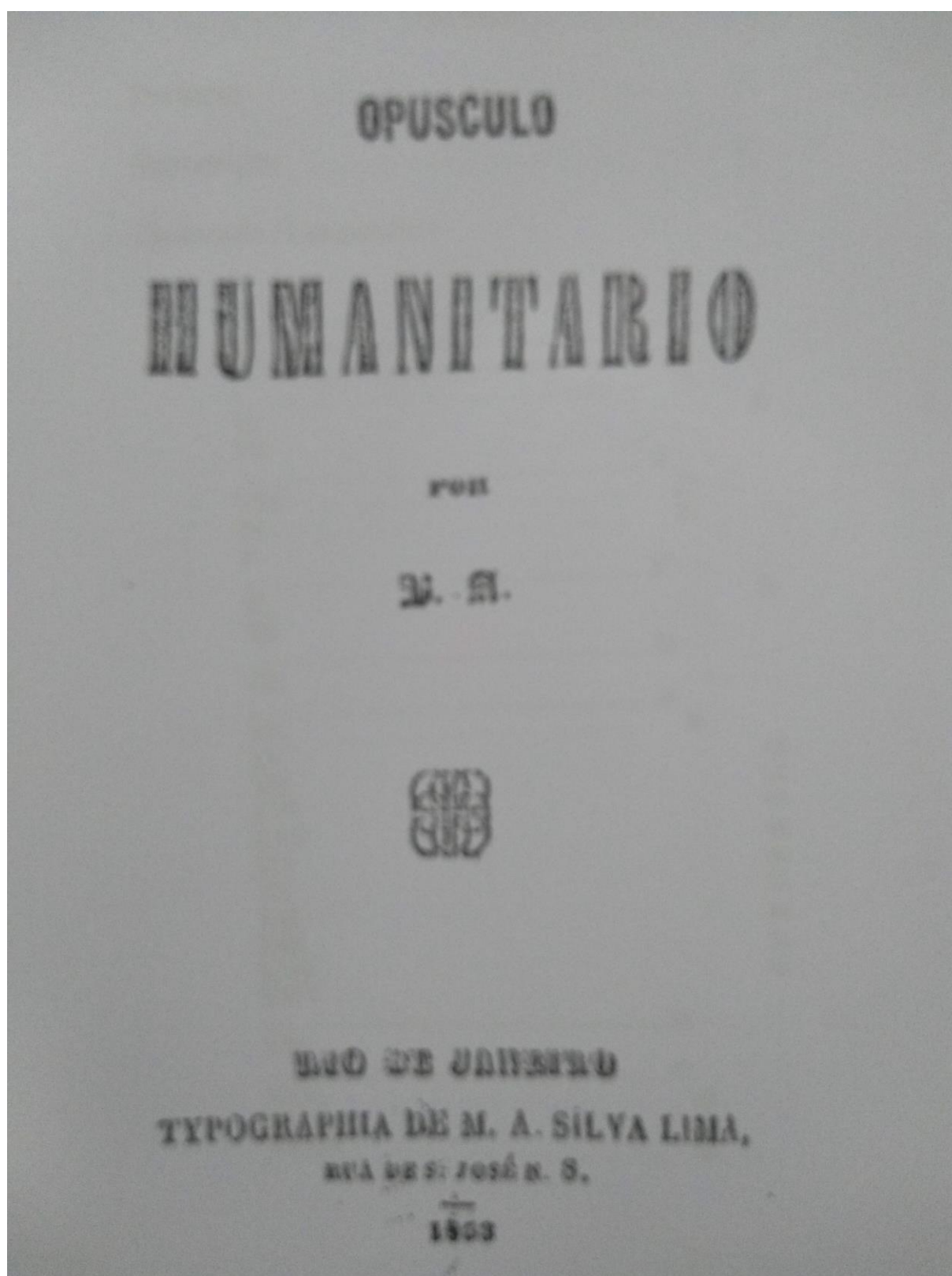
6.1 CAPA DO LIVRO DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS (1833)



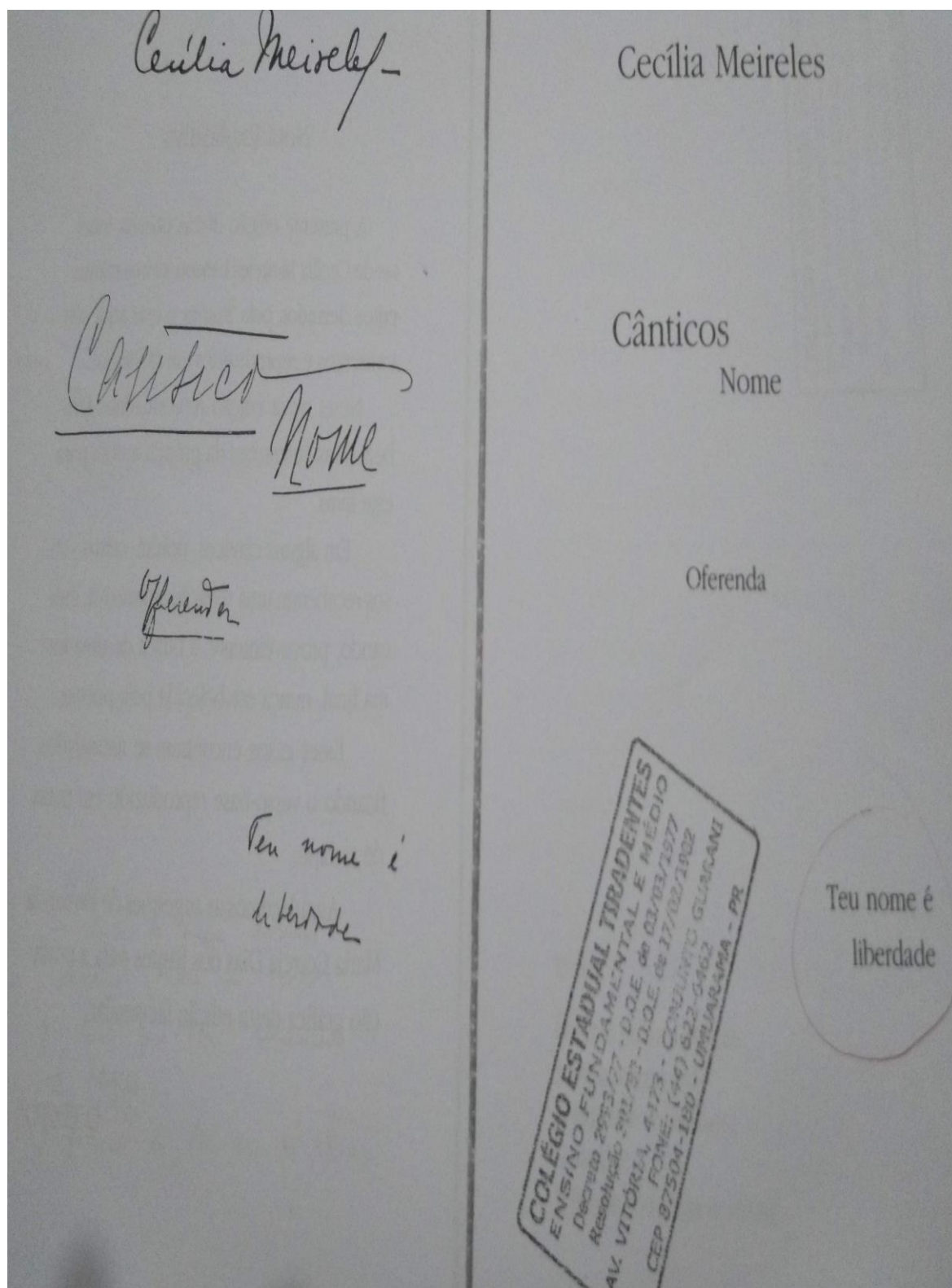
6.1.1 DEDICATÓRIA DE NÍSIA NO LIVRO DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS (1833)



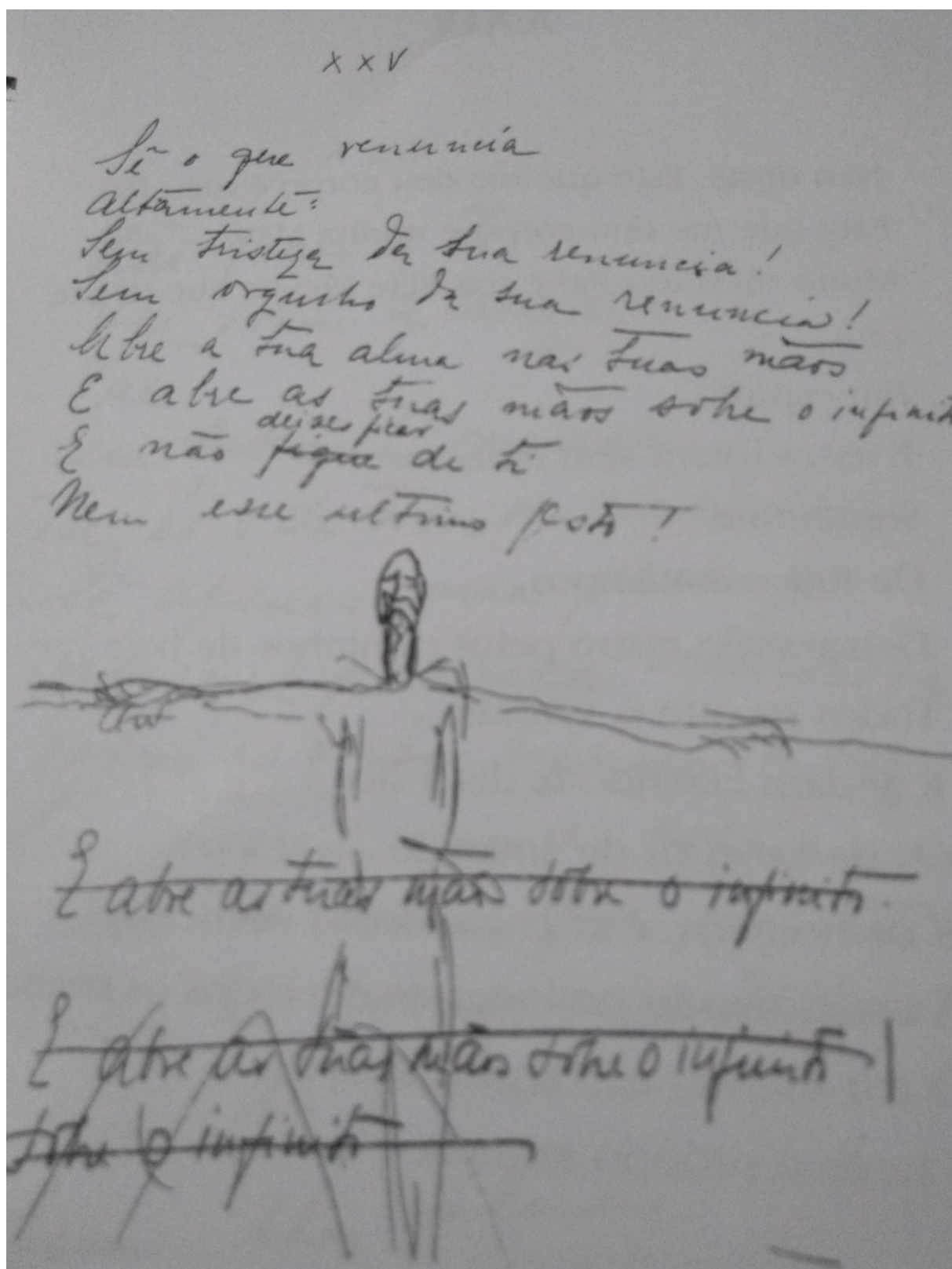
6.2 CAPA DO LIVRO OPÚSCULO HUMANITÁRIO (1853)



6.3 RASCUNHOS ORIGINAIS - CAPA DO LIVRO CÂNTICOS



6.3.1 RASCUNHOS ORIGINAIS – PENÚLTIMA POESIA DO LIVRO CÂNTICOS



6.3.2 VERSÃO DIGITADA – PENÚLTIMA POESIA DO LIVRO CÂNTICOS

XXV

Sê o que renuncia
Altamente:
Sem tristeza da tua renúncia!
Sem orgulho da tua renúncia!
Abre a tua alma nas tuas mãos
E abre as tuas mãos sobre o infinito.
E não deixes ficar de ti
Nem esse último gesto!